LER NA 3.ª PÁGINA — AS RELIGIOSAS QUE ABANDONAM O CONVENTO

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 921 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

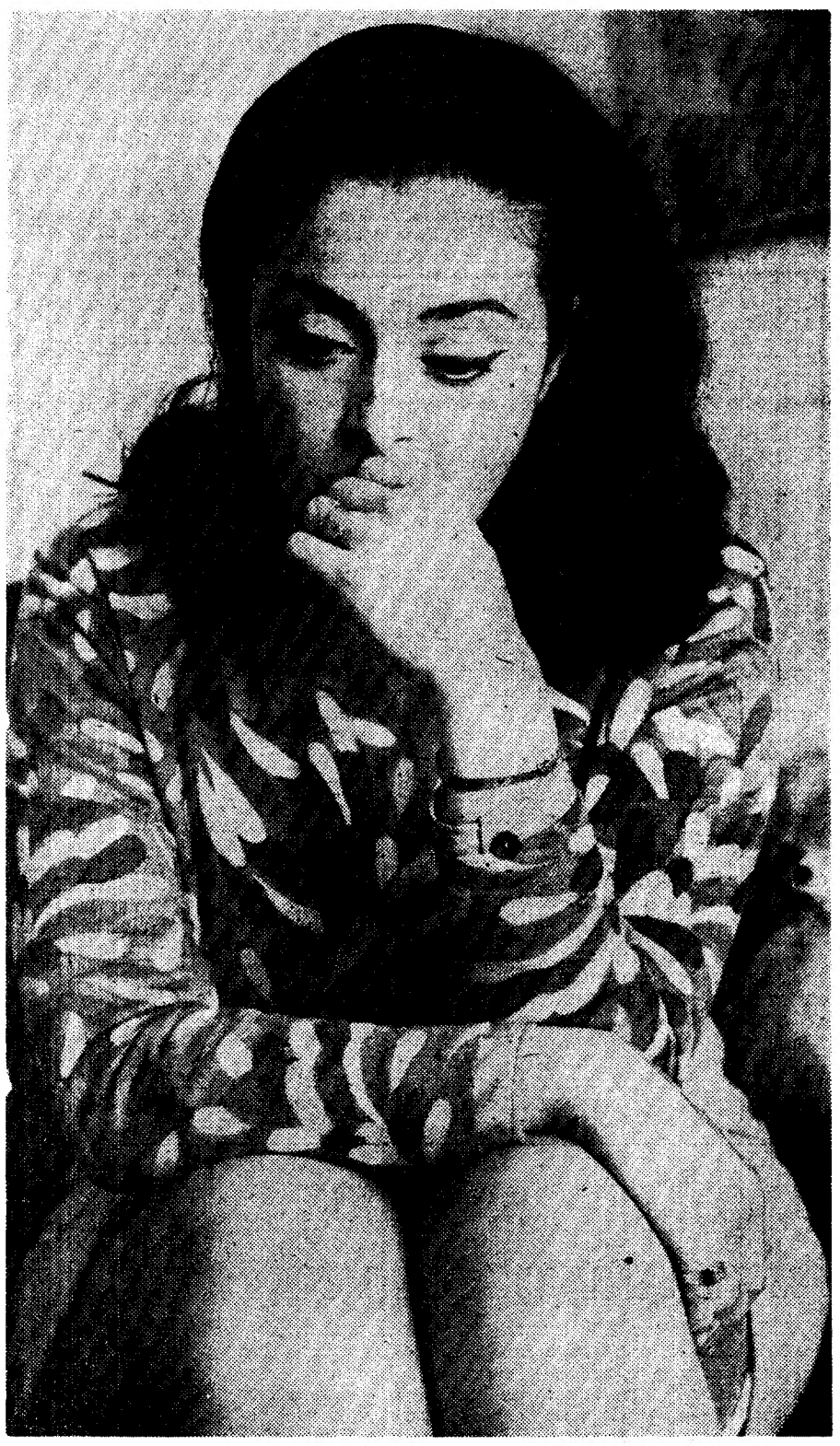
A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

A INDÚSTRIA QUEIXA-SE DOS PORTOS E DOS COMBÓIOS

A indústria queixa-se das insuficiências dos portos e dos transportes ferroviários. E também, mas em menor escala, de dificuldades no transporte rodoviário. A situação foi sintetizada num relatório da Corporação da Indústria, que data de Março de 1966, mas que aquele organismo, em comunicação hoje apresentada ao Colóquio Nacional de Transportes, indica «ter verificado que na quase totalidade dos sectores, os problemas se mantêm, uma vez que não foram tomadas até ao presente as medidas convenientes para os resolver».

Na sua comunicação, a Corporação da Indústria refere as deficiências que afectam a exploração de pedreiras; extracção de mármores; a moagem; descasque, branqueamento e glacinagem do arroz; panificação; massas alimentícias, bolachas e chocolates; fabricação de amidos; águas, refrigerantes e sumos de frutos; serração de madeiras; cortiça; indústrias químicas, em geral; óleos, seus derivados e sucedâneos; tintas; fabricação de especialidades farmacêuticas; resinosos; fabricação de materiais de barro para a construção; fabricação de vidro; fabricação de cimento; indústrias de construção e reparação naval; montagem de veículos automóveis; construção de máquinas, aparelhos e outro material eléctrico; e electricidade. (Ler na página central)



SIMONE PERDEU A VOZ

Com 12 anos de carreira artística (completados exactamente hoje), Simone de Oliveira talvez não volte a poder cantar. «Estou realmente mentalizada para isso: perdi a voz e não posso dar pianinhos». **(Ler na página 10)**

MIL E OITOCENTAS AVES EXPOSTAS EM LISBOA

Cerca de 1800 aves canoras e ornamentais, de 300 variedades, estão desde hoje expostas no pavilhão da F. I. L., á Junqueira, onde o Chefe do Estado, acompanhado pelo secretário de Estado da Agricultura, inaugurou, de manhã, as Jornadas Avícolas de 1970 — Exposição Mundial de Aves.

Ao acto inaugural estiveram, também, presentes o vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Segismundo Saldanha, o presidente da F. I. L., dr. Cortez Pinto, e o director da exposição, dr. Mário Teixeira, presidente da Associação dos Avicultores de Portugal

O almirante Americo Thomaz começou por percorrer a parte industrial, demorando-se em cada um dos «stands» representativos das diversas granjas nacionais que participam na iniciativa. Motivo de admiração especial: um estranho mecanismo, total- (Continua na página central)

O perú também se inclui entre as 300 variedades de aves presentes na exposição hoje inaugurada

«A VOZ»

Entrou no seu 48.º ano de publicação o nosso prezado colega «A Voz», a cujo director, Pedro Correia Marques e aos seus colaboradores apresentamos as nossas felicitações.

Celebrando a efeméride, houve, esta manhã, missa na igreja das Chagas, rezada pelo rev. dr. Agostinho Veloso.

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (Ler na página 13)

ÁLBUM DE LISBOA

Prossegue nos Bairros de Lisboa a recepção de cadernetas

ESTÁ A SER ACOMPANHADA com entusiasmo a recepção de cadernetas, que, como temos noticiado, se verifica nos «stands» Gazcidla espalhados pelos bairros da capital. Depois de Alfama, da Madragoa e do Bairro Alto, segue-se, amanhã, o bairro da Graça, onde, no «stand» Gazcidla do Largo da Graça, 63-D, prosseguirá a entrega das cadernetas e numeração do respectivo boletim de identificação para habilitar os concorrentes ao sorteio de magníficos prémios, que, no total, excedem as três centenas de contos.

Evidentemente, qualquer concorrente de Lisboa, se assim quiser, poderá fazer a entrega da sua caderneta no bairro que mais lhe convier. Não precisa, para isso, de ser ali residente. A recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla, efectuada com a colaboração da Cidla, que patrocina a nossa iniciativa, promove-se para comodidade dos concorrentes de Lisboa, evitando-lhes demoras e deslocações. Esclarecemos, ainda, que os funcionários do nosso Jornal dispõem de colecções de gravuras prevendo a necessidade de completar algumas cadernetas.

Recordamos, pois, as datas de recepção de cadernetas e a localização dos «stands» Gazcidla:

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

JANEIRO

29 — Largo da Graça, 63-D	— GRAÇA
30 — Rua de Campolide, 94-C	— CAMPOLIDE
31 — Rua Infantaria, 16, 57-A	— C. DE OURIQUE

FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32	— LUMIAR
3 — Rua Emília das Neves, 4-B	— BENFICA
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B	— OLIVAIS
5 — Av. Miguel Bombarda, 56-A	— AVEN. NOVAS
6 — Rua José Duro, 27-C	— ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A	
9 — Rua do Alecrim, 77	
10 — Praça Marquês de Pombal, 1	
11 — Largo do Calvário, 12-C	— ALCANTARA
12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C	— ARROIOS

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Continuamos a receber as cadernetas dos concorrentes da província e remetidas pelo correio. Lembramos, entretanto, que as cadernetas devem ser franquiadas com 2$00, para evitar multas e consequentes demoras na resposta. Os concorrentes que pretenderem a devolução do boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio de prémios, devem juntar um selo de 1$00. Toda a correspondência relacionada com o concurso deverá ser remetida para os nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa.

Nos «stands» Gazcidla prossegue a recepção das cadernetas do nosso concurso. Ontem coube a vez ao do Bairro Alto, onde residentes naquela e noutras zonas da cidade, receberam os números que os habilitarão ao sorteio de magníficos prémios

TRIBUNAIS

O JULGAMENTO DO CASO DO ASSALTO A BANCO DA FIGUEIRA DA FOZ

Com as alegações orais do representante do assistente e de alguns dos advogados de defesa, continuou ontem, no 2.º Juízo Criminal, sob a presidência do corregedor Lopes de Melo, o julgamento do caso do assalto á agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz.

Depois de na última sessão ter usado da palavra o representante do Ministério Público, ajudante do procurador da República dr. Antero Dinis, que fez uma análise aprofundada do processo, definindo a posição de cada um dos réus e reconhecendo que dois deles (Rui da Conceição Vieira e Francisco Barracosa) deveriam ser absolvidos, ontem falou, em primeiro lugar, o dr. Mário Pais de Sousa, advogado do Banco de Portugal.

Este causídico fez diversas considerações sobre a matéria de facto e sobre o direito aplicável, lamentando, a certo passo, que não estivessem presentes os quatro assaltantes — Hermínio da Palma Inácio, António Barracosa, Luís Benvindo e Camilo Tavares Mortágua. Referiu-se aos pedidos de extradição destes arguidos e ao facto da extradição não se ter efectuado. Acrescentou ainda que o dizer-se que o assalto teve fins políticos não diminui a gravidade dos crimes de que os réus são acusados — sendo de parecer que não cabem quaisquer responsabilidades, porém, aos arguidos Rui da Conceição Vieira, Aníbal Queiroga Pires e Francisco Barracosa.

Fez depois as suas alegações o dr. João Gomes, da Guarda, advogado do réu António Barracosa, que, como os restantes advogados de defesa, se referiu ao móbil político do assalto e se ocupou do problema das notas corridas e das notas «virgens»—estas (a grande maioria) sem poder liberatório.

Falou em seguida o dr. António de Sousa, defensor oficioso dos réus Palma Inácio, Luís Benvindo e Camilo Mortágua, ausentes no estrangeiro e ainda dos réus Germano de Mateus Jesus Filipe, Júlio dos Santos Alves, Maria Xufre e Joaquim da Silva Ramos (este preso), que depois de uma breve apreciação do processo, pediu justiça. O dr. Vasco da Gama Fernandes, advogado do réu Rui da Conceição Vieira, sublinhou diversos aspectos relacionados com a forma como o processo foi instruído e sobre as circunstancias (referidas em tribunal) em que os réus foram interrogados. Esclareceu que o seu constituinte emprestara uma motoreta sua a um amigo para ir passar um fim de semana a Sines, desconhecendo todo o resto — encontrando-se, por esse facto, preso há cerca de trinta meses. Concluiu por pedir a absolvição do seu constituinte.

O dr. Mário Soares, no uso da palavra, começou por dizer que tinha intervido no processo como advogado do Palma Inácio, explicando depois as razões jurídicas que o levaram a não juntar agora a procuração daquele réu. Quanto ao seu constituinte Natário Ramos (em relação ao qual o julgamento foi suspenso, dado ter sido ordenado um exame ás suas faculdades mentais, salientou que ele tinha apenas 19 anos quando foi preso.

Quanto ao réu Oliveira Cabrita Gonçalves, depois de outras considerações, afirmou que a ser condenado, ele apenas o poderia ser como encobridor e não como cumplice e muito menos como co-autor.

Por último fez as suas alegações o dr. Jorge Tavares Lopes, de Coimbra, defensor do Francisco Barracosa, que depois de várias considerações sobre a de facto e de direito, pediu a absolvição do seu constituinte.

O julgamento está a prosseguir esta tarde, com as alegações dos advogados drs. Pedroso Lima, Luís Biscaia, Francisco Salgado Zenha e Armando Bacelar.

As alegações da defesa devem terminar hoje, devendo na próxima audiência o tribunal dar as respostas aos quesitos.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

Sob a presidência do dr. Manuel Farinha dos Santos, reuniu-se a Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Antes da comunicação do mês, o presidente ocupou-se da recensão das últimas publicações, tendo referido as obras: «A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato», da autoria dos drs. Octávio e Seomara da Veiga Ferreira, «Caçadores da Idade da Pedra» e «A Arqueologia—descoberta das civilizações desaparecidas».

Na comunicação do mês, o dr. Veiga Ferreira referiu-se á existência de uma nova estação pré-histórica com cerâmica cardial, descoberta pelo geólogo dr. Manupella na região do cabo de Sagres.

UMA DECISÃO DO GOVERNO

Vai ser elaborado um plano de regularização do Tejo e do Mondego

Da Presidência do Conselho, através da S. E. I. T., recebemos a seguinte informação:

«O Governo tem seguido atentamente a situação criada pelas inundações ocorridas no vale do Tejo, nas últimas semanas, e, além de estar a promover a ocupação em obras de interesse público, subsidiadas pelo Fundo de Desemprego, dos trabalhadores agrícolas desempregados, anuncia as seguintes providências:

1. Serão tidos em conta os prejuízos em relação ás sementeiras perdidas, facultando, a crédito, sementes de trigo e de milho híbrido.

Será prestada, também, assistência técnica aos empresários agrícolas e procurar-se-á acudir á limpeza e arranjo dos caminhos vicinais, nas regiões mais duramente atingidas.

Neste sentido, foram já transmitidas instruções aos serviços regionais agrícolas, que actuarão em íntima colaboração com os organismos da lavoura, a fim de serem esclarecidos os interessados.

2. Serão reparados os estragos causados nas estradas nacionais e municipais tão depressa as condições o permitam.

3. Iniciar-se-á imediatamente a elaboração de um plano geral de regularização do rio Tejo, tendo fundamentalmente em vista a defesa dos campos e das povoações marginais contra as cheias e a drenagem das terras defendidas.

Medidas idênticas estão consideradas para o vale do Mondego, incluindo a preparação do início das obras primárias de protecção definitiva dos seus campos contra as cheias».

A «Tragédia de Ésquilo» numa comunicação

APRESENTADA NA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Num dos anfiteatros da Faculdade de Letras houve uma sessão da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos durante a qual o sr. prof. dr. Manuel de Oliveira Pulqurip fez uma comunicação subordinada ao tema: «O sacrifício de Ifigénia no «Agamemnon», de Esquilo».

Na opinião do orador, a análise da actuação do coro nesta tragédia permite concluir que a expedição dos gregos a Tróia não gozava do beneplácito divino. Deste modo, Agamemnon não pôde considerar-se ministro de Zéus e a desgraça que o fere no sacrifício de Ifigénia não compromete a lógica e a justiça do comportamento dos deuses olímpicos.

O trabalho do orador foi muito apreciado e seguiu-se animada troca de impressões, na qual tomaram parte professores e estudantes.

EXPOSIÇÃO (NA S. N. B. A.) DE LEONOR PRAÇA

Na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A., á Rua Barata Salgueiro, é inaugurada amanhã, ás 18 horas, uma exposição de Leonor Praça.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

«Operação Saudade»

Vindo da Guiné, chegou hoje a Lisboa o soldado José Pereira Morais, de Almofada (Castro Daire) que foi contemplado com o Prémio M. N. F. da Operação Saudade».

AS RELIGIOSAS QUE ABANDONAM O CONVENTO

I — UMA «EPIDEMIA» DE ABANDONOS?

A votação maciça do concílio pastoral holandês, que se pronunciou contra o celibato obrigatório do clero, é uma das manifestações mais visíveis da crise que sacode a Igreja Católica. Esta tomada de posição não põe em causa a doutrina, mas vai chamar a atenção devido ao seu carácter passional e porque revela uma fortíssima oposição às directrizes pontificais.

O clero secular não é, aliás, o único a contestar as formas tradicionais. As congregações ou as ordens religiosas também têm dificuldades, e, ao, a partir do concílio, os seus responsáveis se esforçam por encontrar um novo estilo de vida mais adaptado às necessidades actuais, o certo é que as coisas continuam a não correr bem. Ainda que se fale menos delas, as comunidades religiosas femininas atravessam também uma crise, que se traduz, nomeadamente, por uma diminuição regular dos seus efectivos.

Pela primeira vez, todas as religiosas de França são objecto de um inquérito científico. Começado em Janeiro de 1968 e confiado ao Centro de Investigações Economia e Humanismo, esta entrou na sua fase definitiva.

Alguns resultados brutos, de carácter meramente oficioso e provisório, se podem já deduzir. Sabe-se, por exemplo, que o número total das religiosas em França pode ser avaliado em 114 800, compreendendo as noviças, e que esse número engloba umas 10 400 a 10 500 contemplativas. A este número há que somar cerca de 9500 religiosas francesas actualmente no estrangeiro.

Os efectivos globais teriam descido em cerca de 13 por cento de 1945 para cá. Quanto à crise das vocações, pode ser ilustrada com a diminuição do número das noviças. Se tomarmos como base o número 100, em 1945, este ano as vocações fixam-se em 36,2 por cento.

O inquérito em curso deveria esclarecer, de maneira precisa, outro fenómeno mal conhecido, o do abandono da vida religiosa, nas comunidades femininas.

«*Para pensar a sério em entrar hoje na vida religiosa será necessário ter um gosto — suspeito — pelos barcos que estão a afundar-se?*» Não é uma provocação, nem sequer ironia: a questão é posta por uma religiosa no último número de uma revista para religiosas. Por seu lado, ao anunciar, em Setembro, o encerramento do Carmelo de Pau, comenta o bispo de Bayonne: «*As tantas casas que fecham — e a lista está infelizmente longe do fim — não encerram pela má vontade de quem quer que seja, mas sim por acto do próprio povo cristão (...). Foi ele que fechou e continua a fechar os conventos...*»

Um barco a afundar-se? As opiniões divergem, fundadas, provàvelmente, em diferentes princípios de navegação. Em todo o caso o que é facto é que o barco está menos pesado e continua, ao que parece, a perder peso.

Por ROBERT SOLÉ

(Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

A baixa de «recrutamento» (designação que ora se convencionou pôr de parte) não é a única razão por que diminui o número das religiosas. As portas do convento parecem escancarar-se mais — mas no sentido inverso — de há vários anos para cá. Fala-se hoje de uma «epidemia de abandonos».

A França não é o único país atingido: num livro recente (1), Marlène Tuininga cita os seguintes números: nos Estados Unidos (170 000 religiosas) — 1827 saídas, em 1966, e 6000, em 1968; nos Países Baixos (30 000 religiosas) — 432 saídas, entre 1961 e 1966; na Bélgica (40 000 religiosas) — 250 saídas, em 1961.

Para a França, muito embora seja quase certo que o movimento se tem vindo a ampliar nestes últimos anos, não há, por agora, indicações precisas. A maioria das congregações usam, muitas vezes, de uma discrição que raia o mistério, quanto ao número de saídas (número que só elas conhecem). Sobrevivência de uma época durante a qual o zelo no serviço do Senhor se traduziu, por vezes, numa concorrência entre os zeladores, certos instintos nem sequer comunicam uns aos outros os números dos abandonos. Este excessivo pudor, que não se encontrava apenas a nível dos superiores, tende felizmente a desaparecer.

Se todos os seus números forem publicados, o inquérito nacional em curso indicará quase até à unidade o número das saídas definitivas. Por agora, teremos de nos limitar a cálculos aproximativos, que convém registar com prudência.

Um grupo de pessoas de Paris, que se ocupam, a título particular, do acolhimento de antigas religiosas, e que preferem não publicar o seu endereço («*Ficaríamos submersos de pedidos*»), enviaram recentemente um questionário a diferentes casas religiosas, que representam o conjunto das religiosas activas de França.

Aos 530 questionários enviados, receberam 264 respostas emanadas essencialmente de pequenas congregações. Uma simples soma permitiu-lhes concluir que 1600 «professas» tinham abandonado estas congregações, de 1963 a 1968. Este número, difícil de controlar, abrange apenas uma parte das congregações das religiosas activas, e não engloba as saídas das contemplativas. As pessoas que organizaram essa pequena sondagem calculam que um milhar de freiras saem todos os anos dos conventos de França. Este cálculo parece, contudo, exagerado.

Uma congregação de 1180 religiosas quis comunicar-nos um quadro preciso e pormenorizado das saídas que registou, tanto em França — onde reside a grande maioria dos seus membros — como na América e na África. Entre 1960 e 1969 (inclusive), 29 «professas temporárias» (entre as quais 22 francesas) e 33 «professas perpétuas» (entre as quais 16 francesas) teriam abandonado a congregação. De entre as 16 francesas que pronunciaram votos perpétuos, duas pediram a «extraclausura», isto é, uma licença para viver provisòriamente fora do convento e outras duas partiram para entrarem noutra congregação.

Tendo em conta o número total das religiosas desta congregação e a sua distribuição, parece que o fenómeno «abandono» em proporção e em quantidade afectou muito mais as comunidades americanas que as francesas.

O número das saídas parece ter aumentado nìtidamente nestes últimos anos. Entre 1960 e 1964, seis «professas perpétuas» pediram para sair da congregação (contra 27 nos cinco anos seguintes: 1965-1969).

Em bicos dos pés

Contudo, os números não dizem tudo. Nem todas as religiosas «em dificuldades» partem — pelo menos, não partem definitivamente. Algumas sentem apenas dificuldades passageiras; outras pedem para mudar de instituto; algumas desejam a extraclausura; outras, oficialmente, estão a estudar, mas alojam-se em lares que recebem ex-religiosas; outras, finalmente, partem depois de um período de reflexão ou então, de repente, batendo com a porta.

As que partem definitivamente fazem-no, em geral, com muita discreção. Por seu lado, as superioras não procuram fazer muita publicidade, à volta destes abandonos, nem no interior nem no exterior da comunidade.

Como esses abandonos se fazem «em bicos de pés», passam, geralmente, desapercebidos. Em França são raras as excepções a esta regra. O caso que deu mais nas vistas foi o da congregação da Providência, de La Pommeraye, em Anjou, que registou, há dois anos, o abandono colectivo de 45 religiosas, 11 das quais «professas perpétuas».

Os obstáculos administrativos desapareceram pràticamente para as religiosas que queiram sair do convento. Subsistem apenas barreiras psicológicas, difíceis de vencer. A religiosa decidida a partir fá-lo saber à madre-superiora ou ao seu superior

(Continua na pág. seguinte)

ECOS

HOJE em dia a socialização da política inscreveu-se no quadro de um amplo movimento que afecta o poder e se exprime sob aspectos vários. Ao mito do Estado liberal sucedeu, segundo Jean-Pierre Lassalle («Introdução à Política»), a ideologia do **Welfare state**, ou seja, de um Estado que deve em princípio assegurar a todos os cidadãos o crescimento e a garantia do seu nível de vida. Deste modo, em quase todos os países do chamado mundo ocidental se tornou institucional a ideia da segurança colectiva. A socialização do poder excede, porém, o projecto colectivo e a representação que a colectividade tem dos seus deveres, pois traduz igualmente o nível das estruturas. Com a revolução operada nos ideais do Estado apareceram, ao lado dos órgãos políticos, instituições económicas de toda a espécie, com o fim de porem em acto os novos objectivos da sociedade. Mas eis que Jean-Pierre Lassalle observa: «O facto de o Estado ter tomado a seu cargo o destino da sociedade provocou uma difusão do poder burocrático em todo o corpo social e levou a um alargamento do espaço político. Desde há meio século que a evolução técnica e política quebrou os tradicionais tabiques. A função opressiva da sociedade encontrou-se assim reforçada e o problema das relações do cidadão com o poder achou uma renovação de actualidade. Além disso, a situação nova que destarte se criou teve repercussões importantes nos mecanismos da vida política. Os procedimentos clássicos de mediação, como, por exemplo, o da representação parlamentar, sofreram desvalorização e a sua legitimidade foi contestada.»

★

VOLTAIRE tinha já a noção da importância da participação do leitor na obra, que é um dos pilares da literatura e da ensaística actuais. Assim ele escreveu no seu prefácio ao dicionário filosófico: «Os livros mais úteis são aqueles de que os leitores fazem pelo menos metade.»

★

QUE comentário fazer à impressionante medida do Ministério da Educação Nacional arquivando todos os inquéritos e processos disciplinares nas Universidades de Lisboa. É óbvio que não poderemos deixar de aplaudir esta entrada em funções do sr. prof. Veiga Simão. É óbvio que isto significa uma alteração de rumo. Por isso o nosso olhar se ficou com simpatia e até, porque não? com esperança vigilante, no parágrafo da nota emitida pelo Ministério da Educação Nacional que reza assim: «Esses princípios (alusão aos princípios gerais esboçados no discurso do prof. Veiga Simão) virão a concretizar-se em medidas de natureza legislativa e administrativa cuja adopção tudo se fará por não demorar, após audiência dos estudantes.»

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

GALERIA REAL

RESTAURANTE — CASA DE CHÁ — BAR
S. PEDRO — SINTRA — Telefones 981661/2/3

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que sábado, 31, o nosso «SALÃO RESTAURANTE» se encontra reservado para um «LANCHE DE CASAMENTO», ser indo-se os habituais Almoços, Chás e Jantares no BAR.

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS OBJECTOS

E um dia olhamos melhor, olhamos, muito simplesmente para determinado decímetro quadrado de móvel ou de parede — o tempo é curto para atenções tão minuciosas —, e reparamos que o pequeno Cristo em pedra-sabão que uma pessoa amiga nos mandou do Brasil, desapareceu. Como? perguntamos. Mas aí está, ninguém sabe. Ninguém vive, por assim dizer, naquela divisão da casa. Vai-se lá, passa-se, sai-se logo a seguir. A empregada assegura que ainda há uma semana ali estava, nos últimos dias não sabe, esteve doente, não é verdade? É verdade. Mas então quem esteve naquela casa nos últimos dias? Um homem a pintar a janela, derradeiro retoque na maquilhage do prédio, uma mulher-a-dias, quem mais? Não, mais ninguém ali esteve. Um pintor portanto, que se foi anteontem com o último andaime, e uma mulher-a-dias que julgo incapaz de roubar o quer que seja. Depois, havia ali mesmo objectos aparentemente mais sedutores. Uma caixa que parece mesmo de prata, uma faca de papel que parece mesmo de ouro, coisas assim. Mas não, foi o pequeno Cristo o escolhido.

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O pequeno Cristo partiu, nada a fazer. Ficou a desconfiança. Claro que a empregada estava doente, com gripe, mas podia levantar-se, não? Claro que a mulher-a-dias nunca tirou coisa nenhuma, mas... O homem da janela portanto. Mas, para que queria ele um Cristo tão pequeno e tão frágil, pendurado no interior de uma estante? Vê-lo-ia mesmo do sítio onde estava a trabalhar? Para que quer uma pessoa, no caso um pintor de janelas, uma coisa que não lhe pertence e nem tem valor comercial? Para que a quer a ponto de a roubar? A desconfiança infiltra-se, pois claro. E uma pessoa começa a olhar atentamente em redor de si, como se de repente as coisas tivessem começado a mover-se e a afastar-se e a fugir dos seus confortáveis lugares.

O ABANDONO DA VIDA RELIGIOSA

(Continuação da pág. anterior)

eclesiástico. Estes explicam-lhe as diligências a efectuar e, por vezes, são eles próprios que delas se encarregam. As portas do convento podem abrir-se depois de um lapso de tempo relativamente breve — de algumas semanas a um ano. A religiosa que tinha bens geralmente leva-os com ela.

Começa a impor-se o hábito de entregar uma pequena soma de dinheiro, no momento da saída. Em certas congregações, há mesmo «irmãs» que já têm direito a uma pequena «reforma» mensal que pode ir até aos 800 f. (cerca de 4000 escudos).

Geralmente, as congregações não abandonam as religiosas que saem. Mas há excepções e os responsáveis por um «departamento de recepção» (sem sede) citam o caso-limite dessas «*duas irmãs que fomos recolher à gare de Lyon e que tinham, por único pecúlio, uma ficha de telefone, um número de um centro de protecção à rapariga e um bilhete de metropolitano para se deslocarem até lá*».

Este exemplo vem citado numa carta recentemente enviada às madres-superioras de França por quatro laicas, entre as quais duas ex-religiosas. Nesta carta escrevem elas: «*Perguntamos — e sabemos que isto se faz em certas dioceses — se não seria mais eficaz e mais justo instituir um fundo comum. Cada congregação remeteria todos os anos ao responsável diocesano das comunidades religiosas uma soma proporcional aos seus meios e seus efectivos. Esta caixa permitiria que cada uma fosse auxiliada segundo as suas necessidades reais. Aos olhos da antiga religiosa, seria menos humilhante que continuar a recorrer à «caridade» das religiosas. Ela saberia que entra num circuito de entreajuda para o qual teria de contribuir um dia.*»

Uma «rapariga» de cabelos cinzentos

Seja como for, o dinheiro só pode resolver uma pequena parte dos problemas que se levantam para uma ex-religiosa sem trabalho, por vezes sem diploma, sem segurança social, sem relações, que se sobressalta sempre que a tratam por «*mademoiselle*».

«*São seres indefesos, muito vulneráveis, marcados pela sua derrota, que aqui recebemos* — explica a sr.ª X — *Quanto à religiosa que renuncia à sua comunidade na euforia de uma liberdade reencontrada, com o entusiasmo das suas forças intactas, é rara, ou, pelo menos, não a vemos. Consegue desembaraçar-se sòzinha.*»

Por instinto, numerosas ex-religiosas vêm para as grandes cidades, para longe das famílias, desaparecendo no anonimato e mantendo o seu segredo. «*Vale mais confessar que se foi uma mulher de vida fácil do que dizer que se esteve no convento*», afirma uma delas. O choque da ruptura e as múltiplas preocupações abalaram, geralmente, a saúde da «irmã» que saí do convento para entrar no desconhecido. Teria necessidade de um tempo de adaptação de um meio amigável. Mas, em vez disso, precipita-se precisamente no primeiro trabalho que lhe é oferecido, no primeiro quarto que está para alugar...

Uma ex-religiosa enfrenta os mesmos problemas que uma celibatária da sua idade, agravados por inibições psicológicas e pequenas dificuldades que assumem imediatamente uma dimensão catastrófica.

Primeira prova: mudar a fotografia dos documentos de identidade, para «apagar» o véu que normalmente consta da anterior. Uma estrangeira tem que repetir essa operação duas ou três vezes. Esta diligência administrativa tem todas as probabilidades de tomar o aspecto de um interrogatório, com toda uma série de perguntas maçadoras.

Novo interrogatório quando se arranja emprego. A entidade patronal exigirá um certificado de trabalho que só algumas congregações começam agora a dar às freiras que saem.

Outra prova, sentida tanto mais vivamente quanto mais jovem for a «irmã» — o vestuário. A congregação entrega um modesto enxoval à freira que a abandona. Em breve a ex-freira se apercebe de que, se quer passar desapercebida, tem de abandonar o cinzento, demasiado visto-so, e trocá-lo pelo vermelho-sangue ou pelo amarelo-limão. Faça ela o que fizer, ela terá, bem entendido, a impressão de que todos se viram à sua passagem.

Algumas religiosas mantêm boas relações com as suas comunidades. São, em geral, as que se aperceberam, sem grande drama, de que não tinham vocação e a quem a congregação soube mostrar que continuava a estimá-las. Outras, muito exasperadas, não querem tornar a ouvir falar das suas antigas companheiras. Tentam, muitas vezes em vão, enterrar as recordações.

A maior dificuldade para uma ex-religiosa está precisamente em conseguir deixar de estar obcecada pela sua vida no convento, isto é, em não caminhar ás recuas por esta vida que ela queria nova. «*Fazemos as coisas de maneira a que não se encontrem. Juntas só conseguiriam estar a remoer as suas recordações*», precisa uma pessoa que se encarrega de receber e ajudar antigas religiosas a refazerem a vida.

«*Há uma coisa que se nota logo*—sublinha, por sua vez, Marline Tuininga —*em qualquer país a que formos vemos um grande número dessas antigas religiosas em agrupamentos de vida evangélica (criados muitas vezes em oposição ao carácter demasiado rígido da vida religiosa canónica) ou na origem de novas fundações estranhamente semelhantes a comunidades de vida religiosa. Consideram a sua saída apenas como uma mudança de estado; mesmo quando não vivem em comunidade, continuam muitas vezes a considerar-se consagradas ao serviço da Igreja*».

«*A princípio vivíamos presas umas ás outras*», conta uma das «irmãs» rebeldes de La Pommeraye. Hoje, em 45, três estão casadas, duas entraram no Carmelo e a maioria trabalha. Mas algumas tentam «*formar equipa*». Três pequenos grupos se criaram assim á volta de Paris, compreendendo cada um deles, três ou quatro pessoas. Os membros de um desses grupos — que exteriormente em nada se distinguem de três estudantes que vivam juntas num apartamento — tentam arranjar maneira de entrar em retiro uma vez por mês. Por agora, sabem sobretudo o que não querem, e prudentemente, não quiseram encerrar-se num sistema de vida demasiado rígido.

Devemos dizer que se têm registado vários insucessos, em França, nas tentativas feitas até agora de formar novas comunidades. Muitas vezes, as ex-religiosas que vivem juntas vão reencontrar os mesmos problemas que tinham no convento, precisamente as dificuldades de que tinham fugido...

Ultimo Artigo:
«*A revoltada e a refugiada*»

DO POSTULADO AOS TRÊS VOTOS

Fixadas por regras especiais para cada congregação em função do direito canónico, as «etapes» da vida religiosa, preparatórias dos votos perpétuos, são actualmente remodeladas. O conjunto das religiosas, pertencentes a ordens, a congregações ou a sociedades de vida comum, tinham as mesmas étapes desde o princípio do século.

● O postulado **(que pode variar de três a nove meses) é, sobretudo, um tempo de reflexão durante o qual uma jovem observa, de certo modo, as regras da congregação para onde quer entrar, sem ter quaisquer obrigações perante essa congregação.**

● O noviciado **passa-se numa casa da congregação, prevista para a formação das «irmãs» jovens. Estas tomam hábito religioso e passam a aceitar os deveres da congregação, sem, no entanto, pronunciarem votos. Sàbiamente, o direito canónico exige que não se possam pronunciar votos antes de doze meses de noviciado.**

● Os votos temporários (**pobreza, castidade, obediência**) **ocorrem no fim do noviciado. Estes primeiros votos eram habitualmente pronunciados por um ou três anos e renovados durante três ou seis anos. Expirado o compromisso, a religiosa é totalmente livre e pode sair da congregação ou da ordem sem dificuldades jurídicas.**

● Os votos perpétuos **são pronunciados após o período dos votos temporários. A religiosa fica presa aos votos até ao fim da vida. De notar que certas congregações nunca tiveram votos perpétuos.**

ARTE DE HOJE NA II BIENAL DA COLÔMBIA

Depois da consagrada Bienal de Arte de S. Paulo, outra grande manifestação artística do nosso tempo começa a afirmar-se poderosamente na Colômbia, com a II Bienal de Arte Coltejec — Medellin.

Entre os grandes artistas asseguram-se a presença de Ted Krynik, Earl Reyback, Christinian Silbenius, do Instituto de Arte e Luz de New Jersey. Trata-se de artistas que trabalham a pintura, a luz e a musica e verdadeiramente significativos na forma como contactam com a electricidade e a utilizam para a arte.

Acentue-se ainda a numerosa representação de grandes figuras da arte sul-americana, enviando o Chile Neméslo Antunes, que após muitos anos de abstracto voltou ao figurativo, referindo-se a sua temática actual á solidão do homem nas classes médias nos estádios e nos coliseus.

A representação feminina será numerosa com as argentinas Marta Minujin e Leia Lublin, as brasileiras Ligia Clark, Tomie Ohtake e Ione Saldanha, a chilena Gracia Barros, a venezuelana Maruja Rollando e a guatemalteca Margot Sanjuf.

Ione Saldanha e Margot Sanjuf foram premiadas na Bienal de S. Paulo, fazendo assim como que a ligação, em alto nível, entre as duas grandes manifestações artísticas sul-americanas.

Naturalmente que a representação portuguesa, confiada aos cuidados do arquitecto Mário de Oliveira, tinha de ser devidamente acauteladas também tanto na sua qualidade como na temática e processos do nosso tempo. E os nomes de João Abel Manta, Manuel Baptista e Eduardo Nery dizem-nos que a presença portuguesa poderá marcar lugar á parte na Colômbia.

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ROMA

TÍTULO — «Operação Rosas Vermelhas» («Red Roses for the Führer»).

REALIZAÇÃO — Fernando di Leo, 1969 (Itália).

INTÉRPRETES — James Daly, Ann Maria Pietrangeli, Peter van Eyck, Nino Castelnuovo e Michael Wilding.

Os italianos continuam a *fazer* filmes de guerra extraídos do infatigável filão da II Guerra Mundial. Em série. Tal como os *westerns* igualmente italianos. Sem tréguas. Cada vez em maior número, em avalancha.

«*Operação Rosas Vermelhas*» é só mais um exemplo. Dos piores. Raras vezes temos visto atingir-se um tal nível de tão confrangedora mediocridade, de franciscano mau gosto, de idiotice. Tudo é mau nesta história de «comandos anglo-americanos» lançados sobre a Bélgica para irem reaver um memorando qualquer que os serviços secretos germânicos tinham em seu poder.

Filme de guerra onde ninguém possui a menor ponta de veracidade (ou de eficiência profissional), onde nenhum actor sabe empunhar uma metralhadora, onde nenhum SS tem cara disso, onde nenhum resistente o é, onde qualquer «oficial ás ordens» não passa de um mero «saco de batatas» fardado. «*Operação Rosas Vermelhas*» atinge o cumulo. Por quanto tempo?

L. A.

• NO ODEON

TÍTULO — «4 Brutos no Oeste».

REALIZADOR — Marino Girolami.

INTÉRPRETES — Os 4 Brutos, Emma Penella, Darry Cowl, Alfredo Mayo, Giacomo Rossi, etc.

Desfeito pela «espantosa explosão de riso», desintegrado pela «bomba atómica do ano», ensurdecido pelo «tremendo tiroteio onde as balas só provocam gargalhadas», meio-zonzo pela «farsa que revela a mais incrível fantasia espectacular»

— que mais pode o crítico dizer de uma fita que tem «tudo novo num estilo jocoso temperado com loucura e excessiva originalidade»?

Embrutecido o raciocínio, inócuo o adjectivo, amolecida a *bic*, só lhe resta citar o «fabuloso galopar de situações temperadas de fantasia, espalhafato e incongruência», o «pandemónio de riso», a «sequência de uma densa teia de episódios que o realizador, Marino Girolami, processou com um relevo caricatural tão desconcertante, que impede, por vezes, de avaliar o manancial de surpresas que sacodem, a cada passo, a acção através de uma inflação de efeitos espectaculares que resultam num rastilho para as gargalhadas».

E mais nada. Isto é: nada. Ainda e sempre: nada. Em caixa alta: NADA.

V. S. T.

CINECLUBE IMAGEM

O Cineclube Imagem encerra hoje o ciclo sobre o «Cinema Italiano» que tem vindo a realizar, com a exibição às 18 e 15, do filme de Visconti «Rocco e seus irmãos».

VIDA MUSICAL

Concerto no Museu de Arte Antiga

O Instituto Alemão, de colaboração com o Museu de Arte Antiga, realiza amanhã, ás 21 e 30, um concerto do duo György Terebesi (violino) e Günter Reinhold (piano) que interpretam obras de Bach Beethoven, Bartok e Brahms.

O concerto realiza-se no Auditório do Museu de Arte Antiga e a entrada é livre.

Concerto na Academia de Santa Cecília

Na Academia de Santa Cecília, ao Largo do Ministro, n.º 9, na Ameixoeira, realiza-se depois de amanhã, ás 16 e 15, um concerto pela pianista Ana Maria de Sousa Lima e pelo violinista Vasco Barbosa.

O programa compreende a Sonata K 333 em si Bemol Maior de Mozart; «Sonatina», de Luís de Freitas Branco; «Tocata em fá maior», de J. Croner Vasconcelos; «Fandango», de Armando José Fernandes; «Suite para violino e piano», de Strawinsky e «Árias russas», de Wieniavski

CAPITÓLIO
HOJE ÀS 21.45 HORAS
O EXITO DO MOMENTO
«O CRAVO ESPANHOL»
de Romeu Correia
M/ 17 anos Tel 320379
SÁBADO e DOMINGO
Tarde às 16 horas

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

EASTMANCOLOUR
Adultos
MEIAS PRETAS
COM:
SUSAN GEORGE VICTOR HENRY JACK SHEPHERD
PROD. LEON CLORE REAL. CHRISTOPHER MORAHAN
2ª SEMANA DE ÊXITO
DO FILME QUE PELA OUSADIA DO SEU TEMA AGITOU O PÚBLICO DE LISBOA!
As 15.15 - 18.30 e 21.45
NO EDEN

BALÃO VERMELHO
SECÇÃO N.º 3
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
CRIANÇA E SENHORA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

Teatro Maria Matos

BREVEMENTE — Em teatralização de **Sttau Monteiro** e **Artur Ramos**

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

Uma nova produção de **IGREJAS CAEIRO**

«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»

APENAS MAIS DOIS DIAS NO PALCO DO TIVOLI

«Um grande espectáculo de teatro», «Um espectáculo de rara qualidade», «Indiscutívelmente a melhor realização de teatro profissional de 1969» — foi com frases como estas que a crítica sublinhou as primeiras representações de «Amanhã digo-te por música», de James Saunders, na encenação de Fernando Gusmão e realização da sociedade artística denominada Grupo 4.

O numeroso público que acorreu ao Tivoli, esgotando as lotações e aplaudindo entusiásticamente, é prova do insofismável êxito alcançado. E assim se justifica que, atendendo a inúmeros pedidos, o Grupo 4 tenha apresentado mais uma vez ao público este espectáculo de invulgar nível.

A representação está a cargo de Fernando Gusmão, João Lourenço, Luísa Salgueiro, Morais e Castro e Rui Mendes, sendo a assistência de encenação de Irene Cruz. A tradução é de José Palla e Carmo.

O espectáculo repete-se hoje e amanhã, no Tivoli, sendo estas definitivamente as últimas representações. Os estudantes têm direito ao desconto de 50 por cento na compra de qualquer bilhete. Também os associados do «1.º Acto — Clube de Teatro», de Algés, beneficiam do mesmo desconto.

«Tannhauser» no Teatro São Carlos

O segundo programa da Temporada de Ópera de 1970 do Teatro Nacional de S. Carlos será apresentado amanhã e a 1 de Fevereiro, respectivamente ás 21 e 15 e ás 16 e 30 com a representação da ópera «Tannhäuser», de Richard Wagner, dirigida pelo maestro Friedrich Pleyer que conduzirá a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

O elenco é constituído por artistas de prestígio internacional: Ernst Kozub, Helga Dernesch, Regina Dinis da Fonseca, nos quatro principais papéis — Tannhäuser, Elisabeth, Venus e Landgranf — Wolfgang Anheisser, Heribert Steinbach, Heinz G. Zimmermann, Andreas Agrelli, Walter Hagner e Doris Lorenz. O coro do Teatro de S. Carlos foi ensaiado pelos maestros Mario Pollegrini e Carlo Pasquali e a encenação é de Karlheinz Haberland. Cenários de Alfredo Furriga.

Júlia Babo vai aos Estados Unidos: de 4 a 18 do próximo mês de Fevereiro, a intérprete de folclore actuará na TV de New Bedford e em espectáculos organizados pelo produtor António A. Costa. Nesses «shows» participam, igualmente, Rui de Mascarenhas, Shegundo Galarza, Luísa Neves e Manuel Fernandes. Com cerca de 200 interpretações gravadas em discos comerciais, Júlia Babo prepara (com o maestro Joaquim Luís Gomes) um novo «L. P.» com melodias açorianas, do Minho, das Beiras e de Trás-os-Montes. «Sinto-me bem a cantar folclore — disse-nos a artista — porque essa é linha que escolhi. Quero divulgar o que poucos conhecem. E espero que a R.T.P. não se esqueça de alguém que agradou á Crítica e ao Público. Ando há 12 anos a divulgar o nosso folclore e gostaria agora de ter o meu «show» de música popular portuguesa.»

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

CECILE DEVILE

VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

GALLI GALLI
grande nome do ilusionismo mundial

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA

PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITICA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

NO CINEMA AS 21.30 H.
ADIVINHA
QUEM VEM JANTAR
M/ 12 anos

NO TEATRO VARIEDADES T 32 60 37

HOJE às 20.45 e 23 h.
RÉCITA DE AUTORES

ADULTOS

António Calvário na linda e popular canção «SENHORIA DA NAZARÉ»

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO
2.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!

ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA E ROGÉRIO BRACINHA
MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
COM UMA GRANDE E POPULAR COMPANHIA
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO
á frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional

DOMINGO: «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

EDEN

SENSACIONAL CARNAVAL INFANTIL
COM A PEÇA
O GATO DAS BOTAS
PARA MAIORES DE 4 ANOS
PELO
Teatro do Gerifalto (sub. pelo Fundo de Teatro)
6 CONCURSOS DE MÁSCARAS
PATROCINADOS PELA EDITORIAL VERBO
6 SORTEIOS DE 6 BICICLETAS «IBA»

Teatro de marionetas no Centro de Alcoitão

O Grupo de Teatro de D. Fantoche da Casa de Pessoal da Mobil apresenta-se esta tarde, ás 18 e 30, no Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão.

A iniciativa pertence ao Grupo de Voluntários daquele Centro.

Na MOITA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machados dos Santos, 8.

PORQUE SÓ VENDO SE ACREDITA
Venha hoje, às 21 h., ou às 23 horas ao
TEATRO VILLARET
com
«O Vison Voador»
comédia que só pode ser vista por maiores de 17 anos

O FADO JÁ SE CANTA NA «A KAVERNA»
(RESTAURANTE TÍPICO)
Nas vozes dos consagrados Artistas:
Mariana Silva - Beatriz da Conceição
Tina Santos ● Fernando Maurício
Acompanhamentos de:
João Alberto - Manuel Martins
Travessa dos Fiéis de Deus, 34 — Telefs. 35591/2/3 — LISBOA — M/17 anos

Concerto da Orquestra Gulbenkian

Foi um pálido concerto o de ontem no Grande Auditório Gulbenkian. A começar pelas primeiras audições, bem pouco significativas. *A Sinfonia* do italiano Orazio Fiume (nascido em 1908) é uma partitura prolixa, acusando notória falta de invenção no capítulo da linguagem rítmica e quanto á exploração dos recursos do conjunto instrumental a que se destina (cordas e timbales). O compositor usa e abusa de fórmulas estafadas, a despeito de algumas pinceladas de bartokismo epidérmico. Além disso a substância é escassa para os vinte e tal minutos que a *Sinfonia per archi e timpani* dura.

A ressurreição do cravo não se tem processado ùnicamente em função de obras antigas; mas também em vista das ricas particularidades coloristicas que este instrumento oferece, enquadrado num contexto moderno. Tal propósito norteou possivelmente Joseph Horovitz (um vienense de 40 anos, fixado em Inglaterra desde 1938) ao escrever o seu *Jazz-Concerto para cravo e orquestra*. O pior é que o pequeno tríptico se revelou bastante pobre de conteúdo e não se recomenda por um aproveitamento aprofundado tanto das virtualidades tímbricas do cravo como das sugestões jazzísticas. E se nos recordarmos de que a partitura data de 1966, teremos de concluir que nos encontramos em face de um produto serôdio, na esteira de uma tendência que deu origem a obras atraentes como os *Concertos* de Ravel, o *Concertino* de Honegger e, mais recentemente, o *Concerto para jazz-band e orquestra* de Rolf Liebermann.

Se as duas obras agora executadas pela primeira vez em Lisboa nada trouxeram de substancial á cultura dos nossos musicófilos, algo de semelhante deve dizer-se a respeito do nível genérico das realizações que nos foram oferecidas. O cravista Colin Tilney evidenciou apreciável desenvoltura técnica na obra de Horovitz; porém a sua participação no *Concerto em lá maior*, de Bach não se livrou de uma certa frouxidão. Verdade seja que a parte que coube á orquestra também pecou por falta de colorido e dinamismo. O maestro Gianfranco Rivoli, que já não obtivera da Orquestra Gulbenkian a coesão e a firmeza rítmica desejáveis na *Sinfonia* de Orazio Fiume, não encontrou terreno mais propício ao seu temperamento nos excertos da maravilhosa música de cena que Mendelssohn escreveu para *Um Sonho de uma noite de verão*. A «Abertura» e o «Scherzo» resultaram tolhidos na alacridade e transparência que são inerentes a essas páginas. Só a versão do «Nocturno» decorreu numa atmosfera mais consentânea.

NUNO BARREIROS

TIVOLI
ÀS 18 E 30
HOJE E AMANHÃ
M/ 17 ANOS
ULTIMAS DO GRANDE EXITO DE 1969
«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»
PELO
GRUPO 4
ENCENAÇÃO DE FERNANDO GUSMÃO
50 % A ESTUDANTES E SÓCIOS DO «1.º ACTO — CLUBE DE TEATRO»

MARIA VITÓRIA
• HOJE, às 20.45 e 23 h.
A COLOSSAL REVISTA
• ESPERTEZA SALOIA
ADULTOS
O triunfo total de um óptimo elenco, com:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA
• MARIEMA
• BARROSO • DORA LEAL
AS ATRACÇÕES
• HELENA TAVARES
• «THE MELODIES»
À frente de uma grande Companhia!
• Domingo «matinée» às 16 h.

SALVADOR no «Zé Saloio»

FILMES CASTELLO LOPES (30 anos) apresenta
KEN CLARK
•
DANIELA BIANCHI
•
HELGA LINÉ
cortam-lhe a respiração em

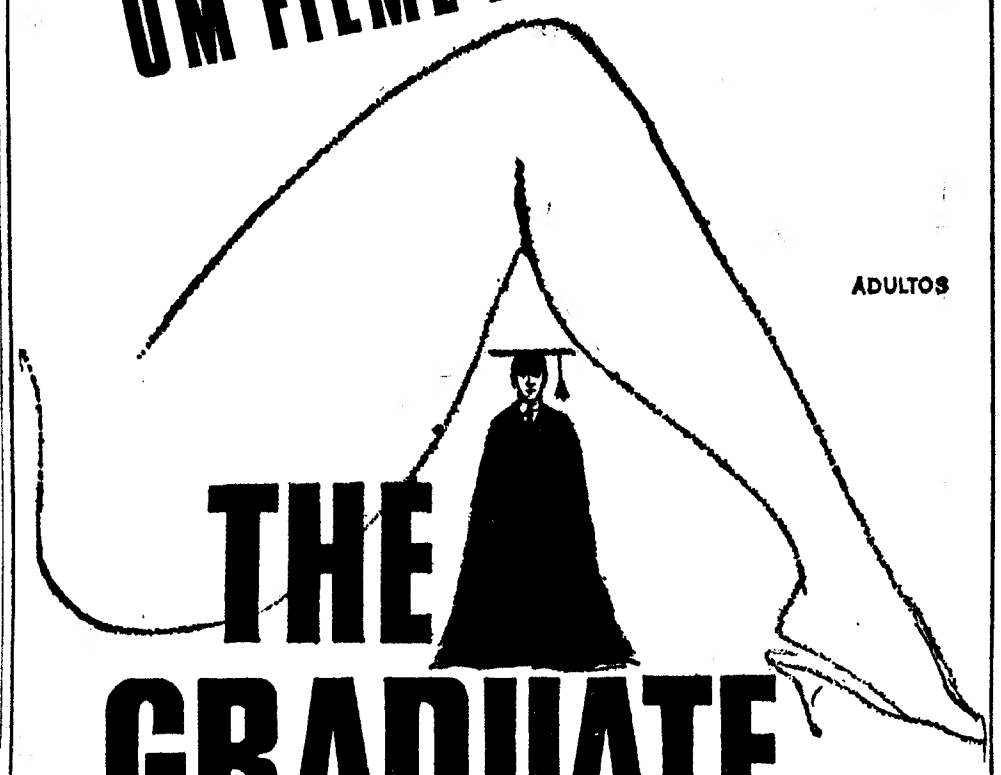
INTRIGA!

SUSPENSE!

TECHNICOLOR
TECHNISCOPE
Maiores de 12 anos
O CASO "LADY CHAPLIN"
(THE LADY CHAPLIN'S STORY)

HOJE, UMA ESTREIA DE ACÇÃO NO
CONDES

3.ª SEMANA
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
UM FILME DE CHOQUE!



ADULTOS
THE GRADUATE
A PRIMEIRA NOITE
Oscar para o melhor realizador
MIKE NICHOLS
Globos de Ouro:
• MELHOR ALTA COMÉDIA
• MELHOR REALIZAÇÃO
• MELHOR ACTRIZ
• ACTOR MAIS PROMISSOR
• ACTRIZ MAIS PROMISSORA
United Artists
ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
NUMEROS DE SENSAÇÃO
ATRACÇÕES DE CATEGORIA
SÁBADO
À TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos
O GRANDE CARNAVAL DE LISBOA É O CARNAVAL DO COLISEU
BILHETES À VENDA

LICEUS • Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclos
PROFESSORES MUITO COMPETENTES E DIPLOMADOS EM TODAS AS DISCIPLINAS
RESULTADOS INCOMPARÁVEIS
EXCELENTES INSTALAÇÕES • EDIFÍCIO PRÓPRIO • AMBIENTE «SUI GENERIS», PROPÍCIO AO ESTUDO
EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
Telef.: SECRETARIA — 45310 Rua Alexandre Braga, 25
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Alm. Reis)

Palestras para jovens no Museu Nacional de Arte Antiga

Com uma palestra sobre «O Românico no Noroeste e no Centro do País», prossegue amanhã, às 18 e 30, no Museu Nacional de Arte Antiga, a série intitulada «Rumos da Arquitectura Portuguesa».

Esta série é especialmente dedicada aos jovens e a palestra está a cargo do dr. Jorge Pais da Silva, professor de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

ora diga-nos...

— Já entornou algum frasco de tinta?

Tinta entornada é (normalmente) infância e surpresa

● *Disse-nos António Martins Fernandes, estudante liceal (3.º ano):*

— Já, sim. Entornei um frasco de tinta. Estraguei um livro e dois cadernos.

— Mais nada?

— E sujei o «pull-over».

● *Resposta de José Manuel Ferreira Mendes, aluno da quarta classe:*

— Entornei, sim. Estava na brincadeira com uns colegas e o frasco caiu da carteira para o chão. Foi muito aborrecido porque o professor julgou que tinha sido de propósito. Mas não foi, não...

● *Francisco José dos Neves Alves, aluno da segunda classe, disse-nos:*

— Nunca entornei um frasco de tinta. Sou muito cuidadoso e, depois, só uso «bics». Ora quem usa «bics» não precisa de tinta...

IMEDIATA LIBERALIZAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS

— PEDIDA AO GOVERNO PELA LAVOURA

A iniciativa recente da criação duma empresa monopolista que visa abastecer, em regime de exclusivo, a industria de celulose, em madeiras redondas de pinho e eucalipto, levou a secção de Produtos Florestais da Corporação da Lavoura a tomar posição perante o problema criado.

Entendeu dever prestar ao Governo toda a colaboração e apoiou a iniciativa do eng.º Camilo de Mendonça ao apresentar, na Assembleia Nacional, um projecto de lei sobre contratação colectiva.

Quanto ao problema das madeiras, a Corporação da Lavoura pediu ao Governo a imediata total liberalização de exportação de madeiras redondas de pinho e de eucalipto, excluindo-se os condicionalismos actuais que a tornam impraticável.

INSTALAÇÕES MILITARES NO BARREIRO

No lugar da Penha, freguesia do concelho do Barreiro, vai ser construído o quartel do Batalhão de Caçadores n.º 5, em terrenos, já quase na totalidade, propriedade do Estado.

Adquiridos por cerca de 1400 contos, serão demolidos dois prédios, devolutos, na Avenida Alfredo da Silva naquela vila. Serão demolidos para a construção, no local, de um edifício de dez pisos para habitação dos oficiais daquela unidade.

Reunião de alunos e professores do ex-seminário de Portalegre

FÁTIMA, 29 — Terminou a primeira reunião de alunos e professores do antigo Seminário de Portalegre que decorreu no Santuário de Fátima e durou dois dias. Estiveram presentes o bispo auxiliar de Coimbra, D. Alberto Cosme do Amaral, e o bispo de Portalegre, D. Agostinho de Moura.

Promovida apenas com o objectivo de confraternizar e meditar, a reunião teve apenas 15 presenças, todas de sacerdotes. São, aliás, muito poucos os leigos que estudaram no antigo Seminário de Portalegre que funcionou de 1929 a 1933. Dos 51 alunos que por lá passaram, 48 receberam ordens de presbítero.

A C. P. E O CARNAVAL

Informa-nos a C. P. de que por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 6 de Fevereiro (sexta-feira), até às 12 horas de domingo, dia 8, e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 10.

ele é um entendido...

Sabe o que é a pesca.. Conhece o valor de uma rede.
Por isso já usa as novas redes TREVIRA que garantem:

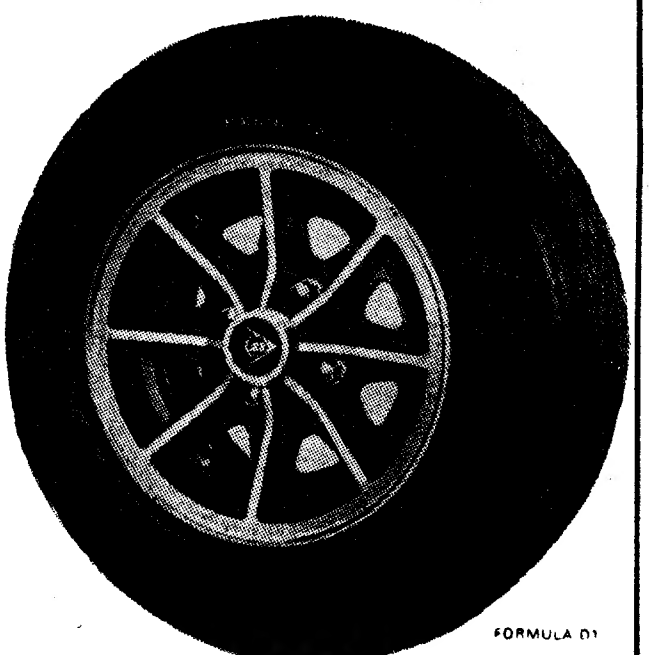
Longa duração
Resistência aos efeitos do sol
Óptima extensibilidade
Mínima absorção de água
Rompimento quase nulo
Alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas

FÁBRICA DE REDES DE PESCA "MARINA" S.A.R.L.
ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

TREVIRA
alta resistência

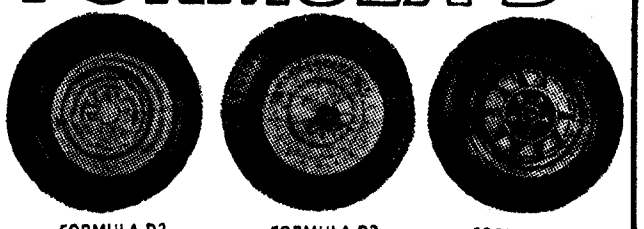
TREVIRA
A FIBRA INTERNACIONAL DA FARBWERKE HOECHST A.G.

JANTES LEVES



FORMULA D1

DUNLOP FORMULA 'D'



FORMULA D2 FORMULA D3 FORMULA D4

IMPORTADOR EXCLUSIVO

'escape

RUA CASTILHO, 72-A — TELS. 561616/561919

A solução do problema da estrada da Beira é fundamental para o turismo do Centro

COIMBRA, 29 — Na reunião da Câmara Municipal, o vereador sr. eng.º Azevedo Sobral referiu-se á intervenção do deputado sr. dr. Correia Neves, na Assembleia Nacional, que abordou um problema de grande importância para a região do Centro, embora represente na Assembleia Nacional o Círculo de Beja.

Foi a propósito do aproveitamento turístico da Serra da Estrela que aquele deputado levantou o problema da Estrada da Beira, desde Coimbra até á fronteira, afirmando que essa rodovia devia ser já o elemento propulsor do progresso desta faixa central do território nacional, desde o mar até terras espanholas.

O orador fez considerações sobre o interesse para a cidade da Estrada da Beira, pois — disse — com acessos e saídas facilitados aquele que viaja entra quase naturalmente e detém-se, o que, se assim não for, acaba por se abastecer nos estabelecimentos da estrada, que vão proliferando. E interrogou-se: — Pensando bem, com que temos nós contribuído para isso? Com muito pouco, por mais que nos pese dizê-lo!

Recordando o muito que se tem programado, apontou aquele vereador o caso da linha da Lousã, problema sobre o qual só se têm posto hipóteses, não se adoptando, sequer, a solução simples de parar com o tráfego em São José; o da Avenida da Lousã, tão fácil de abrir, sem encargos insuperáveis e de concretização fácil, uma vez que se desenvolvam os pormenores já esboçados; o da passagem de nível na Carvalhosa e em São José, não havendo para a primeira hipótese de solução á vista e para a segunda também não, uma vez que foi prejudicada com a prioridade dada á da Fonte do Castanheiro, e, tendo passado os anos, continuamos com os mesmos transtornos em São José; finalmente, a Circular de Coselhas, uma via que seria, desde que ligada á Estrada da Beira, um auxiliar valioso no escoamento do trânsito para o Norte e até para o Sul.

A terminar disse que o sr. eng.º Azevedo Sobral considerava do maior interesse e oportunidade que na Câmara se desse preferência ás considerações feitas na Assembleia Nacional, e como o assunto arrasta com ele problemas a que nós nos compete equacionar e resolver.

O referido vereador foi vivamente apoiado pelos seus colegas, e o sr. dr. Viriato Namora salientou que, pelos motivos referidos, as camionetas com turistas «cortam» para Lisboa sem qualquer hesitação, depois de passarem a fronteira...

O vereador sr. Miranda Veloso recordou o que tem sido a acção do presidente do Município, sr. eng.º Araujo Vieira, na luta para o regresso a esta cidade da sede da II Região Militar, manifestando-lhe o seu agradecimento em nome do comércio da cidade.

O presidente agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, endossando-as á Câmara, ás forças vivas da cidade e, em especial, ao chefe do distrito, cuja acção para o efeito acentuou.

O centenário da cidade de Pinhel

PINHEL, 29. — Preparam-se as celebrações do centenário da elevação de Pinhel a cidade.

Esta terra, das mais típicas do Nordeste Beirão, tem problemas cuja solução se impõe, incluindo os que resultam da ausência das antigas unidades militares aqui aquarteladas. A ultima foi o Regimento de Caçadores.

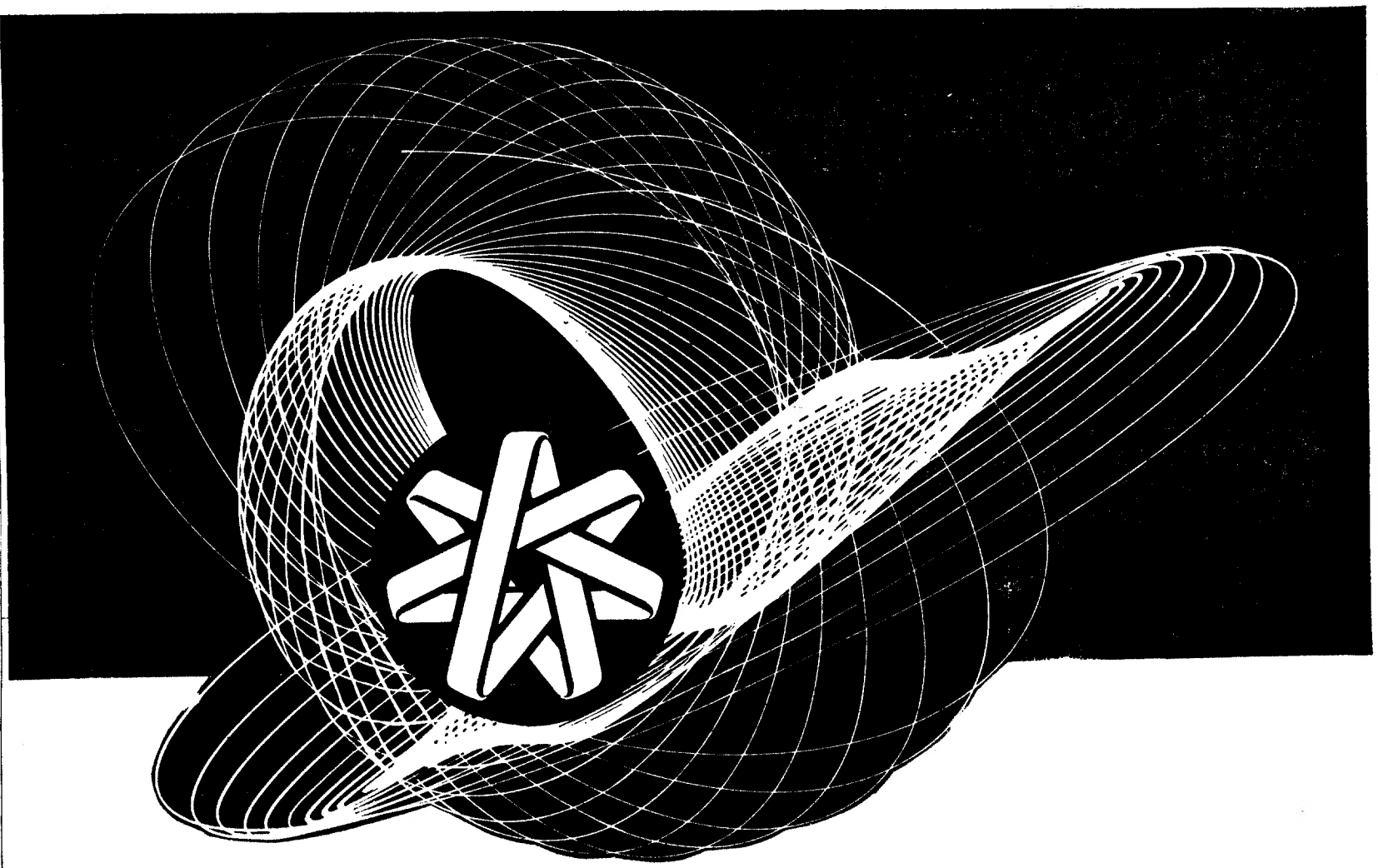
Dos prejuizos enormes que a cidade e a sua região vem sofrendo, por isso, nem é preciso falar. Mas quando se pensa em fazer voltar a Pinhel a unidade militar, que tanto ajudaria, económica e socialmente, o progresso regional.

O «COMBATE DAS BARREIRAS»

AVEIRO, 29 — Efectuou-se em Águeda, o jantar comemorativo do combate das Barreiras, travado em Janeiro de 1919, por ocasião da «Monarquia do Norte»

Estiveram presentes cerca de 100 convivas. Presidiu o sr. Armando Castela, ladeado pelos drs. Francisco Lima e Alvaro Neves. Usaram da palavra, além das personalidades citadas, os drs. Almar Viegas, Flávio Sardo e Adolfo de Almeida Ribeiro e engenheiros Santos Porto e Flávio Martins.

O sr. Armando Castela e o dr. Francisco Lima participaram do combate das Barreiras, o primeiro como civil e o segundo como oficial do Exército.



NA LINHA DA EVOLUÇÃO!

Valorize as suas economias, participando no processo de evolução sócio-económica do País.
Ajude a traçar, connosco, as linhas do futuro.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

NOTÍCIA (MÁ) NO DIA EM QUE COMPLETA 12 ANOS DE CARREIRA

Simone perdeu a voz

«O médico proibiu-me de fumar...»

— *Sim: perdi a voz. E não sei se algum dia voltarei a cantar.*

Simone baixa os olhos.

— *De qualquer modo estou mentalizada para o pior.*

Simone de Macedo e Oliveira, que completa hoje 12 anos de vida artística, que fará 32 anos no próximo dia 11 de Fevereiro, que tem 36 discos gravados, que representou cinco revistas e uma comédia musicada, que participou em dois filmes, que cantou em seis países (Espanha, Itália, França, Bélgica, Brasil e Venezuela), que foi atracção em Angola e Moçambique, nos Açores e na Madeira.

Simone de Macedo e Oliveira: um casamento desfeito e uma vida sentimental conturbada. Dois filhos que são o seu al-jesus: Maria Eduarda (10 anos) e Pedro (8 anos). Presença em dois festivais da Eurovisão: em Nápoles com «Sol de Inverno», em Madrid com «Desfolhada».

Simone de Macedo e Oliveira: que ganhou centenas de contos. Que cobrava 25 mil escudos por um mês de actuações em palco de revista. Que recebia de Marques Vidal 24 contos de «cachet» mensal. Que perdeu 450 contos num mau negócio chamado «Candelabro». Que está hoje sem um centavo.

— *Gozei a vida como melhor entendi e não estou arrependida de nada do que fiz. Fui sempre (e sobretudo) muito mulher. Com todos os caprichos de uma mulher: as idas aos cinemas, os penteados bonitos, as ceias, os vestidos, um automóvel.*

Um suspiro breve. E logo:

— *Talvez tudo isso tenha acabado.*

Explica:

— *A minha voz está desempostada e não posso cantar. Estou incapaz de dar um pianinho. Se ficar boa, só poderei voltar a cantar como a Maysa, três ou quatro tons abaixo do meu normal: que oscilava entre o ré e o lá, entre o si bemol e o lá bemol. Mas estou convencida de que não tornarei a cantar. E que ficarei (com muita mágoa) no meio do caminho que gostaria de percorrer.*

Devagarinho:

— *Eu gostava tanto de brisar a ida á Eurovisão...*

As coisas de frente

O dr. Carlos Laronde, médico de Simone, mandou que a artista estivesse três meses sem fumar: a cançonetista não conseguiu fugir ao vício. Isso agravou o estado da voz de Simone.

— *Foi em fins de Junho, na Madeira. Falhou-me a voz, de repente, no meio de um espectáculo. Os médicos diagnosticaram: primeiro uma faringite, depois uma laringite. Eram os efeitos do abuso de uma voz mal colocada. Melhor: de uma voz que nunca estivera colocada.*

«Aconselharam-me a que fizesse ginástica respiratória, e o Ary dos Santos até me disse para eu ir estudar canto com a professora D. Maria Manuela. Mas, se voltar a cantar, nunca mais tornarei a ser o que fui.

Procurando enganar-se a si própria, Simone acrescenta:

— *Fazer como o macaco não é solução. Tenho de encarar as coisas de frente. Já ficarei contente se continuar a falar...*

Adianta:

— *Se tenho parado de cantar durante dois ou três meses não ficaria assim, com a garganta estoirada. Mas tinha um contrato com Marques Vidal: ele já marcara muitos espectáculos, e fui forçada a fazê-los em péssimas condições físicas.*

O lado do coração

Simone cruza as pernas e atira o peito para a frente. Depois, como que soletrando as letras de cada palavra, diz:

— *Levei um encontrão, e quando precisava de ajudinha na hora certa tive a oportunidade de conhecer,*

Entrevista de NEVES DE SOUSA

bastante melhor, pessoas que julgava de outra maneira. No auge, tudo é fácil, tudo é bonito. Há uma corte atrás de nós. Depois, fica-nos a melhor recordação do público e a amizade dos jornalistas. Sim, é isso: o público e a Imprensa foram os únicos que não me desampararam.

Outro cigarro. Um pouquinho de tosse. E Simone a depor:

— *Outro dia apareci aqui nos arredores de Lisboa, num espectáculo. Pois nenhum colega (nenhum!) me perguntou como é que eu ia. Se estava melhor. Se voltaria a cantar ao lado deles. Nem uma palavra...*

Jocosa:

— *É verdade: arranjei capa de peneirenta, de mulher birrenta, com mau génio. Mas isso era a minha autodefesa: o lado do coração é o meu calcanhar de Aquiles: No fim de contas, não sou um bicho-papão.*

Tornar a ser mãe

— *Até que ponto a sua vida profissional foi afectada pelos estados emocionais do seu coração?*

Simone não chega a pensar a resposta:

— *Pelo contrário: a minha vida profissional é que prejudicou a minha vida afectiva. Os meus garotos só agora têm mãe. Quer saber? A Maria Eduarda está com pena que eu não cante, com pena que eu não apareça na TV. Mas muito satisfeita por todos os dias eu ir espreitar como vão os seus trabalhos escolares.*

— *Voltará a casar?*

Simone interroga-se a si própria. E riposta:

— *Não pensei. É uma hipótese longínqua, improvável, demasiado contingente. Não me agradou a primeira experiência. Mas a verdade é que gostaria de tornar a ser mãe...*

Sobre rivalidades, sobre Madalena

Simone divide a sua carreira em três ciclos:

— *Exacto. No primeiro (época do «lado-a-lado») eu pedia ao público que me aceitasse como sou. Depois, por alturas do «Sol de Inverno», gostava que me vissem como um «sol de Verão». O ano passado, com «Desfolhada», consegui a minha implantação como cançonetista e como mulher.*

«Qualquer canção dura uns meses. E, veja como são as coisas, uma das cantigas em que mais confiei («Vem ouvir o mar», de Nicholsson) não chegou a «pegar».

Cruza os braços e fica a lembrar tempos passados:

— *A rivalidade do meu público com os «fans» de Madalena não me acicatou, nunca me perturbou. Acho que para as duas isso foi um estímulo: embora cada uma de nós tivesse dias bons e dias maus. Quando do último «Festival da Canção Portuguesa» estivemos em paralelo: não é verdade, portanto, que eu algum dia me tivesse recusado a cantar quando a Madalena estava presente.*

«Aliás, embora tivesse havido uma fase em que não nos falámos (por alturas de um encontro em Benidorme, há 9 anos) nunca me afastei dela.

Continua a falar. Continua a dissecar a carreira:

— *Sobre os prémios que recebi? O que me deu maior estímulo foi o «Prémio da Imprensa», que demorou muitos anos a chegar até mim, talvez porque nunca fiz força para o conquistar.*

«Agora essa vida deve ter acabado. Estou a fazer um jogo: mas mentalizei-me para o considerar perdido. Enfim: vou arrumar-me por dentro. Dispor as ideias e as lembranças em ficheiros, em gavetas, tudo bem aconchegado nesta minha cabeça. Depois, criar os meus filhos, escrever umas coisas, fazer locução no «1-8-0». Mesmo que um milagre me deixasse voltar a cantar não tornarei a fazer das cantigas a base da minha vida. Nesse caso, gravarei um disco por ano, entrarei num bom espectáculo, farei (de tempos a tempos) um programa na TV. Porque preciso de ganhar dinheiro, é bom de ver. Porque estou sem um centavo. Porque não conheço nenhum cançonetista português que, a cantar, tenha ganho dinheiro suficiente para juntar mil contos e comprar um prédio. Tenho sete canções inéditas com o fundo orquestral já gravado. Mas, onde está a voz para lá pôr?

O Eurofestival

Está á porta o «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa». E a R. T. P. não estará presente no Eurofestival de Amesterdão:

— *Acho que deviamos ir. O ano passado, debaixo de um clima emocional muito forte, eu pensava o contrário. Rectifico-me agora.*

«Em 1969, tudo foi feito em cima da hora. Não houve tentativa de conquista de mercados. Não houve divulgação no estrangeiro, especialmente na Alemanha, na Inglaterra e nos países latinos. Creio que, com meios financeiros, isso será fácil de obter: bastava que os esforços isolados (da R. T. P., da E. N., das gravadoras, dos intérpretes) estivessem agrupados.

A concluir:

— *Quem eu escolheria? É uma pergunta difícil. Muito difícil. Se enviássemos um fado clássico mandaria a Ada ou a Maria da Fé. Se fosse um fado-canção optaria por Teresa Tarouca ou por Teresa Silva Carvalho. Ou o Luís Góis, ou o Manuel Freire, ou o João Ferreira Rosa. Também gosto muito da voz de Maria da Glória, que é diferente e não copia ninguém. Olhe: a Tonicha teve uma fase engraçada, mas balançou entre a balada e o folclore, não manteve um estilo.*

«Pois é. É um problema difícil: mas que não é meu. O meu problema é diferente. E só gostaria de voltar atrás para juntar dinheiro, não me ter metido na aventura do restaurante e ter distinguido melhor certas companhias que me rodearam. Enfim...

CONCURSO «O 7.º AUTOMÓVEL E MAIS 2 PRÉMIOS PODEM SER SEUS»

Termina no próximo dia 31 o já tradicional concurso que habilita os nossos clientes a estes magníficos prémios:

1 Automóvel TAUNUS 15 M XL no valor de 82.123$00
1 Máquina de Lavar loiça «AEG» no valor de 9.652$40
1 Máquina de Lavar roupa «HOOVER» no valor de 7.954$10

Comunicamos aos nossos estimados clientes que podem ainda aproveitar estes últimos dias para requisitarem as senhas para o sorteio que se realizará no dia 16 de Fevereiro próximo, pelas 18 horas, no Salão de Festas do Jornal «O SÉCULO», na Rua do Século, n.º 41, com a presença de um representante do Governo Civil de Lisboa.

Chamamos a atenção de que as senhas serão entregues sòmente até ao dia 31 de Janeiro, e como é do conhecimento de todos, será atribuída uma por cada 100$00 de compras.

EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA.
Av. Almirante Reis, 12-A

RAIO DE LUZ, LDA.
R. da Prata, 143

MUNDO ELÉCTRICO, LDA.
R. Conde Redondo, 1-A

Se uma PULGA incomoda muita gente...
ATENÇÃO!
ESTA NÃO, ESTA FAZ RIR

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

ÊXITO! ÊXITO!!

ÚNICO EM LISBOA

MUSICA TZIGANE PELA ORQUESTRA DE MAURICE TOUBAS

VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA

CHÁ DAS 17 ÀS 19 H. E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE

ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA

ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO TELEFONE 71 40 21 AV. ROMA

A UNIÃO NACIONAL VAI MUDAR DE NOME?

Uma posição mais activa da União Nacional, e a possível mudança de nome da organização poderão ser decididas no V Congresso aquele grupo político, recentemente marcado para a primeira quinzena de Março — soube-se hoje de fonte digna de todo o crédito.

Recorda-se que ao congresso compete, pela letra dos estatutos da U.N., além da discussão dos grandes problemas políticos de interesse nacional e eventual revisão da orgânica interna da organização, a eleição do presidente da respectiva comissão central, fixando presidente dessa comissão tem sido o prof. Oliveira Salazar, chefe supremo da U.N. desde 1934 e interinamente substituído, há 16 meses, pelo sr. conselheiro Albino dos Reis.

a duração do seu mandato. Lembra-se também que o

TAUROMAQUIA

Para a Feira de Sevilha

Para as oito corridas da Feira de Sevilha estão contratados Curro Romero, «Limeño», Diego Puerta, «El Cordobês», Paquirri, Dâmaso Gonzalez, Miguel Marquez, Teruel Barea, Parada, Torres Cortés, Ruiz Miguel, Huchó e em vias de contrato o nosso José Falcão, em medida acertada do inteligente empresário sr. Canorea.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Estiveram na Delegação do «Diário de Lisboa» no Porto, a apresentar cumprimentos ao nosso jornal, os componentes da comissão de propaganda das festas académicas da «Queima das Fitas», sr.as D. Maria Teresa Soares (Ciências), D. Noémia Ferreira (Ciências), D. Maria Manuela Ribeiro (Farmácia) e D. Maria Filomena (Letras) e srs. Eduardo Beleza Bastos (Engenharia), Raul Vitorino Costa (Engenharia), António Gonzalez (Medicina), João Cardoso (Medicina), João Alves (Farmácia) e Duarte Oliveira (Letras).

— Recebemos do antigo presidente da direcção do Orfeão de Viseu, sr. dr. Fausto Rodrigues, agradecimentos pela colaboração prestada pelo «Diário de Lisboa».

O dr. Armando Bastos eleito membro da Academia de Patologia da Grã-Bretanha

Dr. Armando Bastos

Acaba de ser eleito membro da Academia de Patologia da Grã-Bretanha e Irlanda o dr. Armando Lemos Bastos, chefe de serviço do Laboratório de Citologia do Instituto Português de Oncologia.

A distinção sublinha uma relevante actividade no campo científico. Participante de diversos congressos internacionais, convidado a realizar conferências em vários centros científicos europeus, com inúmeros trabalhos publicados nos domínios da Citologia, o dr. Armando Lemos Bastos trabalha actualmente em fluorescência induzida em grânulos das células tumorais pelos corantes básicos.

Ainda recentemente, foi atribuído o seu nome á unidade de Citologia do Hospital de Santa Luzia, de Aracaju, no Brasil.

A URBANIZAÇÃO DA BRANDOA

No gabinete do titular da pasta das Obras Públicas e Comunicações, sr. eng. Rui Sanches, realizou-se esta manhã, uma reunião em que foram apreciados os problemas relativos á urbanização da Brandoa, á qual assistiram além do secretário de Estado das Obras Públicas, o governador civil de Lisboa, o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, o director-geral dos Serviços de Urbanização e outros técnicos daquele departamento.

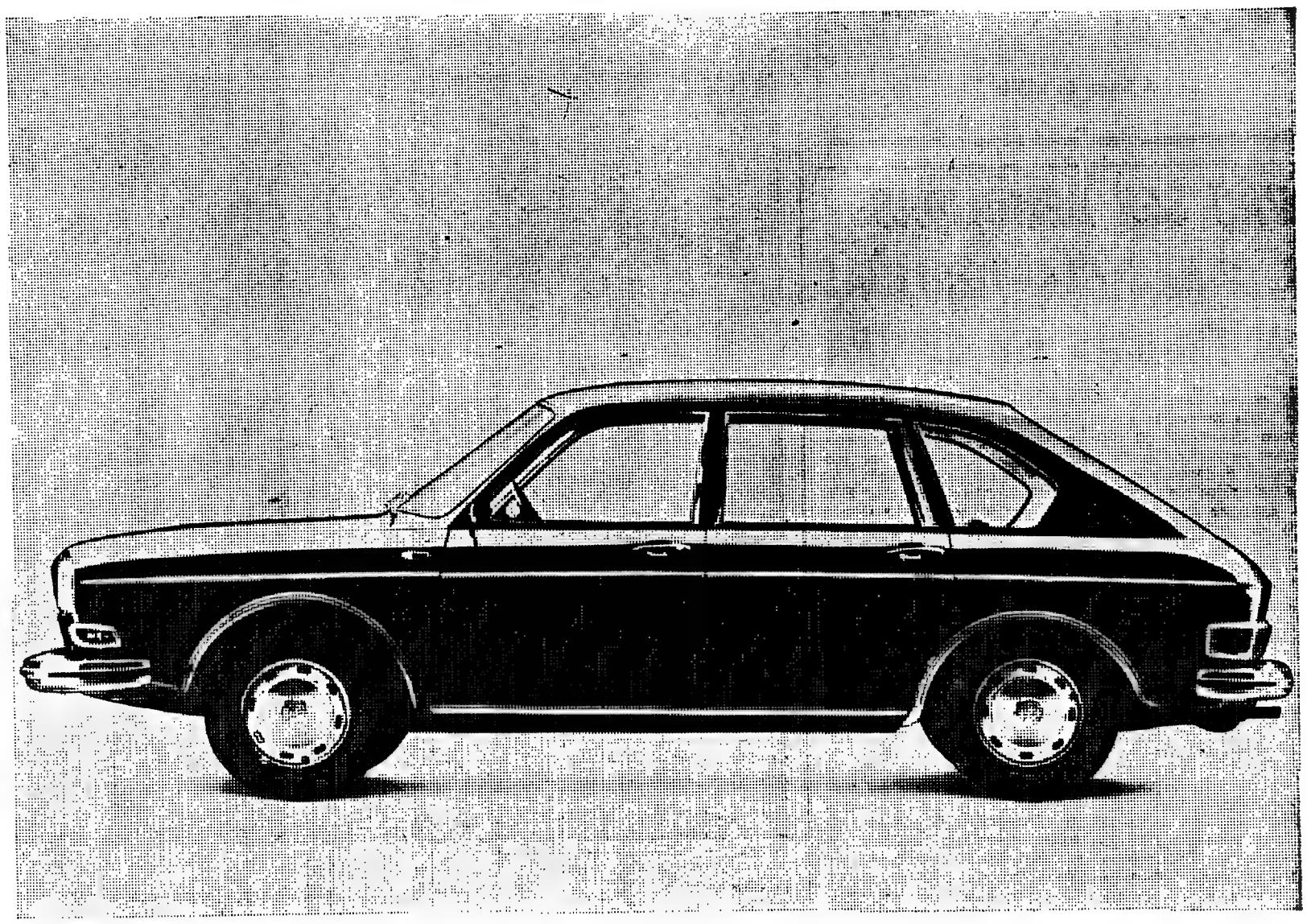
Esteve também presente o arquitecto Maurício de Vasconcelos, chefe da equipa de técnicos incumbidos do estudo de urbanização daquela área e das medidas a tomar para a sua melhoria.

Efeitos da chuva na região duriense

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 29.—A abundante chuva que tem caído beneficia a agricultura; perturba, contudo, a tarefa da apanha da azeitona, em risco de se perder, devido, também, á falta de pessoal, visto ser constante o movimento migratório.

Nunca houve um Volkswagen como este

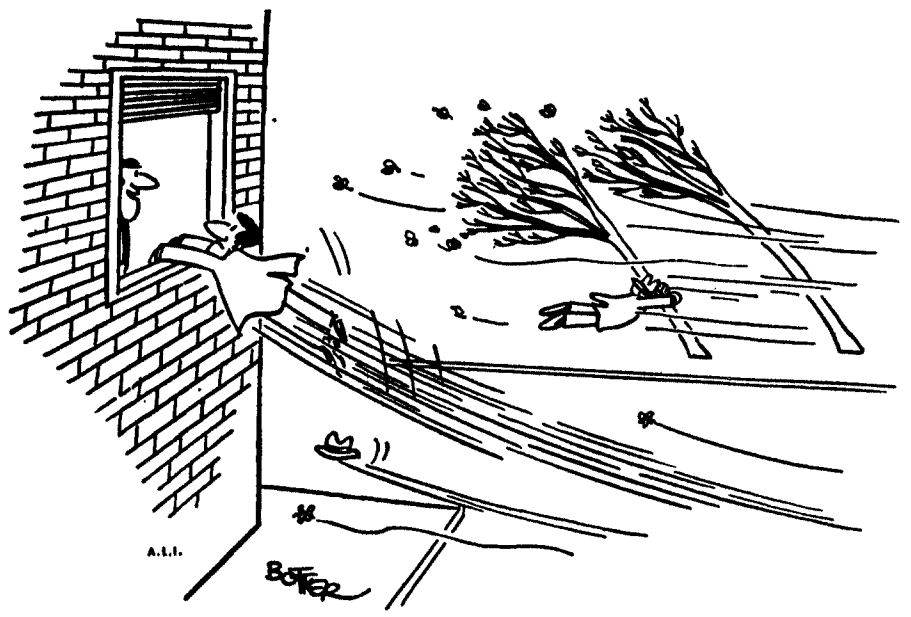
Como o VW 411.
Tem, realmente, um espaço interior magnífico! E um porta-bagagens que não causa menos espanto.
É tão luxuoso quanto um bom carro de luxo o pode ser. Os bancos da frente são reguláveis em três sentidos, até em altura.
O sistema de aquecimento, controlado por termostato, mantem a temperatura constante e a seu gosto.
O sistema de ventilação não origina correntes de ar e tem um dispositivo para renovar o ar viciado.
O chassis é semelhante ao dos carros desportivos. E não aos de modelo antigo, mas como o do Porsche 911: eixo traseiro com barras de suspensão transversais, de articulação dupla e, à frente, amortecedores telescópico-helicoidais. Tem pneus radiais. E, evidentemente, a sua fantástica aderência na estrada.
A sua carroçaria é monobloco, de segurança, à prova de choques e de torção.
Tudo isto não significa apenas que nunca houve um Volkswagen como este. Significa também que, entre os melhores carros da classe média, nunca houve um carro como este.
Como o VW 411.



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Av. da Liberdade, 12 — Telefs. 36 67 51/7 - 37 01 71/5 • Lisboa

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA — R. DA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, ANGRA DO HEROISMO, BISSAU, FUNCHAL, HORTA, PONTA DELGADA, S. TOMÉ

A força do hábito



— Que bom vento te trouxe, Herculano?!...

Julgamento adiado

Foi adiado para o dia 16 de Fevereiro o julgamento do estudante António Abreu, O julgamento decorrerá, pelas 9 e 30, no 8.º Juízo Correccional da Boa-Hora

Quando funciona uma cantina escolar construída em Setúbal?

SETÚBAL, 29 — Há cerca de três anos, começou a expensas da Câmara Municipal, a construção de uma cantina escolar anexa à escola primária do populoso bairro de Santos Nicolau, da qual beneficiarão muitas dezenas de crianças — quando vier a funcionar.

Tendo ficado concluída, mobilada e apetrechada ainda antes da abertura do actual ano lectivo, causa estranheza que a cantina ainda não tenha sido inaugurada, o que muito prejudica os futuros beneficiários, para os quais foi criada.

Corporação da Imprensa e Artes Gráficas

Reuniu-se a Corporação de Imprensa e Artes Gráficas sob a presidência do sr. dr. Luís Borges de Castro. Foi deliberado elaborar em conjunto um projecto de estatutos que abrangeria, em princípio, todos os trabalhadores e empresários das actividades representadas pela Corporação, ouvindo oportunamente os organismos primários interessados, e ficou resolvido continuar a apoiar os contactos entre o Grémio dos Industriais de Fabricação de Papel e os industriais de fabricação de pastas celulósicas. Foi também aprovada a criação de uma comissão de técnicos encarregada de proceder á elaboração de um plano de contas normalizado para a industria de papel.

VÃO SER DEMOLIDAS AS CASAS CLANDESTINAS CONSTRUÍDAS EM SINTRA

Entre outras decisões, incluindo a de melhoramentos, a Camara Municipal de Sintra tomou providências para se proceder á demolição das casas construídas clandestinamente, «sem se dar a possibilidade de qualquer tentativa de legalização, até porque se tem conhecimento de que na maioria dos casos se trata de exploração das dificuldades verificadas na obtenção de casas de rendas acessíveis».

Foi aprovada a proposta da Comissão Municipal de Higiene para que na recolha de lixos domésticos se passem a utilizar sacos de papel, além de recipientes mencionados na respectiva postura municipal. Aprovados, também, projectos tipo de casas destinadas a munícipes de débeis recursos financeiros, elaborados pelo Gabinete de Urbanização, e assim, de futuro, os interessados na construção de habitação própria, poderão, se o entenderem, pedir á Camara o respectivo projecto-tipo, que é oferecido gratuitamente, com a vantagem de evitar as demoras resultantes do circuito administrativo necessário á conclusão do processo até á aprovação do projecto.

No que respeita a instalação de elevadores em prédios a construir, a Camara concordou com o seguinte parecer do vereador sr. José Eduardo Jorge e decidiu que a partir de 2 de Janeiro corrente se dê execução ao disposto, sobre o assunto, no Regulamento Geral das Edificações Urbanas: «1.º Que a partir da deliberação da Camara seja aplicado o R. G. E. U., mas que em vez de um ascensor e um monta-cargas para objectos, seja obrigatório um ascensor para pessoas e outro para monta cargas e pessoas, isto para todos os projectos entrados a partir dessa data. 2.º Que para todos os projectos já em apreciação seja seguido o critério antigo. 3.º Que aos proprietários que concordaram com os Serviços em baixar um ou mais andares para não terem que pôr os dois ascensores, seja autorizada a construção do numero de pisos inicialmente previstos — se possível, estética, técnica e urbanísticamente.»

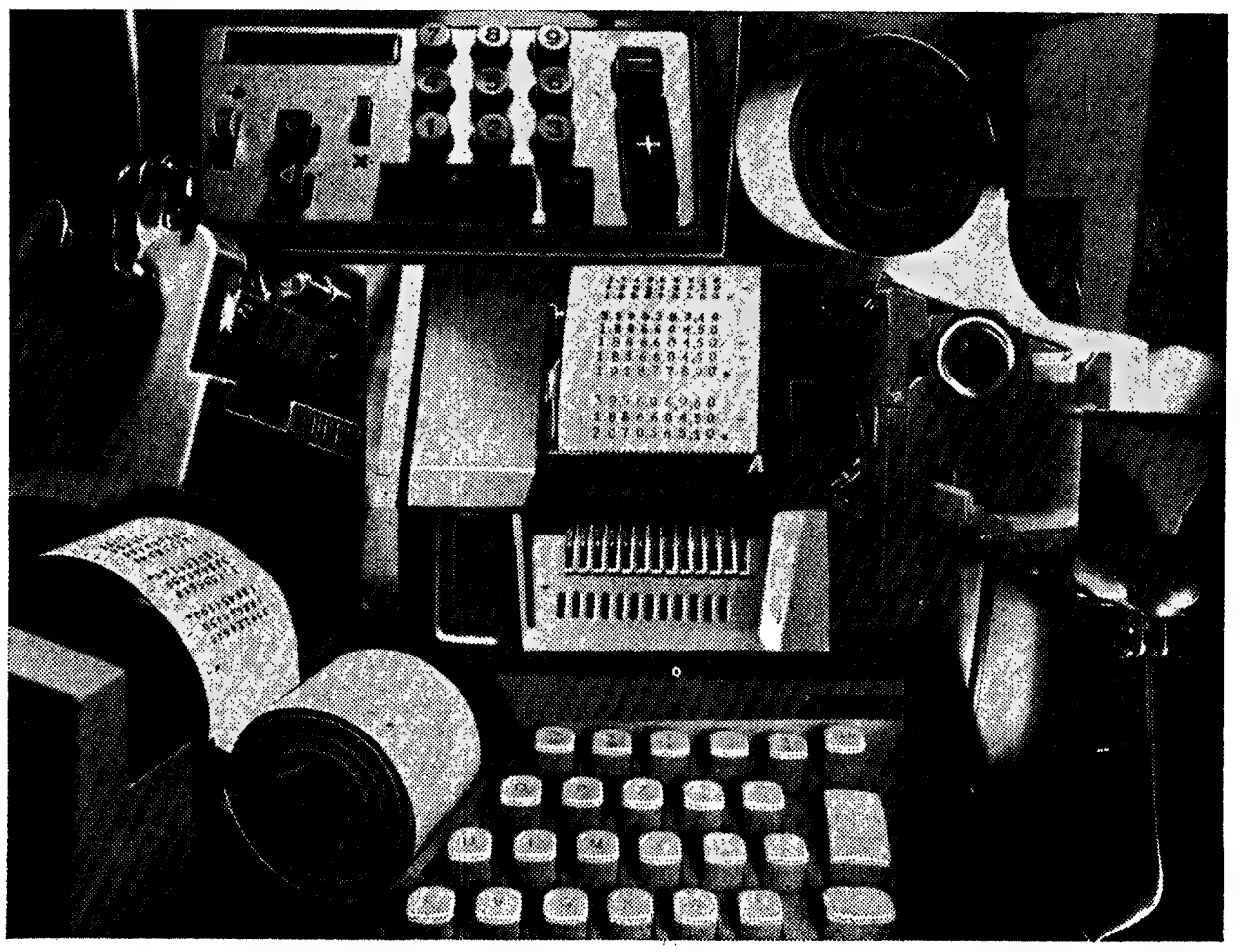
Empossado o vereador sr. Eduardo Rodrigues Cardoso no cargo de administrador do Bairro Administrativo de Queluz, ocupa o seu lugar o sr. Manuel Sousa Vistas, que na lista dos vereadores suplentes figurava em primeiro lugar.

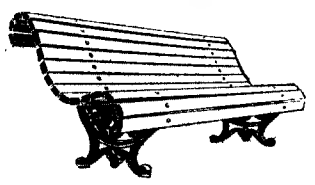
Em AZEITÃO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por José Augusto Sacramento & Filhos, Lda.

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967 NOMEN FACTO AUREUS CLAUDITO

JOMA BFB-2

as máquinas de pensar decidem?





Metálicas, dinâmicas, eléctrónicas, exactas - exactamente: exactas - as máquinas de pensar *colaboram* com a nossa tradicional experiência bancária.
O actualíssimo computador electrónico que manejamos recebe e transmite - num tempo record - as decisões dos nossos funcionários especializados, que olham o seu caso com o mais humano e positivo dos interesses.
Assim, servido pela nossa *técnica moderna,* você dispõe, da nossa tradicional segurança e experiência, e, ainda dos mais modernos e eficientes métodos de trabalho.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

França, 3 - Portugal, 0

A inoperância dos portugueses animou o ataque gaulês

Sob a arbitragem do juiz belga Loureux, coadjuvado por fiscais de linha franceses, realizou-se esta tarde, em Paris, no «Parque dos Príncipes» o encontro entre as selecções de juniores da França e de Portugal, a contar para o Torneio Internacional da U. E. F. A.

As equipas alinharam:

FRANÇ — Bertron; Becker Poitier, Neubert e Gardon; Kiteau e Carrié; Anribas («cap.»), Mankowski, Santini e Sarramagna.

PORTUGAL — Matos; Fernando Laranjeira («cap.»), Carlos Cardoso e Lino; Cano Brito e Ludgero; Eurico, César, «Nando» e João Cardoso.

Contrariando a previsão de quantos pensavam que os gauleses se iriam remeter a uma defensiva cerrada, a selecção da França nunca recorreu a esse sistema — instalando-se, pelo contrário, durante longos períodos, no meio-campo português.

Não surpreendeu, assim, que os franceses obtivessem o seu primeiro golo quando apenas estavam decorridos sete minutos de jogo: na sequência de um «pontapé de canto» contra Portugal, SANTINI captou um cruzamento da extrema-esquerda e atirou com êxito.

Insistem os franceses na ofensiva, obrigando a turma portuguesa a um redobrar de cuidados na defesa. Sarramagna, Santini e Anribas levaram com frequência o perigo ao último reduto da equipa de Portugal, mercê de uma movimentação constante e notável sentido de penetração.

Sem que a turma das quinas tivesse beneficiado de uma só oportunidade de golo, a França voltou a marcar, aos 25 minutos, de novo por SANTINI, aproveitando do melhor modo um ressalto da bola na barra a remate de Sarramagna.

O desafio atingiu o intervalo sem que o marcador houvesse voltado a funcionar, não obstante um remate de Santini — sempre ele — que passou a curta distância da barra.

O recomeço coincide com um potente «tiro» de Sarramagna ás redes de Matos, que, no entanto, não resulta.

Reagem os portugueses — que têm nos minutos seguintes o seu melhor período. Correia Dias, que entrara após o intervalo, trouxe maior intencionalidade ao ataque luso. Aos 12 e aos 15 minutos, respectivamente, Bertron defendeu com o corpo.

Germano substituiu Eurico, aos 22 minutos, numa altura em que os franceses se encontravam de novo no comando da partida, e, logo no minuto imediato, CARRIÉ, desmarcado, atirou por forma a bater Matos pela terceira vez.

Até final, com a selecção francesa a evidenciar melhor estruturação global, Portugal viria a usufruir de um ensejo soberano de diminuir a diferença, num «penalty» bem assinalado, a castigar derrube de um avançado português na grande-área gaulesa. No entanto Laranjeira, chamado a concretizar, atirou contra o poste, e Becker, acorrendo prontamente aliviou

O RÉU CHARLES MANSON DEFENDEU-SE A SI PRÓPRIO

LOS ANGELES, 29 — (A. N. I.) — Charles Manson, o chefe de uma «família hippie» acusado de ter morto cinco pessoas em casa da actriz Sharon Tate (uma das vítimas) e um casal, no dia seguinte, declarou que objectava ao julgamento.

Manson apareceu no tribunal com a cara rapada e com o cabelo longo, a cair sobre os ombros, e actuou como réu e advogado de defesa.

O juiz George Dell lembrou-lhe que o primeiro passo do julgamento seria apresentar, como advogado, uma declaração de que se considera inocente. O juiz leu-lhe depois os artigos em que se estabelece que, na falta de apresentação, cabe ao juiz apresentar esse documento. E ditou-o para a acta.

Depois repreendeu o réu, que declarara não ter tido tempo para preparar devidamente o caso: aproveitando-se das facilidades que a lei concede ao réu que assume a sua própria defesa, Manson recebeu na prisão, de 11 de Dezembro a 21 de Janeiro, 48 pessoas, algumas das quais lhe fizeram 15 visitas.

«Não permito que faça discursatas e diga que não teve tempo para preparar o caso, quando sei que recebeu toda essa gente» — acentuou o juiz Dell.

O IV Curso Intensivo sobre Temas Actuais no Centro de Cultura Católica

Na sede do Centro de Cultura Católica, começa depois de amanhã, ás 21 e 30, o IV Curso Intensivo Sobre Temas Actuais, promovido pela instituição e que tem por tema «Herbert Marcuse: O homem e a obra». Será orientado pelo sr. dr. António Reis, formado em Filosofia pela Universidade de Friburgo.

A série de lições, que termina no domingo com missa ás 12 h., tem o seguinte programa: depois de amanhã, ás 21 e 30, «Marcuse o homem e a obra», «Quem não é Marcuse e quem é Marcuse»— Um militante político um filósofo, um sociólogo? Traços biográficos, personalidade e unidade geral da sua obra: das primeiras obras filosóficas («Razão e Civilização») e «socio-políticas («O Homem Unidimensional», «O Fim da Utopia», «A Caminho da Libertação» e «O Marxismo Soviético»); sexta-feira, ás 16 horas, «Os grandes tópicos de pensamento de Marcuse» A) crítica da sociedade industrial avançada: Denuncia das suas estruturas repressivas («O Homem Unidimensional» e «O Marxismo Soviético»;) ás 17 e 30, «A B) Projecto de uma Sociedade Livre: suas bases técnicas e éticas («O Fim da Utopia»); «Utopia ou Possibilidade Real»: no domingo, ás 9 e 30, «C) Meios para operar a mudança: «Tecnologia e a vivência de uma nova antopologia baseada na primazia da necessidade vital de ser livre»; «Os Agentes: «A) «Nova Esquerda» («The Left»)— Os subprivilegeados dos «Ghettos», os técnicos conscientes, os estudantes e intelectuais; «Estratégica Política: Reforma ou revolução?»; ás 11 horas, «Importância e Significado Real da Obra de Marcuse: «Um testemunho e um aviso—Seu sentido em Portugal — 1970»

São ainda recebidas inscrições para este curso

EMIGRARAM PARA FRANÇA 425 500 PORTUGUESES NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

PARIS, 29 — (A. N. I.) — Segundo estatísticas oficiais, a França recebeu nos últimos dez anos milhão e meio dos seus actuais três milhões de imigrantes, vindo de Portugal 425 500, enquanto outros chegaram de Marrocos, da Argélia, da Tunísia, da Espanha, da Itália, da Jugoslávia e da Turquia.

Na economia francesa, os imigrantes representam vinte por cento da mão-de-obra não especializada. E metade do crescimento demográfico é, também, por eles assegurado, quer pelo saldo entre entradas e saídas, quer pelos cem mil nascimentos anuais a que dão lugar.

O sexto plano de fomento nacional prevê oficialmente que muitos milhares de estrangeiros, porventura centenas de milhares, continuem a vir trabalhar para França.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

■ GREVE NAS MINAS

MADRID, 29 — (F. P.) — A greve prossegue nas minas de carvão das Asturias. Dezassete poços pertencentes á companhia Hunosa estão paralisados e três outros trabalham ao «ralenti». A situação, em contrapartida, normalizou-se em 14 poços dependentes de empresas particulares.

■ SUSPENSÃO DE VOOS PARA A NIGÉRIA

GENEBRA, 29 — (F. P.) — Os voos de socorro da Cruz Vermelha entre Cotonu, capital do Daomé, e o interior da Nigéria, foram suspensos — anunciou nesta cidade um informador do «comité» internacional da Cruz Vermelha.

Comissão coimbrã recebida pelo ministro da Defesa Nacional

Uma comissão de individualidades da cidade de Coimbra, incluindo o governador civil do distrito, o presidente da Câmara Municipal e deputados pelo círculo, foi, esta tarde, recebida pelo ministro da Defesa Nacional e do Exército, para lhe solicitar o restabelecimento da II Região Militar com sede em Coimbra.

NINGUÉM QUER CONSTRUIR A PASSAGEM SUBTERRÂNEA NO CAIS DO SODRÉ

Na 4.ª Repartição — Direcção dos Serviços Técnicos Especiais — armazéns da Câmara Municipal de Lisboa, em Alcântara, estava marcado para hoje, de manhã, o concurso público para adjudicação da construção de uma galeria subterrânea para peões no Cais do Sodré.

A base de licitação era de 2 998 067$50. A praça, para arrematação do importante e necessário empreendimento, ficou deserta pela segunda vez.

Os projectos e cadernos de encargos voltaram á secção da Rua da Palma, para novo aumento da base de licitação.

UM AERÓDROMO EM FÁTIMA?

Um grupo de técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica deslocou-se hoje a Fátima, a fim de estudar localmente a implantação de um aeródromo junto do Santuário.

A construção do aeródromo foi sugerida há 20 anos pelo bispo de Leiria, mas só agora o assunto vai ser estudado. O objectivo da missão é encontrar possibilidades de instalação do aeródromo o mais perto possível do Santuário.

✝

DR. ÁLVARO NAVARRO SOEIRO

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Giannina Pescatori Soeiro, participa que amanhã, dia 30, ás 12 horas na Igreja dos Mártires (ao Chiado) será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

Também agradece por este meio, por impossibilidade de o fazer directamente, a quem lhe expressou o seu pesar e cujas moradas desconhece.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	530$	—	530$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	—	—	480$
Obrigs Tesouro 5%	000$	—	000$
Externo 1.ª Série	—	650$	680$
Externo 1.ª Série c.	—	820$	830$
Externo 3.ª Série	—	—	730$
Externo 3.ª Série c.	—	800$	820$
Cautelas 3.ª Série	—	155$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 3%	—	—	—
A. P. I. 5% 56	920$	920$	—
A. P. I. 5% 58	—	920$	930$
C. P. 4 1/2% 65	905$	900$	—
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	1.000$	998$	1.002$
C. U. F. 6% 68	—	992$	1.000$
Gás Elect. 4% 48	—	800$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	830$	830$	900$
Gás Elect. 5% 52	—	890$	—
Gás Elect. 5% 58	—	890$	—
Gás Elect. 5% 59	—	890$	—
Gás Elect. 5% 62	—	930$	—
Gás Elect. 5% 63	—	925$	—
Gás Elect. 5% 65	—	900$	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.010$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	815$	—
H. E. Cávado 5%	—	810$	—
H. E. Cávado 6%	1.001$	—	1.005$
H. E. Douro 5%	800$	800$	805$
H. E. Douro 6%	1.001$	—	1.001$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	1.001$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	998$	997$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	860$	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	940$
Sacor 5% 60	—	855$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	—	940$	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	815$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	86$
U. E. P. 4%	—	84$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AC ÇÕ E S			
Bancos			
Agricultura	2.340$	2.335$	2.340$
Alentejo	1.125$	1.125$	1.180$
Angola	3.700$	3.670$	3.700$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	5.500$	—
E. Santo	—	20.000$	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	20.000$	20.000$	20.500$
Fomento Nacional	2.490$	2.490$	—
L. & Açores p.	—	7.150$	7.350$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.080$	6.070$	6.080$
Portugal n.	3.300$	3.250$	3.320$
Portugal p.	4.350$	4.350$	4.380$
Totta Aliança	—	—	6.950$
Ultramarino n.	3.590$	3.585$	3.595$
Ultramarino p.	3.930$	3.910$	3.940$
Seguros			
Alentejo	122$	—	122$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	880$	870$	880$
Sagres	—	1.100$	2.600$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	845$	840$	850$
Ag. Cassequel	800$	795$	805$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	500$	600$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	330$	350$
Boror	—	—	—
Buzi	88$	87$	89$
Cabinda	—	235$	240$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vende
Diamantes Angola	2.985$	2.980$	2.995$
H. E. Revué	—	—	680$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	93$	93$	94$
Sonefe n.	450$	445$	455$
Sonefe p.	470$	465$	470$
Zambézia	88$	87$	89$
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	1.800$	1.700$	1.825$
Cim. Leiria	5.700$	5.600$	—
Cim. Tejo	7.350$	7.300$	—
Co. Navegação	1.480$	480$	—
C. U. F.	—	580$	590$
Ind. Aliança	—	650$	800$
Nac. Navegação	4.150$	4.100$	—
Petroquímica	2.080$	2.080$	2.100$
Port. e Colónias	—	1.460$	1.480$
Port. Celulose	4.900$	4.800$	4.500$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	785$	785$	786$
Sacor	—	4.740$	4.780$
Siderurgia Nac.	—	900$	—
Socel	3.780$	3.750$	3.790$
Tabacos de Portugal	—	1.910$	2.000$
Tabaqueira	8.000$	7.950$	—
U. F. Azote	935$	935$	940$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	420$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	385$	—
Eléct. Beiras	—	1.710$	1.730$
Gás Electr.	451$	451$	455$
H. E. Alto Alentejo	78$	78$	179$
H. E. Cávado	1.280$	275$	280$
H. E. Douro	1.280$	280$	—
H. E. Norte Portugal	320$	319$	320$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	1.275$	—
Nac. Electricidade	—	1.275$	—
Termoeléctr. Port.	1.275$	1.275$	—
U. E. P.	200$	199$5	201$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	212$6	219$
F. I. D. E.	—	129$3	183$2

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	22/1/70	28/1/70	29/1/70
GERAL	155,7	160,6	161,4
METROPOL.	146,7	149,1	149,7
ULTRAM.	222,0	244,9	247,1

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$95
Áustria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$75	5$15
Suíço — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

«Deve ser aumentado o limite da velocidade (120 km/h) ferroviária»

— foi afirmado no II Colóquio Nacional de Transportes

Nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, prosseguiu, hoje, o II Colóquio Nacional de Transportes, tendo-se realizado a 3.ª mesa do Congresso, subordinada ao tema «Transportes Ferroviários e Rodoviários».

A reunião, efectuada de manhã, presidiu o sr. comandante José Sequeira Marcelino, tendo como relatores os srs. Costa Ramos e dr. Alexandre de Magalhães.

No sector «rodoviário», a primeira comunicação foi apresentada pela Sonero — Sociedade Nacional de Exploração Rodoviária, Ld.ª. Título: «Para o estabelecimento do transporte internacional rodoviário de passageiros, de e para Portugal por linhas regulares». Nesta comunicação são apresentadas sugestões de base para o projecto da legislação nacional, articuladas especialmente nos seguintes 6 pontos:

«1. Atribuição da concessão a uma organização nacional única como no caso dos caminhos-de-ferro e do transporte aéreo, de acordo com a regra de uniformidade de tratamento previsto pelo art.º 60.º da Constituição Política da Nação. 2. A fim de dar as melhores condições possíveis de concorrência a nível europeu, deve favorecer-se a concentração de exploração do maior número possível de empresas nacionais rodoviárias. 3. Para evitar duplicação de investimentos, a concentração de exploração utilizará as infra-estruturas e material circulante dos associados. 4. Esta sociedade deve manter-se aberta às empresas adicionais que o solicitem e tenham capacidade funcional para executar a exploração que lhe for distribuída. 5. Deve dar-se a máxima utilização possível ao equipamento nacional em material circulante. 6. A concessão será dada com exclusivo.»

O BINÓMIO CARRIL-ESTRADA NA ECONOMIA DOS TRANSPORTES — Sobre este tema falou o dr. Álvaro Libânio Pereira, chefe do Serviço de Transportes Complementares, do Departamento Comercial da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses. Comparando números dos anos 50-60 e 60-67, o congressista afirmou:

«Numa primeira análise, considerados os valores globais por categorias de transporte, verifica-se que em todos os casos o número de veículos aumenta, tanto no período de 1950-1960 como no de 1960-1967. Nos transportes particulares atingiram-se valores consideráveis — em 1960 duas vezes e meia os valores de 1950 e pouco menos do que isso em 1967 quanto a 1960; nos transportes de aluguer quase não houve alteração no primeiro período indicado, mas logo no segundo se registou o aumento de 51%; nos transportes por carreiras os aumentos atingiram, respectivamente, 57 e 42%. Sem dúvida, estes valores põem em evidência a enorme distorção existente na utilização do transporte rodoviário.»

PROBLEMAS E SOLUÇÕES DOS TRANSPORTES EM AUTOMÓVEL LIGEIRO DE ALUGUER COM E SEM TAXÍMETRO — Sobre este tema falaram os srs. Manuel dos Santos Ferreira e António Augusto Dinis.

DISPOSIÇÕES LEGAIS E REGULAMENTARES QUE IMPEDEM O APERFEIÇOAMENTO DA EXPLORAÇÃO DAS CARREIRAS DE PASSAGEIROS — Sobre o tema a sociedade Transul deduz que, *«de 1958 a 1967 o número de passageiros transportados aumentou de 64% nas carreiras inter-urbanas embora nos lugares-km vendidos o acréscimo não vá além de 46%.*

No entanto, no mesmo período, o coeficiente de ocupação passou de 0,55 para 0,50 e a distância média do transporte de 11,6 km para 9,9 km.

Além disso, o percurso médio por veículo, embora apresente em 1967 um aumento de 10% relativamente a 1958, principia a decrescer a partir de 1966.»

SUBSÍDIOS PARA UMA NOVA REGULAMENTAÇÃO DOS TRANSPORTES OCASIONAIS DE PASSAGEIROS — Sobre este tema, o dr. Gonçalo Cristóvão de Meireles, da Comissão de Reorganização e Simplificação de Serviços, da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, salienta o desfazamento existente entre os princípios e objectivos visados pelo legislador e a sua concretização normativa, que está na base da anómala situação concorrencial existente no mercado de transportes.

CENTRAIS RODOVIÁRIAS — Sobre este tema, o sr. eng.º Jorge Carqueja Gonçalves, da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, tirou a seguinte conclusão:

«Uma central rodoviária agrupando transporte colectivo de passageiros, praça de táxis, estação de metropolitano, automóveis particulares e de aluguer e ainda veículos de mercadorias, permite melhorar as condições de trânsito e estacionamento de uma cidade. Proporciona ainda uma exploração mais económica dos transportes. Dá uma possibilidade de interesse para o comércio, que se julga de encarar. Admite-se a possibilidade de separação de uma central deste tipo em duas, sendo uma delas para passageiros e outra para mercadorias.»

IMPUTAÇÃO DOS ENCARGOS DA INFRA-ESTRUTURA RODOVIÁRIA — O autor gério Beatriz

No sector «ferroviário», foram apresentados os seguintes trabalhos:

O PROBLEMA DAS VIAS FÉRREAS DE TRÁFEGO REDUZIDO — Sobre este tema, e depois de manifestar, a título comparativo, a intensidade de tráfego em 22 redes ferroviárias europeias, o eng.º F. Almeida e Castro, chefe do serviço de estudos e previsão do Departamento de Organização e Planeamento da C. P., propôs:

«Quando se reconheça que determinada linha não é o essencial ao bom funcionamento da rede geral; que o desenvolvimento previsível da procura de tráfego não atingirá a dimensão mínima de utilidade da ferrovia; que o estado das instalações e equipamentos exige investimentos de renovação desproporcionados com a utilidade real; e que as necessidades de transporte existentes podem ser satisfeitas por outros meios (rodovia ou hidrovia), a solução final mais conveniente parece ser o abandono da exploração ferroviária.»

DA FUNÇÃO INTERNACIONAL DO CAMINHO-DE-FERRO — O dr. Carlos de Albuquerque, chefe do Departamento Comercial da C. P., após considerações sobre a contribuição do caminho-de-ferro no desenvolvimento económico da Europa, afirmou:

«Um programa racional de reconversão dos transportes ferroviários, visando o tráfego internacional e este integrado na rede europeia, exigirá do caminho-de-ferro mais do que velocidade, capacidade, segurança e regularidade, isto é, as suas clássicas características. Exigirá o que podemos designar por «alta qualidade» de serviço, embora nesta se integrem igualmente aquelutras particularidades.»

A MODERNIZAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DO CAMINHO-DE-FERRO. OBJECTIVOS E PROBLEMAS — Na sua comunicação, sob este título, o eng. Óscar Amorim, director de Via e Obras da C. P., referindo-se ao caso português, afirmou pretender-se prosseguir no caminho da obtenção dum transporte ferroviário rápido, de elevado potencial de tráfego e automatizado. Assim, disse:

«O limite de velocidade consagrado na nossa rede (120 km/h.) deve ser aumentado; as cargas máximas por eixo do material circulante permitidas pela generalidade da rede (16/18 T.) têm de ser acrescidas; os processos tradicionais de conservação e vigilância de via, baseados na maciça intervenção do factor humano, haveriam de ser substituídos por processos mecânicos, mais eficientes, menos penosos e exigindo menor volume de pessoal.»

AS INFRA-ESTRUTURAS NO TRANSPORTE FERROVIÁRIO SUBURBANO EM LINHAS DE GRANDE INTENSIDADE DE TRÁFEGO — Acerca deste tema, o eng.º Armando Cameira analisou os problemas derivados do acréscimo de exploração no decénio 1958-68 e fez uma previsão da evolução nos próximos anos. Terminou com o resumo das soluções para a melhoria dos problemas existentes (e que podem agravar-se):

«Aumento da capacidade das linhas do caminho-de-ferro mediante o aumento do número de comboios, respectivas composições e sempre que possível da velocidade; obras visando o rápido escoamento dos passageiros nas gares; disposição conveniente das linhas e dos cais de embarque; programas de conservação das infra-estruturas; protecção das rodovias nas zonas paralelas às vias férreas de nível.»

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TRÁFEGO FERROVIÁRIO — Na sua comunicação, com este título, o dr. Rogério Torroaes Valente, da C. P., depois de referir o incremento dos transportes urbanos e interurbanos na linha do Norte entre Lisboa e Porto e nalgumas linhas dos arredores de ambas as cidades, falou da modernização em curso da empresa ferroviária nacional e disse:

«É assaz desejável e per-

(Continua na 20.ª página)

Um aspecto da sessão da manhã

FIM DE TARDE EM S. BENTO

✱ O número de presenças na Assembleia Nacional baixou, ontem, para 93. Mesmo assim, a média alta mantém-se.

✱ *Antes da ordem do dia usaram da palavra deputados: Oliveira Dias, sobre política industrial; Sousa Pedro, abordando problemas de turismo em Ponta Delgada; Augusto Domingos Correia, acerca de problemas urbanísticos de Coimbra; Alberto Alarcão e Silva, a propósito da falta de professores na Escola Superior de Medicina Veterinária; Silva Tavares, sobre a urbanização de Aveiro; e Pinto Leite, a propósito da visita do secretário de Estado da Indústria à Alemanha.*

✱ O deputado Aguiar e Silva proferiu um discurso sobre problemas da Universidade, apontando erros de um lado e de outro; defendeu a autonomia e correspondente responsabilidade da Universidade; apoiou a profissionalização dos professores, defendida pelo deputado Pinto Machado; fez-se eco das aspirações dos assistentes e desejou, por fim, que se saiba preparar o corpo docente adequado à Universidade do futuro.

✱ *Na ordem do dia continuou a discussão, na generalidade, da proposta de lei sobre o desenvolvimento turístico na região da serra da Estrela, tendo usado da palavra os deputados Agostinho Cardoso e Gonçalves de Proença.*

✱ Uma afirmação do dr. Pinto Leite: «É fundamental que o País tome consciência de que o movimento centrípeto iniciado pelo Mercado Comum é irreversível, e que Portugal, embora de vocação ultramarina, é, também, europeu, e não deve, nem pode, fugir-lhe. Mais tarde ou mais cedo, teremos que entrar em qualquer tipo de relação íntima com a Comunidade Económica Europeia. Bom é que não se espere pelo último momento, para se ter que procurar precipitadamente uma solução que poderá ser a menos conveniente para o grau de desenvolvimento da nossa economia, e para a nossa característica pluricontinental. Encaremos o futuro com esperança e com lúcida objectividade, até porque o isolamento é suicida, e porque é sobre a tentativa de exaustão económica que se exerce o mais perigoso ataque à independência e á unidade nacional.

✱ *A medida que os órgãos de Informação têm dado maior atenção ao que se passa na Assembleia Nacional, mais dificuldades estão a ser levantadas á recolha de informações e textos. O contacto entre os representantes da Imprensa e os deputados era já, pràticamente, impossível, pois aqueles não podem penetrar no hemiciclo depois de aberta a sessão. É do regimento. Portanto, respeite-se o regimento, mesmo á custa de uma informação directa. Agora, nem a ordem do dia nem os textos são fornecidos.*

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU desde 1840 à RUSSIA
a bordo de modernissimo paquete «Ivan Franko» de 20 000 tons.
na companhia de competentes Delegados ABREU De 18/4 a 11/5

BREST-MARSELHA-ATENAS-CORINTO-DELFOS-ESMIR-ISTAMBUL-ODESSA-LENINEGRADO-MOSCOVO-YALTA-PALERMO e AGRIGENTO
Preços desde 14.900$00 • Peça programa detalhado
Escolha dos camarotes no acto da inscrição
LISBOA-Avenida da Liberdade, 160 • PORTO-Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA-Rua da Sofia, 2
Mais um cruzeiro-sucesso ABREU

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1875
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDI

A manhã do colóquio sobre transportes que está a decorrer na F. I. L.

Sábado «gordo»

VINTE FORTUNAS DE 400 CONTOS ...a troco de 30 escudos!

Embora pese aos espíritos foliões, nesta quadra carnavalesca, não se trata de boutade, *pois que, mesmo a tais abencerragens saudosistas do Rei Momo, deve parecer impossível ressuscitar uma tradição enterrada há mais de duas décadas, mais de dois séculos, certamente, na vertigem da era espacial que vivemos. E, não se tratando de «partida» de Carnaval, fortuna tanta, é lotaria, pela certa. E é mesmo! — Que, também, para comemorar a efeméride, sòmente restam essas lotarias, as quais trepam teimosamente de ano para ano, distribuindo milhões como quem espalha confetti. A «taluda» deste Carnaval fechou a conta em nada menos de oito mil contos. Como os bilhetes são divididos em «vigésimos», a cada um destes «papelinhos» virá a caber o prémio de quatro centenas de notas, das grandes. Se o «bolo» não acertar, em cheio, num só comprador, claro.*

O tom frívolo deste comentário não dispensa uma nota final mais a sério. Trata-se, sem dúvida (e passe apologética publicidade), de uma lotaria invulgarmente tentadora, já que para uma emissão de apenas 40.000 números, sairão premiados 4.648 bilhetes. Dia 7 de Fevereiro — sábado «gordo» — haverá muita gente que, com certeza, terá a maior alegria da sua vida. E, digam-nos, depois, se ainda não há Carnaval? ..

Hoje: Seis deputados inscritos para falar

Sem nenhum deputado inscrito para o debate, na especialidade, da proposta de lei sobre o desenvolvimento da zona de turismo da serra da Estrela, a qual deve ser votada ainda hoje, prosseguiram os trabalhos da Assembleia Nacional.

Para o período antes da ordem do dia inscreveram-se os deputados Miller Guerra (para anunciar o seu próximo aviso-prévio sobre Educação) Pinto Machado (o jubileu do prof. Amândio Tavares), Mota Amaral (problemas de Ponta Delgada), António Lacerda (funcionamento das tesourarias da Fazenda Pública), Carvalho da Conceição (problemas do ensino liceal) e Amílcar Mesquita.

Os trabalhos prosseguem amanhã, estando previsto para a ordem do dia o debate, na generalidade, da proposta de lei sobre o Serviço militar.

Os lucros líquidos do Banco Espírito Santo elevaram-se em 1969 a 76 933 contos

Está convocada para o dia 6 de Fevereiro próximo a assembleia geral ordinária do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, que apreciará o relatório e contas apresentados pelo Conselho de Administração, em documento de aprimorado aspecto gráfico agora publicado.

No relatório se regista «um melhor resultado de lucros que nos permite, além do mais, reforçar as reservas sempre crescentes».

Regista-se a reestruturação da organica dos serviços do banco. E depois: «As conjunturas mudam e com elas têm de mudar a organica e processos de trabalhar se se quer acompanhar a evolução. Pela mesma razão continua a merecer-nos o maior interesse a valorização profissional dos nossos funcionários o que se traduz num benefício recíproco».

Durante o ano de 1969, o total do crédito concedido foi de 40 783 mil contos.

No activo, com um total de 48 482 098 contos, foram deduzidos 26 706 contos de amortizações nos imóveis; e no passivo, os depósitos elevam-se a 17 954 572 contos. Os lucros líquidos do banco no exercício de 1969 foram de 76 933 contos dos quais 13 306 contos para reserva, além do dez por cento (7693 contos), ou sejam 21 mil contos no total, 1751 contos para o conselho de administração e 600 contos para o conselho fiscal. Para dividendo vão 19 200 contos, mais o distribuído por conta, ou sejam 27 200 contos, e ainda o dividendo suplementar de 6400 contos.

O dividendo é pois de 8 1/4% e o fundo de reservas ficará em 250 mil contos, sendo o capital do banco de 640 mil contos.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O novo reitor da Universidade de Coimbra, prof. Gouveia Monteiro, foi, esta tarde, recebido pelo Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano.

SERVIÇOS DE PROGRAMAS DA EN

Foram empossados esta tarde, nos cargos de chefe de secção dos serviços de programas da Emissora Nacional, os srs. Eurico de Santa Clara Amaro, Jaime Rodrigues Pontes e o dr. Julio Pedrosa Vieira.

A posse foi conferida pelo presidente de Direcção da E. N., numa cerimónia breve realizada na Rua do Quelhas.

—vdeS

O Chefe do Estado, num momento da inauguração

EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE AVES

(Continuação da 1.ª página)

mente automático, de distribuição de rações a aves e a porcos.

O Presidente da República apreciou, seguidamente, uma completíssima exposição de filatelia temática (avaliada em mais de 1500 contos), na qual figuram selos de todos os países representados nas jornadas (Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Suíça, Alemanha Brasil, Argentina, Mónaco e Áustria) e, também, uma exposição de fotografias de aves.

Esteve, por fim, na ala onde se encontram patentes as aves, algumas das quais de grande beleza e outras que se fazem notar pelo seu exotismo.

O programa do certame

O certame está patente ao público até 8 de Fevereiro, todos os dias úteis, das 15 ás 24 horas, e, aos sábados e domingos, das 16 ás 24.

Amanhã, decorre, a partir das 10 horas, o XVIII Congresso da Confederação Ornitológica Mundial. Ás 22, o dr. Alex Wiltzer pronunciará uma conferência sobre «Avicultura de fantasia e classificação de galinhas de fantasia».

Outras iniciativas integradas no programa: III Congresso da Ordem Mundial de Juízes C. O. M., no dia 31; II Jornadas Médico-Veterinárias Avícolas nos dias 2, 3 e 4 de Fevereiro; e Colóquio de Avicultores (Aviários de Multiplicação), nos dias 6 e 7.

As Jornadas Avícolas de 1970 incluem, ainda, a 53.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa (próximos sábado e domingo) e II Exposição Nacional do Pombo-Correio (dias 7 e 8 de Fevereiro).

COMPETIÇÃO DE GALGOS EM ÉVORA

ÉVORIA, 27. — A Secção Lebreira do Lusitano Ginásio Clube, desta cidade, realiza no couto do Vale de Moura, nos dias 6, 7 e 8 de Fevereiro, a prova «Diana». Trata-se de uma competição reservada a 32 galgos que se encontrem registados no O. P. O prazo para a entrega as inscrições termina impreterivelmente no dia 30 deste mês.

A P. J. INVESTIGA O CASO DO ASSALTO NA RUA DE S. BENTO

Foi assaltado o primeiro andar da Rua de São Bento, n.º 233, onde reside a sr.ª D. Iria Marques dos Santos. Desapareceram dois pequenos cofres de ferro, contendo um deles, objectos de ouro no valor aproximado de trinta mil escudos.

O assalto foi feito por escalamento e arrombamento de uma janela que dá acesso á cozinha da referida residência.

No interior da casa assaltada, nada mais foi mexido a não ser o objecto do roubo, pelo menos aparentemente.

Por outro lado na escada do prédio foi encontrada uma série de fósforos ardidos.

Polícia Judiciária, que tomou conta da ocorrência, prossegue as investigações.

A relação dos objectos existentes no cofre roubado é o seguinte: um cordão de ouro, sete ecravas de ouro, um fio de ouro, martelado com medalha do mesmo metal tendo a efígie de uma rainha; uma pulseira de ouro, muito grossa; um relógio de pulso e bracelete de ouro; um fio de ouro com medalha, um par de brincos de ouro e um anel de ouro, com rubis.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA C. P.

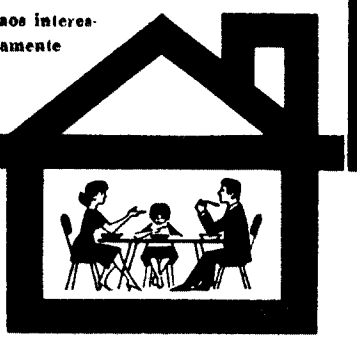
A administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses pediu-nos o seguinte esclarecimento, acerca do caso de desaparecimentos de documentos do seu arquivo na Estação do Rossio:

«1.º — não desapareceram documentos importantes dos arquivos da administração da C. P., na estação do Rossio; 2.º — Não existem polícias á entrada do arquivo; 3.º — Não foi pedida qualquer responsabilidade ao arquivista».

gripe?

Uma alimentação racional, enriquecida com um remineralisante magnesiano é um bom método profiláctico (Prof. Delbet).

Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.



CENTRO DIESE
de alimentação racional

AVENIDA DA REPÚBLICA, 46-R/C
TELEFONE 767141 LISBOA 1

MEDICINAL

Actualidade internacional

Assassinado um dirigente sindical brasileiro

SÃO PAULO, 29 — (A. N. I.) — O presidente do sindicato dos empregados bancários de São Paulo, Salvador Tolezano, foi assassinado na cidade de Sorocaba, onde a Polícia encontrou o seu cadáver nas águas de uma represa. O crime misterioso mobiliza desde a manhã de sábado passado a Polícia.

Tolezano fizera uma conferência, na acção católica de Sorocaba, sobre sindicalismo, na sexta-feira á noite, e desaparecera em seguida, depois de sair sózinho da cidade, num automóvel do sindicato, de volta a São Paulo.

O carro foi encontrado ontem, carbonizado, perto da represa onde o corpo foi descoberto.

NUREYEV VAI INTERPRETAR O PAPEL DE NIJINSKY

LONDRES 29 — (R.) — O famoso bailarino Rudolj Nureyev, interpretará o papel de Nijinsky num filme sobre a vida de um dos imortais do «ballet».

A película será dirigida por Tony Richardson, o ex-marido de Vanessa Redgrave.

Será o primeiro filme de Nureyev

O filme será produzido por Harry Saltzman cadiano de nascimento, que fez fortuna com a adaptação á tela das novelas de Ian Fleming acerca de James Bond, o agente secreto 007

Richardson acabou recentemente um filme na Austrália acerca de Ned Kelly, um dos mais famosos salteadores daquele país, papel que foi interpretado por Mick Jagger o ídolo da «pop-music»

Um informador de Saltzman disse que as filmagens começarlam em Julho em Roma, Paris e Londres.

Os intérpretes dos outros papeis não foram ainda escolhidos — acrescentou.

Vaslav Nijinsky, á semelhança de Nureyev, nasceu na Russia e faleceu em Inglaterra em 1950, com 60 anos

Nureyev, de 31 anos, fugiu da União Soviética em 1961, quando se encontrava em Paris.

RUDOLF NUREYEV: O papel de Nijinsky num filme de Tony Richardson

OPTIMISMO DE WILSON DE REGRESSO A LONDRES

WASHINGTON, 29 — (R.) — O primeiro-ministro inglês, Harold Wilson, partiu hoje para Londres convencido que a apertada política fiscal e monetária do presidente Nixon não deverá causar nenhuma recessão nem prejuizo á economia britânica.

O cauteloso optimismo de Wilson quanto á capacidade de Nixon em descongestionar a sobreaquecida economia norte-americana, sem um corte drástico que se propagasse além Atlântico, foi uma das características principais resultantes da viagem a Washington.

Durante a sua estadia nos Estados Unidos, Wilson discutiu com o presidente norte-americano problemas relativos á Nigéria, á continuação da crise no Médio Oriente, á guerra do Vietnam e á política de redução da influência norte-americana não só na Ásia como na Europa e noutras regiões

Porém, o que mais satisfez Wilson foi a conclusão de que pouco havia na política norte-americana que pudesse pôr em perigo imediato a economia britânica, em progresso, numa ocasião em que se aproximam as eleições gerais.

Tanto o presidente Nixon como Harold Wilson pensam que as conversações da Casa Branca, a terceira conferência de alto nível em menos de um ano, foram um êxito.

Em várias ocasiões ambos falaram publicamente das relações amigáveis entre os dois países e o presidente Nixon foi além da norma habitual afirmando que o primeiro-ministro britânico era seu amigo pessoal.

Porém, as conversações não deram origem a notícias sensacionais nem a grande destaque na Imprensa americana

Três aviões abatidos no Vietnam do Norte

HONG-KONG, 29 — (F. P.) — Três aviões americanos foram ontem abatidos no Vietnam do Norte — anuncia a agência noticiosa norte-vietnamiana, acrescentando que os aparelhos atacavam as províncias de Quang Binh e Ha Tinh.

A agência indica que, até agora, foram abatidos 3311 aviões dos E.U.A.

ELLSWORTH BUNKER: «UM ANO CRÍTICO»

SAIGÃO, 29 — (F. P.) — Ellsworth Bunker, embaixador dos Estados Unidos no Vietnam do Sul, manifestou um optimismo moderado quanto aos progressos realizados em 1969 pelo Governo sul-vietnamiano. Contudo, acrescentou que 1970 poderia ser «um ano crítico».

Num discurso hoje pronunciado perante a Câmara de Comércio Americana, Bunker reafirmou que o objectivo dos E.U.A. no Vietnam do Sul não era «ganhar a guerra no sentido convencional», mas procurar «uma solução negociada que permita ao povo do Vietnam do Sul determinar o seu próprio futuro, livre de qualquer ingerência externa, donde quer que ela venha».

Aludindo á retirada das forças americanas do Vietnam do Sul, salientou que seria um erro crer que o povo americano se prepara para abandonar os seus aliados vietnamianos.

INTENSIFICAR A LUTA DE LIBERTAÇÃO EM ÁFRICA — decidiu-se em Cartum

CARTUM, 29 — (F. P.) — Em virtude do agravamento da situação no Médio Oriente, os países participantes na sexta conferência cimeira dos Estados da África Oriental e Central, reunida em Cartum, decidiram pedir a imediata aplicação das resoluções do Conselho de Segurança.

Quanto aos problemas da descolonização, a conferência decidiu recomendar á O.U.A. a criação de um «comité» especial para «examinar as actividades das sociedades comerciais, dos monopólios e de todas as empresas que tenham actividades tanto nos territórios ainda sob domínio colonial, como nos Estados africanos independentes, a fim de que estes Estados tomem decisões apropriadas». Foi igualmente decidido «intensificar por todos os meios a luta de libertação em África, fornecendo aos movimentos de libertação as possibilidades de prosseguirem o combate».

ELIMINADOS NA CHECOSLOVÁQUIA OS ÚLTIMOS VESTÍGIOS DO REGIME DE DUBCEK

PRAGA, 29 — (R.) — O dr. Lubomir Strougal, conhecido elemento da linha dura e antigo ministro do Interior, é agora o novo chefe do Governo federal checoslovaco, após a profunda remodelação operada pela sessão plenária da comissão central que afastou do poder os ultimos vestigios do regime reformista de Dubcek.

Assim, a direcção do Governo e do partido, que há cinco meses já tinha sido depurada dos elementos reformistas que mais abertamente colaboraram com a política de Dubcek, foi ontem á noite depurada daqueles que se situavam ao centro, entre os extremistas ortodoxos e os reformistas ou «oportunistas das direitas», como são designados aqueles que pretendiam liberalizar o regime.

Oldrick Cernik, agora substituido na chefia do Governo por Strougal, tinha sido nomeado primeiro-ministro em Abril de 1968, em plena «Primavera de Praga», mas, apesar disso, conservou o seu lugar após a intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia, em Agosto de 1968, limitando-se a transferir o seu apoio de Dubcek para o novo secretário-geral do partido, Gustav Husak.

O novo primeiro-ministro Strougal é conhecido como um partidário incondicional da União Soviética e da intervenção militar do Pacto de Varsóvia. Como chefe da secção política do partido, para os assuntos checos, efectuou uma depuração dos elementos reformistas na Imprensa e nos quadros do P. C. logo após a queda de Dubcek em Abril do ano passado.

Os observadores julgam que a escolha de Strougal e a eleição de três novos membros para o «praesidium» enfraqueceu a posição do dr. Husak, o qual tem procurado conter os ultra-ortodoxos e impedir que a depuração assuma uma forma violenta.

Com a entrada dos três novos elementos — Antonin Kapek, secretário do partido em Praga; Josef Korcak, novo primeiro-ministro checo, e Jozef Lenart, antigo chefe do Governo no tempo de Novotny — o dr. Husak conta presentemente com um apoio mais incerto entre os onze homens que fazem parte do «praesidium», órgão supremo do poder executivo.

Com a saída de Cernik, do chefe do partido eslovaco Stefan Sadovsky e a do chefe sindical Kabel Polack, desaparecem da cena política os três ultimos dirigentes que ocuparam cargos importantes durante o regime de Dubcek.

BÉLGICA: SPAAK A FAVOR DE UMA FEDERAÇÃO

BRUXELAS, 29 — (F. P.) — Paul-Henri Spaak, que se tornou notado o mês passado ao reaparecer na cena política com um artigo a favor do federalismo na Bélgica, quando sempre defendera resolutamente uma Bélgica unitária, confirmou na quarta-feira esta sua tomada de posição.

Numa conferência pronunciada no Círculo do Tosão de Ouro, o antigo primeiro-ministro manifestou-se categóricamente favorável a «certo federalismo».

«Não se pode — sublinhou ele — ir contra os factos. A política é a arte do possível. É preciso pormo-nos na dianteira dos factos e não a reboque deles. Estamos amadurecidos para certo grau de federalismo na Bélgica. Muitos têm medo desta palavra. Porquê esta espécie de repulsa? Não existe este regime, com geral satisfação, nos Estados Unidos, na Alemanha Federal e na Suiça? Iriamos sem duvida aqui do Estado unitário para a federação, mas esta federação não significa separatismo. A solução que proponho é a seguinte: Haverá por um lado o Estado federal, unico competente em política externa, defesa nacional, finanças e economia, e pelo outro os Estados federados, competentes nas questões de educação, linguísticas e culturais, e que seriam três: Bruxelas, Valónia e Flandres, além de seis regiões.

Trata-se de um plano de conjunto que não deve ser separado.»

Roman Polanski adaptará «Papillon» ao cinema

PARIS, 29 — (A. N. I.) — «Papillon», o romance autobiográfico do antigo condenado Henri Charrière, que de há oito meses para cá é o livro mais vendido em França, vai ser adaptado ao cinema por Roman Polanski.

Parece que Polanski tenciona confiar o papel do protagonista ao actor Warren Beatty, a vedeta de «Bonnie and Clyde».

Deitar mão aos «Mirages» — PROJECTO ATRIBUÍDO AOS ISRAELITAS

LONDRES, 29 — (F. P.) — Os israelitas pensavam deitar a mão aos 50 aviões Mirage que se encontram submetidos ao embargo francês há mais de dois anos, na mesma noite em que as cinco vedetas israelitas saíram de Cherburgo, afirma esta manhã o «Daily Telegraph». Mas, de acordo com o jornal, este segundo projecto não foi realizado por motivo da vigilância dos serviços da Força Aérea francesa.

O Governo israelita havia pedido á França que o treino de 30 dos seus pilotos pudesse prosseguir em França. Este pedido foi aceite e os pilotos foram enviados para as bases aéreas de Pau, Nancy e Aix-En-Provence. Algum tempo mais tarde, prossegue o jornal britânico, o Governo israelita pediu a Paris para que os pilotos e os aviões fossem transferidos para a ilha de Córsega, a fim de se encontrarem num meio geográfico mais parecido com o de Israel. Ao mesmo tempo foi pedido que nos treinos os aviões se encontrassem equipados com os seus reservatórios suplementares. Estes pedidos levantaram suspeitas no seio da Força Aérea francesa, pois os aviões Mirage poderiam, com os reservatórios suplementares, alcançar Israel fácilmente a partir da ilha de Córsega. Depois disto, acrescenta o «Daily Telegraph», os Mirage foram colocados inteiramente sob a vigilância francesa. Ignora-se se os pilotos israelitas ainda se encontram em França.

A ANTIGA EDITORA DO «CORREIO DA MANHÃ» ESTÁ NA EUROPA

RIO DE JANEIRO, 29 — (A. N. I.) — Foi apresentado recurso ao Supremo Tribunal Militar, pelo promotor de Justiça, contra a decisão do Tribunal que libertou a antiga editora do «Correio da Manhã», D. Niomar Sodré Bittencourt, que se encontra actualmente na Europa.

D. Niomar era acusada de infracções ás leis de segurança nacional e de injurias ao presidente da República, delitos puníveis com quatro anos e meio de prisão.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A TASS COMENTA A POLÍTICA FRANCESA NO MÉDIO ORIENTE

MOSCOVO, 29 — (F. P.) — A Agência Tass difundiu ontem á noite um comentário do seu correspondente parisiense, Serebriannikov, acerca da política francesa no Médio Oriente, no qual se lê designadamente:

«A política da França em relação ao conflito do Médio Oriente e em especial o seu embargo quanto ás entregas de armas a Israel parecem inalteradas.

«Este aspecto importante da política estrangeira da França foi confirmado na terça-feira pelo primeiro-ministro Jacques Chaban-Delmas pela Rádio e pela Televisão, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Maurice Schumann, que havia usado a palavra perante a comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado.

«Os dirigentes franceses deram deste modo uma resposta á campanha que surgiu nestes ultimos tempos pelos meios pró-israelitas na própria França e do outro lado do Atlântico para obrigar o Governo francês a renunciar á sua política actual e anular o embargo das entregas de armas a Israel.»

A GUERRA AÉREA adquire nova importância na escalada a que se assiste no Médio Oriente. Israel recorre cada vez mais à aviação nos seus ataques aos países árabes. NA FOTO: O ministro da Defesa, general Moshe Dayan, e o comandante-chefe da Força Aérea, general Mordechai Hod, assistindo a um «raid» contra posições na Jordânia

O milionário Brody distribui dinheiro agora em Londres

LONDRES, 29 — (F. P.) — Os pobres londrinos, depois dos nova-iorquinos, vão beneficiar por sua vez da generosidade de Michael Brody, o jovem americano que parece firmemente decidido a dar cabo da fortuna que herdou.

Chegado ontem a Londres acompanhado por sua mulher, Brody declarou: «Quero dar todo o dinheiro possível aos pobres de Londres para que possam melhorar a sua vida».

O jovem filantropo esclareceu que de futuro só distribuiria a sua fortuna em notas devido á cupidez dos nova-iorquinos, que se precipitaram para o banco de cheques em punho, originando grande confusão. Por isso, trouxe com ele quinze mil dólares em notas repartidas por três sacos.

UMA BOMBA ATÓMICA PARA A UNIÃO INDIANA

Por AMADEU LOPES SABINO

As agências internacionais noticiaram que o Governo indiano estuda a hipótese de dotar o exército doméstico de armamento nuclear. Dado que não é todos os dias que se anuncia que um Estado pretende possuir a sua própria Bomba (com «b» maiúscula), é normal que o leitor de jornais se interrogue: porquê esta opção do Governo de Indira Gandhi?

É provável também que o mesmo leitor — se se tratar de um leitor atento — se recorde dos últimos conflitos armados em que a União Indiana tem estado empenhada, da posição estratégica do subcontinente indiano e do interesse manifestado pelas grandes potências nessa posição.

Não é por certo para se defender do ou para atacar o Paquistão que a União Indiana se arma. O conflito indo-paquistanês acerca do estatuto de Caxemira, se não está resolvido está estabilizado — por obra e graça, aliás, da intervenção directa das grandes potências. A U. R. S. S. e os E. U. A. têm em Lahore e em Nova Dilhi aliados partilhados, ditos «neutralistas», e tudo fizeram e fazem para debelar um conflito com significado meramente regional, *apenas* incómodo para os dois supergrandes.

A União Indiana herdou porém da colonização inglesa um outro contencioso fronteiriço, que, em 1965, degenerou em guerra.

Durante o século passado, as armas de Sua Majestade britanica incorporam ás suas colónias indianas e birmanesa territórios e populações conquistadas a uma China enfraquecida e semi-independente. Após a proclamação da Republica Popular, em 1949, o Governo Chinês propôs aos Governos dos Estados soberanos do Nepal, do Paquistão, da Birmania e da União Indiana a celebração de tratados que pusessem termo a uma situação criada pela colonização e que só a colonização teria interesse em manter.

«*Nos ultimos dez anos*», — escrevia em 12 de Dezembro de 1963 o «Diário do Povo», de Pequim — *com base nos cinco princípios da coexistência pacífica, o Governo chinês estabeleceu relações amistosas e desenvolveu o intercambio económico e cultural com muitos países de sistema social diferente. A China assinou tratados de amizade, tratados de paz e amizade ou tratados de amizade, ajuda recíproca e não-agressão, com o Iémen, a Birmânia, o Nepal, o Afeganistão, a Guiné, o Cambodja, a Indonésia e o Ghana* e resolveu satisfatóriamente os problemas fronteiriços legados da história, com a Birmânia, Nepal, Paquistão, Afeganistão, etc.»

Neste etc. do próprio texto oficioso chinés não estava e não está incluída a União Indiana (tal como não estava e não está incluída a U. R. S. S.)

Uma India apoiada pela comunidade internacional

Após a guerra sino-indiana, o conflito fronteiriço que opõe os governos de Nova Delhi e de Pequim foi sendo integrado num outro mais vasto e mais apadrinhável pelas grandes potências. O fim da «guerra fria», a aproximação russo-americana (e o tácito acordo entre os grandes numa partilha equilibrada do mundo em esferas de influência respectivas) e a eclosão do conflito ideológico e fronteiriço sino-soviético, concederam-lhe actualidade e rentabilidade.

Progressivamente, os campos foram-se extremando: de um lado encontrava-se uma China belicosa e incómoda, do outro uma India dom tradições pacíficas e democráticas, apoiada por toda a Comunidade Internacional... Progressivamente também, o neutralismo que, no período mais agudo das «políticas á beira do abismo» tinha representado *objectivamente* um esforço de independência e autonomia por parte do Terceiro Mundo, tornou-se o campo priveligiado de acção ideológica e política das grandes potências (e da Comunidade Internacional que estas encabeçam) na ofensiva antichinesa. A «neutralidade» indiana, concretamente, (tal como a da Indonésia, por exemplo) adquiriu um conteudo preciso: o Estado indiano era (é) neutral e coexistente — tinha (tem) relações amistosas com a U. R. S. S. e com os E. U. A., mas face á China arma-se, denuncia-a, é denunciada por ela, opõe-se-lhe...

O cerco à China

Entretanto, uma rede extremamente complexa de laços políticos, económicos e militares foi sendo montada, por russos e americanos, em torno da China Popular.

Omitindo uma história sobejamente conhecida — a da guerra americana do Vietnam, diga-se o reforço da SEATO e da CENTO, a viagem asiática de Nixon (ás Filipinas, á Indonésia, á Tailandia, á India e ao Paquistão) e o aumento decidido em 1968, das reservas de armas químicas e bacteriológicas reunidas em Okinawa, nas Filipinas, na Coreia do Sul e na Formosa, inscrevem-se, pelo que aos E. U. A. toca, na montagem, ou melhor, no fortalecimento dessa rede.

Quanto á U. R. S. S., assinale-se, antes de mais a tentativa de constituição de uma frente antichinesa no interior do movimento comunista internacional, encetada durante o consulado de Kruutschev. Por outro lado, e coincidindo com a agudização do conflito sino-indiano, a U. R. S. S. iniciou uma política espectacular de apoio a Nova Delhi, que as recentes deslocações de Kossyguine á União Indiana têm consagrado.

Mas foi no decorrer do ano transacto que a União Soviética jogou abertamente na política de envolvimento da China. Nos ultimos meses de 58, Moscovo enviou á Formosa um emissário e propôs ao Japão um plano de cooperação na industrialização da Sibéria. Durante o ano de 69, e enquanto os primeiros combates se feriam na fronteira que divide os dois maiores Estados socialistas do Globo, Podgormy visitava a Coreia do Norte e Kugnetsov, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros procurava (e obtinha) a adesão da Mongólia Exterior ás posições e ás teses russas. Finalmente, em 7 de Junho, pronunciava-se (1), perante a conferência mundial dos Partidos Comunistas reunida em Moscovo, pela criação de um «sistema de segurança colectiva na Ásia», a propor a Estados «burgueses» e a Estados socialistas (com exclusão da China evidentemente).

(1) — É só nesta política de cerco á China que a actual decisão do Governo de Indira Gandhi se pode inscrever. Dentro dos canones neutralistas, seja dito a terminar — pois que ambos os super-grandes têm nela interesse... Como poderia aliás a India armar-se atómicamente senão com a benção dos E. U. A. e da U. R. S. S.? Foi com o apoio deste ultimo Estado que, nos «bons, velhos tempos», a China Popular construiu a sua primeira bomba (com bê maiúsculo).

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Confirmado o roubo do tesouro de Ademar de Barros

RIO DE JANEIRO, 29 — (F. P.) — As autoridades brasileiras confirmaram que em Julho de 1968 membros do grupo revolucionário do capitão Carlos Lamarca roubaram um cofre-forte contendo 2 400 000 dólares (cerca de 72 mil contos) legados pelo ex-governador de São Paulo, Ademar de Barros, á sua amiga intima Ana Benchimol. Demitido das suas funções por corrupção, Ademar de Barros instalou-se em França, onde morreu há meses.

O audacioso roubo, agora confirmado oficialmente, tinha sido revelado o ano passado pelo próprio capitão Lamarca, que o apresentara como «a mais importante expropriação, em proveito do povo, de bens roubados ao povo».

O golpe foi executado por onze homens e duas mulheres, que começaram por se apresentar em casa de Ana Benchimol, onde estava o cofre de 350 quilos, fazendo-se passar por marítimos que vendiam produtos de contrabando. Mais tarde, voltaram a aparecer como «agentes da Polícia federal», levando o cofre que abriram a maçarico. O dinheiro foi repartido pelos grupos revolucionários que participaram na operação e cada um dos executores guardou uma nota de dólar, como «recordação».

Preso um implicado no rapto do embaixador

RIO DE JANEIRO, 29 — (A. N. I.) — A Polícia federal anunciou que prendeu ontem um dos implicados no rapto do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burke Elbrick.

O diplomata norte-americano foi raptado do seu automóvel em Setembro findo, no Rio de Janeiro, e libertado dias mais tarde, quando o Governo do Brasil aceitou libertar alguns presos políticos em troca de Elbrick.

Ontem foi preso Durval Trindade Martins, em Belém do Pará — revelou o informador da Polícia.

Tropas britânicas de prevenção em Belfast

BELFAST (Irlanda do Norte), 29 — (R.) — As tropas britânicas foram apedrejadas por extremistas protestantes esta madrugada, depois da quinta noite consecutiva de agitação nesta capital.

As forças do Exército e da Polícia foram colocadas de prevenção rigorosa ontem á noite, depois de várias tentativas feitas por grupos de protestantes para atravessarem a linha divisória do sector católico da cidade.

Registaram-se vários choques entre as forças da ordem e os extremistas e um polícia ficou bastante ferido ao ser atingido por um tijolo na cara.

Os soldados britânicos, apoiados por carros blindados entraram então em acção e repeliram a maior parte dos manifestantes, encontrando apenas a resistência de cerca de 300 extremistas que tentaram deter os soldados apedrejando-os.

Os comandantes da Polícia e do Exército, receando um agravamento da violência durante o fim-de-semana, reuniram-se ontem para estudar a situação.

FACOPLA

FABRICO E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS

Casal do Marco — Seixal **Telef. Fábrica: 2210890**

Deleg. em Lisboa: Calçada de Santos, 19-2.° Telef.: 664497

PARTICIPA À INDÚSTRIA E COMÉRCIO EM GERAL

que adquiriu na Alemanha, Dinamarca, França, Inglaterra e Itália o mais moderno equipamento para a transformação de

RESINAS ETENÓIDES
ACETATO E ACETOBUTIRATO DE CELULOSE
POLIAMIDAS

estando a proceder à montagem das instalações para fabrico de

POLIETILENO DE ESPESSURA MICROMÈTRICAMENTE UNIFORME

para embalagens de toda a espécie.

INTEGRADA NO GRUPO DE EMPRESAS SEPULCHRE

Jansep

ROGERS INICIA EM MARROCOS UM PÉRIPLO DA ÁFRICA NO DIA SETE DE FEVEREIRO

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Por J. D. ALEXANDER

WASHINGTON — O secretário de Estado americano, William Rogers, declarou numa conferência de Imprensa que quaisquer novas campanhas de terror desencadeadas pelo *Vietcong* poderiam afectar o calendário das retiradas de tropas do presidente Nixon mas não alterariam a política americana de retirada das tropas de combate.

Assegurou que a política americana de retiradas era «irreversível». Esta declaração foi feita no dia seguinte ao da intensificação da actividade militar do *Vietcong* sobre os centros populacionais do Vietnam do Sul.

O secretário de Estado anunciou também na mesma conferência que visitaria a Nigéria e mais nove países africanos, no decorrer de um périplo que começará a 7 de Fevereiro. Há já um certo tempo que Rogers preparava uma viagem á África, mas a etapa de Lagos era incerta, por causa da guerra civil.

Agora que a guerra acabou, Rogers anuncia que visitará, «*sem dúvida nenhuma*» a Nigéria, acrescentando, porém, que não procurará tomar pessoalmente conhecimento das condições prevalecentes no ex-Biafra: «*Não me parece desejável... que o exterior... se imiscua no caso*», afirmou.

Quanto á estabilidade da política vietnamiana dos E. U. A., Rogers declarou que a sua certeza repousa na «*experiência que recentemente colhemos ao equiparmos as tropas sul-vietnamianas e na experiência que elas ganharam na luta. Assim poderão fazer face á sua missão de combate.*»

Instado para que explicasse a declaração do presidente Thieu (o qual afirmou, como se sabe, que as tropas de combate americanas não poderão ser retiradas até ao fim de 1970), Rogers admitiu que essa declaração «*criara uma grande confusão no público*».

A primeira fase da política do presidente Nixon consiste, declarou Rogers, «*em retirar as tropas americanas das suas posições de forças de combate, para as fazer substituir por tropas sul-vietnamianas*». O secretário de Estado, que especificou que «*há diferença entre tropas de combate e um papel de combate*», acrescentou que, no fim da primeira fase, «*haverá forças de apoio americanas no Vietnam, e, manifestamente teremos com elas algumas forças de combate, para as protegerem, em caso de ataque.*»

A segunda fase do programa do presidente consiste em «*ir retirando, dentro de certos prazos, o resto das tropas*».

Rogers declarou esperar que o apelo do *Vietcong* para um redobrar das actividades terroristas não significará o fim da acalmia dos combates, e lembrou que o presidente Nixon adoptará todas as «medidas adequadas» se novos perigos ameaçarem os americanos no Vietnam.

Quanto ao périplo africano, o secretário de Estado indicou ainda que o iniciaria pelo Marrocos, visitando a Nigéria, Tunísia, Etiópia, Quénia, Congo, Zâmbia, Camarões, Libéria e Ghana.

Rogers declarou também que o Governo americano estava satisfeito com a atitude do Governo Federal de Lagos, frisando que «*o processo de reconciliação na Nigéria devia ser empreendido pela população nigeriana*».

Acrescentou que o Governo americano entendia que a melhor maneira de fazer chegar víveres e medicamentos ao ex-Biafra seria passando pelo Governo nigeriano.

Outras declarações

Rogers declarou ainda:

— Que os E. U. A. não tinham actualmente a intenção de retirar os seus 50 000 homens da Coreia do Sul, mas que estas tropas serão inegàvelmente reduzidas, pouco a pouco, no decurso dos anos... «*Não temos intenção de ter eternamente tropas na Coreia do Sul, mas não queria sugerir que vamos retirar todas as nossas tropas da Coreia num futuro previsível*».

— Que a manutenção dos efectivos americanos actuais na Europa Ocidental, depois de Julho de 1971, depende dos acontecimentos «*mas o presidente avaliará, nesse momento, da oportunidade de uma ligeira redução dos nossos efectivos*».

— Que não espera das conversações de Varsóvia uma mudança radical nas relações sino-americanas, mas antes uma «*troca de estudantes, jornalistas, médicos e... uma melhoria de relações comerciais*».

— Que não recusaria vir depor perante a comissão senatorial dos negócios estrangeiros, apesar de ter impressão de que isso não acrescentaria nada ao que o secretário da defesa e ele próprio já disseram, pelo que «*novas audições públicas não teriam interesse, mas deixo ao Senado o cuidado de tomar uma decisão a esse respeito*».

Em dia com A MODA

Este toucado de noiva-1969 é da autoria do costureiro britânico Vernier. O seu estilo chama-se Brave New World, *nome inspirado no famoso romance de antecipação de Aldous Huxley*

Vendidos por 850 contos os «Apóstolos» atribuídos a Ribera

• A TRANSACÇÃO TERÁ DE SER JUDICIALMENTE HOMOLOGADA

O meritíssimo juiz da 2.ª vara cível do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, dr. Henrique José da Fonseca Ramalho Ortigão, decidirá finalmente do destino dos onze quadros atribuídos a José de Ribera. O pintor do século XVII, cognominado o «Spagnuletto» pelos napolitanos, trabalhou e viveu em Espanha e na Itália, foi discípulo de Miguel Ângelo e de Caravaggio, foi famoso e conhecido, conviveu com reis, papas e cortesãs, deixou uma obra que a posteridade qualificou de importante. Três séculos volvidos sobre a sua morte, onze quadros que lhe são atribuídos pelos conhecedores (representando respectivamente onze apóstolos — só falta S. Tomé o do «ver para crer»...), são leiloados em Lisboa, e o seu destino fica na dependência do comércio e do tribunal.

Ontem, às quatro da tarde, os quadros foram à praça no antigo Palácio Ficalho, à Rua Luz Soriano, onde está instalada a agência Soares & Mendonça.

Muito público, muitos «conhecedores», alguns artistas, muitos comerciantes, muitos particulares... A base de licitação era de mil e cem contos, e durante vinte minutos o pregoeiro propô-la aos presentes. E estes mantiveram-se silenciosos e de acordo com a lei, o leilão teve de prosseguir sem base.

Então foi a vez de dois comerciantes começarem a «puxar», a partir de aproximadamente 500 contos. Conto puxa conto, a disputa entre ambos foi-se acendendo... Pelo meio, de subito, apareceu «madame» Ortega — figura de destaque nestas coisas de arte antiga em leilão. Mas a «madame» não estava, de facto, muito interessada, e abandonou a disputa — que entretanto se alargou ao que iria ser o arrematante dos «Apóstolos» de Ribera: o sr. Manuel Pereira Neves de Freitas, amador de arte.

O sr. Neves de Freitas ofereceu, e ninguém cobriu o lance, 850 contos. Quer dizer que — com as *alcavalas da praxe* — terá de pagar cerca de um milhar de contos.

Mas o caso não acaba aqui: como dissemos, uma vez mais de acordo com a lei, a transacção terá que ser homologada judicialmente. Três séculos depois da sua hipotética feitura por José de Ribera, o destino dos onze apóstolos está nas mãos de um juiz de direito da Boa Hora.

Finalistas da Escola Patrício Prazeres

Os alunos finalistas da Escola Comercial Patrício Prazeres promovem no próximo domingo, no Espelho d'Água, em Belém, a sua reunião de fim de curso, que consta de baile em que actuarão os conjuntos «Cápsula», «Jetters» e «Objectivo».

Os convites para a reunião, que se prolongará das 15 às 24 horas, podem ser pedidos na Secretaria da Escola.

A MAIS DEVASTADORA CHEIA DO SÉCULO

A DESCIDA DAS ÁGUAS É MAIS LENTA EM SANTARÉM

SANTARÉM, 29 — A descida das águas do rio Tejo continuou a verificar-se, durante a madrugada e a manhã de hoje, nos quatro pontos de registo da região: Vila Velha de Ródão, Abrandes, Barquinha e Santarém. Contudo, nesta cidade a descida é mais lenta.

Assim, o Ribatejo, embora a braços ainda com a cheia mais devastadora deste século, espera poder recuperar algo que tenha resistido á devastação da corrente.

Continua, porém, com vias de comunicação e grande número de povoações ribeirinhas isoladas pelas águas do Tejo e seus afluentes, engrossados pelo caudal proveniente de Espanha.

Se hoje não houver mais descargas da Barragem de Valência de Alcântara, a situação tenderá, mais acentuadamente, para a melhoria, reavivando a esperança do desolado Ribatejo.

O registo da descida das águas deu o seguinte resultado: Em vila velha de Ródão — ás 3 horas, 1,50 m; ás 6, 1,40; ás 9, 1,26; em Abrantes, ás mesmas horas, 5,01 m, 4,13 e 3,67; na Barquinha, igualmente no mesmo horário, 4,88, 5,51 e 3,78.

Nesta cidade e conforme já acentuámos, a descida verificada foi mais lenta, como se verifica pelos seguintes elementos: ás 3 horas — 6,20 m; ás 6 — 6,14; ás 9 — 5,95. Por outro lado, a estrada Santana-Vallada ficou, a partir de hoje, livre e novamente aberta ao trânsito. Continuam, porém, interrompidas as estradas entre a Ribeira de Santarém e Alcanhões e do Valle de Santarém a Porto de Mocho.

Por outro lado, se se mantiver a descida das águas, espera-se que, a partir de depois de amanhã, deixem de estar isoladas as povoações de Reguengo de Alviela, Porto de Muge, Vallada e Reguengo de Vallada, há longos dias em precária situação.

Tapada: outra povoação martirizada

Situada frente a esta cidade, na outra margem do Tejo, a povoação da Tapada, que conta com uma população superior a mil habitantes, tem sido, desde há um mês, das mais duramente flageladas pelas cheias que assolam toda a província ribatejana.

A maioria dos seus habitantes extrai os seus proventos do trabalho nos campos, pelo que, forçados a longa inactividade, se debatem com sérias dificuldades económicas, originadas pelo alagamento das superfícies rurais. A cheia invadiu igualmente a povoação, mas, felizmente, o dique erguido pela Hidráulica do Tejo tem conseguido evitar que o caudal atingisse a maior parte da área habitacional.

A despeito da periodicidade com que as inundações criam aos habitantes desta povoação uma situação angustiosa, não tem a mesma sido alvo da atenção necessária por parte da Câmara Municipal de Almeirim. Assim, as ruas permanecem, há anos, em estado deplorável, praticamente intransitáveis, não existindo iluminação eléctrica ou domiciliária.

A culminar a triste série de carências, surgiu um grave problema, suscitado pela avaria da bomba manual que eleva a água ao fontanário público, ocorrida há cerca de um mês, e que ainda não foi reparada, forçando os habitantes a percorrer grandes distâncias, para obter aquele líquido, tarefa dificultada pelo facto de muitos poços se encontrarem inundados.

COLÓQUIO SOBRE PROBLEMAS DOS TRANSPORTES

(Continuação da pág. central)

feitamente admissível um acréscimo de utilização dos transportes públicos de passageiros pela motivação turística, de negócios e de convívio, não obstante a tendência da crescente utilização dos transportes particulares.»

E, a concluir:

«O acréscimo da qualidade do serviço que gradualmente vai ser introduzido na rede ferroviária nacional e o novo espírito comercial no tratamento dos assuntos hão-de levar as empresas a repensar os seus problemas de transportes e a acrescer a sua quota de utilização da via férrea. Delas muito poderá depender o êxito dos empreendimentos que estão programados e a garantia do alcance de um nível de serviço de qualidade e de progresso que a Nação decerto ambiciona para os seus caminhos-de-ferro.»

CONDICIONAMENTOS ADMINISTRATIVOS DO TRÁFEGO INTERNACIONAL DE PASSAGEIROS, BAGAGENS E MERCADORIAS POR CAMINHO-DE-FERRO — Sobre este tema, o dr. Francisco Cândido dos Reis, economista chefe do serviço de promoção do tráfego da C. P., apresentou diversas sugestões.

O CAMINHO-DE-FERRO NA MODERNA PROBLEMÁTICA DOS TRANSPORTES — Na sua comunicação, com este título, o eng.º Júlio Soromenho Romão, do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres, faz considerações sobre a função do caminho-de-ferro na sociedade moderna.

Na sessão da tarde, sobre «os transportes na distribuição» apresentaram comunicações os srs. João Ildefonso Bordalo («os transportes e o seu valor na expansão económica nacional»); eng.º Edmundo Regato («A estação fruteira como elemento coordenador de transportes»); Gentil Marques («As telecomunicações como factor de desenvolvimento nos transportes do futuro»); eng. Vasconcelos Veloso («Transportes de interesse local. Infra-estruturas. O caso da região dos Açores»); dr. Ortins Bettencourt («Transportes de matérias radioactivas»); engs. Antunes Barradas e Machado Rodrigues («O transporte na distribuição»); e prof. Barbosa de Abreu («Alguns aspectos do planeamento das comunicações e transportes ao nível metropolitano. Caso da região do Porto»). A Corporação da Indústria apresentou um importante documento sobre «Reflexo do sistema de transportes vigentes na actividade da Indústria».

A RACIONALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO FERROVIÁRIA — Sobre este assunto falou o dr. eng.º Eduardo Ferrugento Gonçalves.

A Corporação da Indústria levou ao Colóquio Nacional de Transportes uma importante comunicação reflectindo os problemas levantados pelos industriais, no âmbito dos trabalhos preparatórios do III Plano de Fomento. O trabalho, designado «Reflexos do Sistema de Transportes vigente na actividade da Indústria», dá conta das dificuldades apresentadas, em relação ao sistema de transporte que os serve, pelas seguintes indústrias.

Exploração de pedreiras — «As deficiências que afectam o sistema de transportes que serve este ramo industrial provêm da legislação referente ao raio de acção, pois que impede os empreiteiros e exploradores de pedreiras de transportar os seus materiais para os locais de trabalho, muitas as vezes fora do raio de acção a que os seus carros estão sujeitos.»

Extracção de mármores — «O imposto de circulação lançado sobre os camiões, constitui o principal problema que afecta esta indústria.

Acresce ainda que este sector industrial é precisamente um daqueles em que a exportação predomina e, portanto, um dos que mais «asseguram um especial benefício económico para a colectividade, merecendo por isso, tratamento fiscal favorável». Mas, dada a concorrência italiana e espanhola, cujos elementos materiais do custo da produção são inferiores aos nossos, não é possível aumentar os preços em mais de 1,5% para satisfazer o imposto de circulação.

Moagem — «As principais deficiências que se têm verificado nos transportes e que têm afectado esta indústria ou agravado os encargos da importação de trigo, são as seguintes: Falta e deficiência de material ferroviário para o transporte de matérias-primas e produtos transformados; Insuficiência de meios de descarga dos cereais importados, designadamente: falta dum aspirador flutuante e de guindastes no porto de Lisboa. falta de instalação apropriada para a descarga pneumática de cereais no porto de Leixões; falta de material de rio no porto de Lisboa, para assegurar o transporte dos cereais de bordo para o cais»

Descasque, branqueamento e glacinagem do arroz — «Esta indústria tem sido prejudicada, no que respeita a transportes sobretudo pela falta de material ferroviário e pelo deficiente apetrechamento do porto d Lisboa. O deficiente apetrechamento do porto de Lisboa, dificulta e onera com bastante frequência as descargas e transportes que as fábricas dos carregamentos de arroz que, como acontece nos anos de produção nacional insuficiente, somos forçados a importar.»

Panificação—«Neste sector, o principal problema resulta da manifesta falta de cuidado nas cargas das farinhas, por via férrea. Com efeito, os vagons, devido ao seu péssimo estado de conservação, deixam por vezes entrar água inutilizando sacas de farinha; além disso, utilizam-se vagons que transportam os mais variados produtos que conspurcam as farinhas, sem que tenham sido lavados ou limpos, chegando a transmitir cheiros nauseabundos ás farinhas, das quais, por vezes, não é possível fazer pão.»

Massas alimentícias, bolachas e chocolates — «As deficiências notam-se nos transportes ferroviários e nos marítimos. O caminho de ferro torna-se quase inutilizável pela sua morosidade, baldeações a que obriga e, sobretudo, falta de cuidado adequado ao manuseamento. Os transportes marítimos, por morosidade, obrigam a recorrer aos navios de passageiros mais rápidos mas com preços elevadíssimos. Além disso, há a escassez de carreiras e a falta de fixação com antecedência de meses das datas de partida dos navios.»

Fabricação de amidos — «A indústria amideira mesem qualquer possibilidade de previsão e programação a qualquer prazo

A indústria de Serração não pode dispor indiscriminadamente de meios de transporte de aluguer, pois a sua utilização resulta anti-económica, não apenas pela morosidade das cargas, como da dificuldade de acesso ás florestas. Os próprios industriais de camionagem, ou se recusam a esse trabalho, ou exigem fretes incomportáveis.

Por outro lado, o frete pelo escoamento dos subprodutos — serrim, lenha, cascas — não é compensado pelo valor intrínseco das quantidades transportadas.»

Cortiça — «O mau estado em que se encontram muitos dos caminhos e mesmo estradas secundárias, no Centro e Sul do País o primitivismo com que se procede, no estuário do Tejo, ao transporte da cortiça para a exportação em fragatas á vela, que só andam com vento; a insuficiência do parque de camionagem de aluguer existente.»

Indústrias químicas em geral — «Apresenta plena actualidade e traduz com objectividade o sentimento da Indústria a comunicação «Os Transportes na Indústria Química» apresentada no I Colóquio Nacional de Transportes, cabendo-nos assim chamar de novo a atenção para os pontos nela focados.»

Óleos, seus derivados e sucedâneos — «Em transportes marítimos, parece ser diminuto o material de carga e descarga que o porto de Lisboa dispõe, ocasionando demoras em despachar os navios. Existem igualmente algumas dificuldades em enviar mercadorias por esta via, para Gibraltar e portos espanhóis.

Quanto á via férrea abstraindo para já a diferença de bitola entre a Península e o resto da Europa, e considerando apenas o nosso território e o vizinho, as únicas críticas a fazer situam-se como segue: escassez de material circulante tanto em vagons abertos e fechados, como em vagons-cisternas; dificuldades na lavagem interior dos vagons-cisternas; dificuldade em organizar comboios nos cais do porto de Lisboa; dificuldade de garantir com vagons a descarga de um navio ao ritmo usual.

Deverá acrescentar-se a necessidade de pelo menos alguns vagons-cisternas terem possibilidade de aquecer os fluídos contidos.»

Tintas — «No que diz respeito aos transportes por via marítima com destino ás províncias ultramarinas, existem de facto dificuldades que parecem tropolitana depende do ultramar português, principalmente de Angola, no que respeita ao abastecimento de matérias-primas básicas necessárias á sua laboração. Cifram-se em mais de 10000 toneladas de milho e 4000 toneladas de crueira os contingentes a importar de Angola, durante a campanha agrícola de 1965-66.

Por motivos ainda não perfeitamente definidos, mas que resultam das estruturas agrícolas angolanas, as cotações FOB-portos de Angola das referidas matérias-primas chegam, por vezes a ser mais elevadas do que as CIF-S-Anver, por exemplo, ou outros portos europeus, para importações de proveniência africana.»

Águas, refrigerantes e sumos de frutos — «Neste sector os encargos com a distribuição, nomeadamente com os transportes, representam uma parcela apreciável do seu preço de venda. De forma geral, as empresas que a estes ramos de actividade se dedicam possuem meios de transporte próprios. Por esta razão, salienta-se: o pesado encargo que o Imposto de Circulação representa, as despesas de manutenção da «frota» que só em parte do ano se encontra ocupada, visto tratar-se de produtos cujos consumos se avolumam grandemente na estação calmosa. Por outro lado: preços elevados das tarifas da C. P.; dificuldades nos transbordos entre as diversas linhas da C. P. ou entre o «vagon» e a camioneta; custo elevado dos impostos sobre os meios de transporte particulares.»

Serração de madeiras — «A indústria de Serração de Madeiras, que é subsidiária de um sem-número de indústrias, tem as fontes da sua matéria-prima em locais extremamente variados em condições de acesso também extremamente variados e difíceis, fragilidade que dão origem a quebras elevadas quando for utilizado transporte com transbordos para os locais de consumo, pois também são necessários cuidados especiais no seu manuseamento e arrumação no meio de transporte.

Por isso, o industrial de cerâmica não pode, na quase totalidade dos casos, utilizar os transportes ferroviários, nem sequer os transportes públicos rodoviários, sendo portanto, obrigado a dispor de uma frota de camionagem própria, cuja manutenção é já um pesado encargo para a indústria.

Os encargos resultantes dos novos impostos rodoviários representam, nas indústrias localizadas a mais de 100 km do centro do consumo, um aumento de 7,5 a 10% do preço de venda do produto, que, adicionado ao custo do transporte, vai originar a ruína das unidades industriais afastadas dos centros de consumo.»

Fabricação de vidro — «Com a legislação ultimamente promulgada o transporte particular de mercadorias, afecta consideràvelmente os industriais vidreiros que na sua quase totalidade possuem meios de transporte de mercadorias próprios.»

Fabricação de cimento— «Só raros empreiteiros estão apetrechados com veículos especiais de transporte a granel, sendo quase todos abastecidos por camiões das empresas produtoras de cimento.

Uma vez estabelecido o tipo de abastecimento e, por conseguinte, montado o seu esta eiro por forma a utilizar o cimento fornecido a granel, dificilmente o construtor, sem grave transtorno para os seus serviços, poderá passar a recebê-lo ensacado.

Dado também o custo elevado de cada unidade transportadora, as empresas produtoras não podem, nem económicamente será aconselhável, possuir grandes frotas de camiões com diminuto coeficiente de utilização, vendo-se assim forçadas a frequente e rápidamente terem de deslocar as suas unidades de uns centros abastecedores para outros.»

Indústrias de construção e reparação naval — «Os problemas mais graves, que se têm levantado á indústria de construção e reparação naval de madeira, estão ligados ao transporte dos grandes troncos que necessita para as suas obras.

Por um lado, é difícil conseguir licença para o transporte de cargas com mais de 10 metros de comprimento, uma vez que as viaturas que é possível contratar no momento não possuem frequentemente tamanho que permita realizar tal transporte.

Além disso é por vezes difícil conseguir da Direcção-Geral de Transportes Terrestres autorização para que as viaturas encarregadas de transportar as madeiras excedam o raio de acção autorizado.»

Montagem de veículos automóveis — «Demora no trajecto: No mínimo há que contar com 8 a 10 dias para o trajecto de Espanha e cerca de 12/15 dias, no caso de se utilizarem vagões transfesa, para o trajecto de França. Neste último caso, se o transporte for feito em vagões normais terá de se contar com cerca de um mês entre a partida de França e a chegada a Portugal. Dispêndio de divisas: Em qualquer dos casos, Espanha ou França, a parte liquidada ao estrangeiro é importante (cerca de 40 % no caso de Espanha e cerca de 95% no caso de França).»

Construção de máquinas, aparelhos e outro material eléctrico — «Neste sector avultam as graves dificuldades levantadas ao transporte dos grandes transformadores eléctricos.

Este transporte tem-se processado quase exclusivamente por estrada, dado que a quase totalidade dos locais de utilização não são servidos por via férrea. Além disso para as grandes unidades, surge o problema da limitação do gabarit, que não permite o transporte de unidades de mais de 60 KVA.

Concretamente aos transportes por estrada as principais dificuldades derivam de: morosidade na concessão de licenças e indicação do trajecto; insuficiência das obras de arte, como pontes, pontões e viadutos, que embora recentes, não foram previstas para grandes cargas; limitações em altura das passagens superiores ás vias de comunicação (por exemplo nas auto-estradas Lisboa-Vila Franca e Porto-Carvalhos); não existência em Portugal de zorras para cargas superiores a 120 T.»

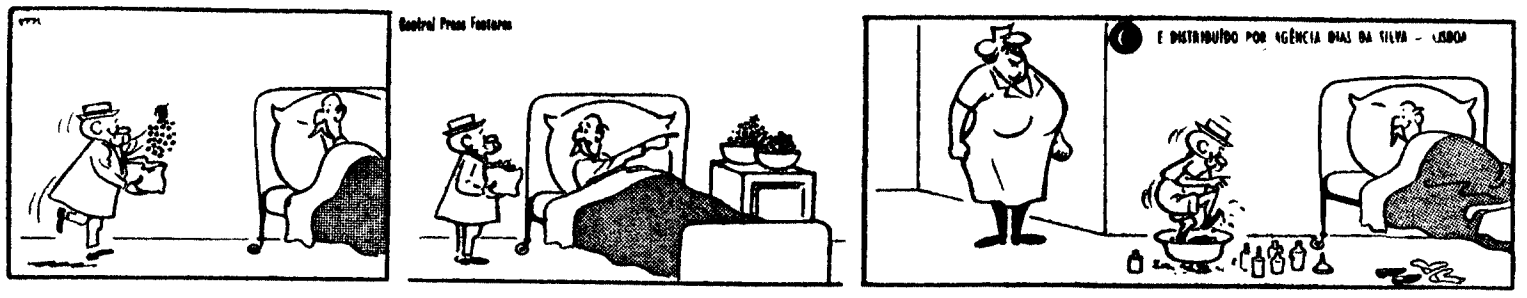
Electricidade — «Caberá informar que o Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade expôs novamente em Dezembro do ano passado, á Direcção-Geral dos Transportes Terrestres as dificuldades verificadas no transporte rodoviário de cargas longas e veículos de propriedade das empresas tributadoras filiadas no grémio, tendo sido dada parcial satisfação ás solicitações formuladas.»

Os reflexos da situação dos transportes na actividade da indústria nacional —objecto de importante comunicação

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



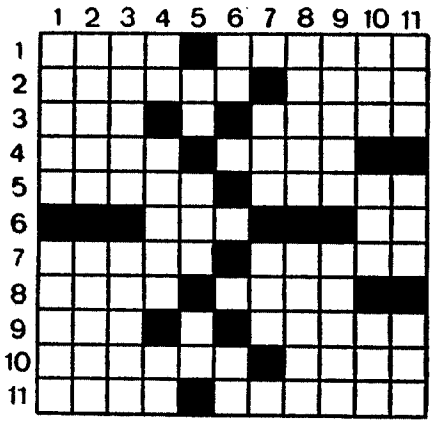
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5431

HORIZONTAIS: 1 — Nome de uma orquídea da Ilha Maurícia, cujas folhas servem para preparar uma infusão aromática e digestiva chamada «chá-de-borbom». Formiga branca origem africana. 2 — Tratava por tu. Caminharem. 3 — Ver. Limpe com vassoura. 4 — Camareiras. Rio de França. 5 — Nome de flores. Mastiga sem engolir. 6 — Pêlos de certos animais. Compaixão. 7 — Esquina. Cidade de França. 8 — Nome de homem. Serra de Espanha. 9 — Víscera dupla. Semblante. 10 — Economizar. Prefeito pretoriano, que assassinou seu genro, imperador Numeriano, para se assenhorear do poder e foi morto por Diocleciano. 11 — Tungstio.

VERTICAIS: 1 — Exprimir por palavras. Nome de peixe. 2 — Avivo o lume. Transferiu para outro dia. 3 — Rumores. (fig.). Cidade da Bélgica. 4 — Ruim. Pulo. Deus dos pastores. 5 — Fútil. Saudável. Utensílio doméstico. 6 — Apelido. Crómio (s. q.) inv.º 7 — Caminha para cá. Água. Artigo definido. 8 — Cipó. Levar á singa. 9 — Cidade de França. Dança de salão, muito agitada, de origem mexicana. 10 — Disparatar. Quatrocentos e um em romano. Possuir. 11 — Ave pernalta. Preposição e artigo definido (pl.). Agora.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5430

HORIZONTAIS: 1 — Cassa. Batam. 2 — Areal. Ocara. 3 — MD. Morfo. MiL. 4 — BOA. Roe. Pág. 5 Arrã. CARA. 6 — Cutpais. 7 — Atoe. E. Ossa. 8 — Vós. Tri. Aam. 9 — Ir. Meada. Ia. 10 — Arcar. Aferi. 11 — Récua. Salas.

VERTICAIS: 1 — Camba. Aviar. 2 — Ardor. Torre. 3 — Se. Arcos. CC. 4 — Sam. Aue. MAU. 5 — Alor. Terá. 6 — Rompera. 7 — BOFE. Idas. 8 — Aço. Cio. Afá. 9 — Ta. Passa. El. 10 — Armar. Saíra. 11 — Maliga. Amais.

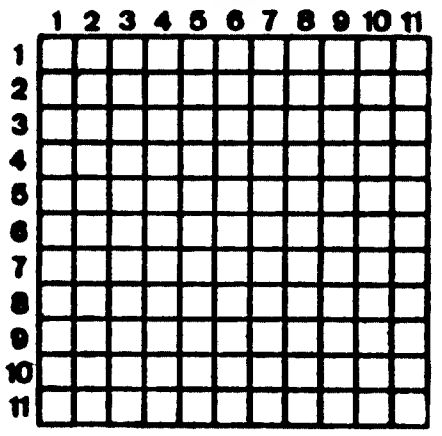
Provérbio: BOA CARA E MAU BOFE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9274

HORIZONTAIS: 1 — Nota musical. Freguesia do concelho de Feira (Aveiro). Isolado. 2 — Tratar por tu. Tratamento dado ás freiras. 3 — Demora. Ilha pertencente á província de Macau. 4 — Matizar. Tostar. 5 — Ruim. Apelido. Apelido. 6 — Bário (s. q.). Preposição. 7 — Aqui. Filtra. Artigo definido. 8 — Cuidado. Cortes em toros. 9 — Pertences. Viração. Sufixo que designa estado. Troça. 10 — Chama em socorro. Sacerdotes budistas. 11 — Borla de barrete. Vadia.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Vila Nova de Ourém (Santarém). Comer á ceia. 2 — Prendera. Carepa. 3 — Cantão da Suíça. Botequim. Preposição. 4 — Predestinara. Pompa. 5 — Encolerizara. Canto em coro. 7 — Tempo do verbo estar. Atasca. 8 — Constasse. Rezar. 9 — Troças. Maior. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 10 — Causas muito trabalhadas. Concerto musical nocturno. 11 — Rezaras. Imposto de transmissão.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9273

HORIZONTAIS: 1 — Aconrentana. 2 — Tó. Ai. 3 — Alba. Uva. Avô. 4 — Lê. Anela. It. 5 — Patrara. 6 — Carregado. 7 — Air. Ado. Ina. 8 — Bota. Cano. 9 — Ruína. Sarar. 10 — Rispida. 11 — Re. Laua. És.

VERTICAIS: 1 — Abalo. Abrir. 2 — Be. Ciou. 3 — Oto. Partir. 4 — Ro. Aor. Amil. 5 — Unira. Asa. 6 — Enverada. Pu. 7 — Alaga. Sir. 8 — Te. Ara. Caída. 9 — Aia. Adiara. 10 — Vi. Orna. 11 — Anota. Aoros.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Janeiro de 1940 publicava:

«Quando são todos a quererem cobrir-se com a mesma manta e cada um a puxar para seu lado, acabam por esfarrapá-la... e nem duns nem doutros.

«É preferível, por isso, ir ao encontro das reivindicações sociais do que ser empurrado por elas: a violência gera a confusão e a confusão traz a anarquia. Mau é olhar só aquilo que se tem visto, sem pensar naquilo que ainda está por ver.

«E não nos iludamos com a resignação dos velhos tempos, quando a aspiração dos novos tempos está na massa do sangue... Santo que não figura no calendário, mas que nem por isso é menos santo, encontrou um dia nas suas peregrinações um homem conhecido por suas raras virtudes em aturada e aflitiva penitência e, surpreendido, interrogou: «Porque te afliges tanto, se tens a consciência tranquila de nunca haveres praticado o mal?» Ao que o outro, ainda ansiado, replicou: «Não receio pelo que fiz, onde há efectivamente grande dano, mas pelo que me sinto capaz de fazer» (Dias Ferreira).

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970

MATERIAL DE EXPEDIENTE

Conc. Público n.º 36/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 27 de Janeiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) MANUEL BRIOSO PINA DE JESUS

DELEGADO DE PROPAGANDA MÉDICA

Com prática, sindicalizado, facilidade de expressão e activo. Pretende Laboratório Estrangeiro, de grande projecção internacional. Sigilo absoluto. Lugar de grande estabilidade e c/ possibilidades de acesso. O envio de foto ajudará a selecção. Carta c/ detalhes ao n.º 420.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«BEIRA»*	5 de Fevereiro	Luanda, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«ANGOLA»*	12 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de Passageiros: Telefs. 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

VENDEM-SE

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

(JUNTO DAS PRAIAS E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO)

Óptimos acabamentos
e grandes facilidades de pagamento.
Com extraordinária vista de mar.

PROP. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.° C

Telefs.: 282345 - 282388 CASCAIS

Oferta excepcional

15 VOLUMES À ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG

e mais de uma centena de autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Recortar este cupão e remeter a

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 21
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....

Morada .....

.....

O LIVRETE QUILOMÉTRICO

DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL

EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS.

CP - Departamento Comercial - Publicidade

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Conforme aviso publicado no «Diário do Governo», 2.ª Série, de 27 de Janeiro de 1970, está aberto concurso para terceiros-oficiais desta Direcção-Geral, entre indivíduos do sexo masculino, de idade não inferior a 20 nem superior a 35 anos, que possuam pelo menos o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

Os interessados deverão apresentar o seu requerimento, que poderá ser feito em impresso próprio a fornecer pela Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, o qual será acompanhado apenas do certificado de habilitações.

Serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se á citada Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, na Rua da Alfândega.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O 1.º SEMESTRE DE 1970

PEIXE

Conc. Público n.º 37/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 27 de Janeiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
a) MANUEL BRIOSO PINA DE JESUS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

PESSOAL

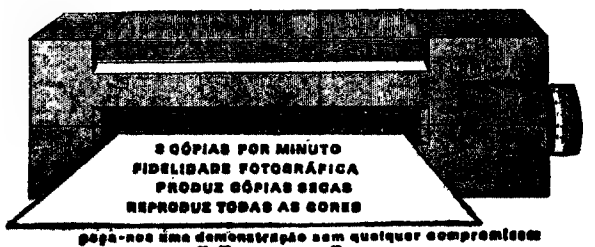
Admite-se com os cursos de agente técnico, das escolas industriais, electricistas e canalizadores, em regime de tempo integral ou de prestação de serviços.

Loures, 23 de Janeiro de 1970.

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins

aparelhos de fotocópia

3.880$00



peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso

sarlei portuguesa

Necrologia

FUNERAIS

João Dias Beltran

Da igreja de São João de Deus para o cemitério dos Olivais saiu esta manhã, com grande acompanhamento, o funeral do sr. João Dias Beltran, antigo subchefe da secção de publicidade do nosso prezado colega «Diário de Notícias», onde conquistara estima e simpatia pelas suas qualidades de trabalho e de carácter. Natural de Lisboa, contava 77 anos, era casado com a sr.ª D. Idalina Gomes Beltran, irmão dos srs. Alfredo, Manuel e Miguel Dias Beltran e da sr.ª D. Maria das Mercês Beltran e tio das sr.as D. Lurdes Beltran Dionísio, Eugénia Beltran Fontes e dos srs. Manuel Morais Beltran e José Gomes de Carvalho, funcionário do «Diário de Notícias.

Arquiticlino Sardo

MURTOSA, 29 — Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. Arquiticlino Sardo, importante e conceituado armazenista de mercearia e vinhos nesta vila, falecido na sua casa da freguesia do Monte, deste concelho, em consequência do acidente de automóvel que sofrera nas imediações do lugar do Poço de Santiago, na freguesia de Pereguedro do Vouga, no regresso á Murtosa. Era natural daquela freguesia do Monte, deixa viuva, a sr.ª D. Maria do Carmo Santos Sardo e cinco filhas: Rosa Maria, Maria do Carmo, Maria da Graça, Dolores e Paula Questina e era irmão do sr. António Sardo, também armazenista de mercearia e vinhos neste concelho.

D. Maria Cassilda da Cunha Soares Duque

TONDELA, 29 — Teve largo acompanhamento o funeral da sr.ª D. Maria Cassilda da Cunha Soares Duque, falecida em Lisboa. Contava 58 anos, era solteira, natural de Torres Novas, filha do juiz desembargador, aposentado, sr. dr. Raul Soares Duque.

D. Maria Augusta Pais de Mesquita

TONDELA, 29 — Após missa de corpo presente, realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Maria Augusta Pais de Mesquita, de 69 anos, solteira, natural de Avis, irmã da sr.ª D. Fernanda Pais de Mesquita de Barros, esposa do sr. dr. Sebastião de Melo e Barros, médico local.

SUFRÁGIOS

Raul da Silva

Por iniciativa de sua família reza-se no dia 31, pelas 9 horas, na igreja dos Triunfos, missa pelo eterno descanso de Raul da Silva, que morreu em combate em Moçambique.

Raul da Silva

D. Maria Julia de Vasconcelos Hasse Cacela Gaio Fernandes

Por alma da sr.ª D. Maria Julia de Vasconcelos Hasse Cacela Gaio Fernandes, é celebrada missa de 30.º dia, amanhã, ás 19 e 30, na igreja de São Sebastião da Pedreira.

Ainda a reprovação do eng.º Miguel Mota no concurso para investigador

A propósito de uma notícia publicada no nosso jornal, recebemos do Institute of Animals genetics, de Edimburgo, a seguinte carta:

Geneticistas portugueses que, após alguns anos de trabalho na Universidade de Edimburgo, conservam o mais vivo interesse pela vida científica nacional, lemos a notícia publicada no «Diário de Lisboa» em que se tornava publico que o eng.-agro. Miguel Eugénio Galvão de Melo e Mota fora reprovado no concurso para o lugar de investigador no Departamento de Genética da Estação Agronómica Nacional, por um juri com a seguinte constituição: prof. Vitória Pires, profs. Serra e Pinto Lopes e engs. Teixeira, Mercês de Melo, Carvalho Cardoso e Contreiras.

O acontecimento surpreendeu-nos e sugeriu-nos algumas dúvidas que julgamos legítimo sejam esclarecidas por quem de direito.

Se o eng.º Mota foi reprovado justamente no concurso para investigador, como se explica então que a Estação Agronómica Nacional mantenha há catorze anos um funcionário manifestamente incompetente e, bem mais grave, lhe entregasse há três anos a direcção do seu Departamento de Genética onde, lógicamente, terá de orientar a actividade de outros investigadores? E, depois de reprovado, permitir-se-á que o eng.º Mota continue a dirigir um Departamento a que não se revelou apto a pertencer na mera qualidade de investigador? E ainda, como teria o eng.º Mota iludido os severos editores das revistas onde tem publicado os seus trabalhos, entre os quais se incluem publicações com a responsabilidade de *Experimental Cell Research* e *Cytologia*?

Se o eng. Mota foi reprovado injustamente, como explicar que um juri que imaginamos constituído pelos mais qualificados geneticistas portugueses e que postulamos absolutamente isento, tomasse tal deliberação?

Parece-nos lícito concluir que o resultado deste concurso, independentemente da solução por que optarmos, cria embaraços e exprime contradições na estrutura da organização da actividade científica em Portugal. Ou não será mais adequado e menos pernicioso um sistema de concurso para preenchimento ou demissão de cargos científicos ou académicos em que as decisões sejam baseadas no mérito científico do candidato, através da análise do *curriculum vitae* e da sua capacidade pessoal, avaliando entre outros a política do candidato em relação ás funções que irá desempenhar?

Clara Barros Queiroz,
Luis Sieuve Monteiro
e Tilak Viegas

Faleceu um popular comerciante do Barreiro

BARREIRO, 29. — Faleceu nesta vila Mário Rodrigues Solano, de 79 anos de idade, natural de Portalegre, popular figura do comércio local, conhecido por «O-lá-vai».

O malogrado comerciante, que morreu pobre, foi um desvelado protector da assistência local, especialmente da Misericórdia e do Asilo D. Pedro V.

O funeral realizou-se desta vila para Portalegre.

Reclamam soluções urgentes problemas do Cartaxo

CARTAXO, 29. — Chama-se a atenção de quem de direito para o estado lamentável em que se encontram os passeios públicos desta vila, os quais não estão ao nível de alguns melhoramentos urbanísticos aqui feitos nos últimos anos.

De pedras roliças e desniveladas, assentes em plano inferior ao de algumas ruas, e valetas mal tratadas, dão ao visitante uma triste ideia da falta de zelo pelo bem do público, que contribui, aliás, com largas verbas da sua magra bolsa.

Urge que se faça uma reconstrução geral de todos os passeios que os transeuntes são obrigados a utilizar cada vez com mais frequência, pois o tráfego torna-se cada vez maior e mais perigoso.

As faltas constantes de energia eléctrica e as demoras em reparar as avarias que as provocam é outro problema cuja solução se impõe com a maior urgência.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

TELE-NOTÍCIAS

No próximo mês de Fevereiro estará nos Estúdios da R. T. P. a famosa orquestra americana de Beny Goodman.

Também no dia 7 do próximo mês, gravará um programa um dos maiores cançonetistas brasileiros da actualidade: Wilson Simonau.

«O JOGO DA VIDA»

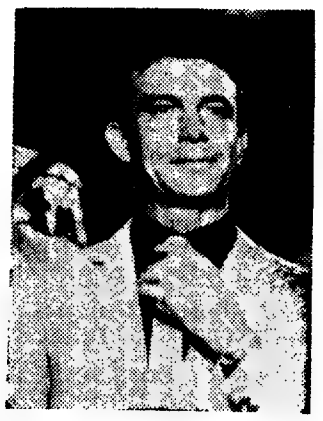
A 2.ª parte da emissão de hoje, a partir das 22 horas, será preenchida pela exibição de mais um episódio da série de aventuras «O Jogo da Vida».

«Honesto ou desonesto», é o título desse episódio, que tem como principal intérprete Tony Franciosa. Gene Barry e Susan Saint-James, são os restantes intervenientes.

Abner Biterman é o realizador.

*

Este filme trata de um problema característico da política interna dos Estados Unidos. Nele se podem ver as maquinações de que é alvo um «mayor» negro, a quem a oposição acusa de corrupção.



Este é Tony Franciosa, o principal intérprete do episódio da série «O Jogo da «Vida» a transmitir pelas 22 horas

CONVERGÊNCIA

Neste quinzenário literário, coordenado por Eduíno de Jesus, se incluirá, além das habituais rubricas «Crónica», por Fernanda Botelho, e «Rosa dos Ventos», uma entrevista com Augustina Bessa Luís.

Em foco, ainda, as recentes edições, das quais destacamos: Luz de Évora-Monte, por Rubem A. e Estudos Complementares de Pintura, por Varela Aldemira.

II PROGRAMA «Zip-Zip»

A R. T. P. dá por concluída no seu II Programa a repetição da série «Zip-Zip», transmitindo pelas 22 horas, o 32.º e último programa, produzido por Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia.

canal da crítica

Reinações á parte, o «Arco de Sant'Ana» engoliu-se ontem com sofrível resignação. A prosa ágil e viva de Garrett teve papel importante na boa aceitação pública do seu «Arco». Isto, por um lado. Por outro lado, a adaptação não foi ao ponto de desvirtuar o carácter do romance, como sucedera no «Retrato de Ricardina». Aqui, o padre que era na novela passou a nobre. A mudança de qualidades arrastou uma série de outras mudanças em obediência á velha lei segundo a qual mentira atrai mentira na razão directa das massas e na inversa do quadrado das conveniências. No final da peça de Goulart, as personagens de Camilo ainda pareciam (e eram) mais infelizes que em natura. Fatídico destino, oh!, o de certos escritores.

Ontem, porém, não. Não se bulliu na natureza das personagens. O bispo (do Porto) permaneceu com toda a antipatia com que Garrett o caracterizou, á s costas. A adaptação não abandonou a fidelidade á obra garrettiana nem nas cenas mais cruas e mais pesadas para o «curriculum» do bispo (do Porto).

Não há duvida que entre «O retrato de Ricardina» e «O Arco de Sant'Ana» se andou um grande caminho. Oxalá isso represente, não um movimento táctico de qualquer espécie, mas um sincero esforço para a naturalidade de que tão carecidos andamos.

Grande castigo se infligia ao crítico se o obrigassem a pronunciar-se sobre a qualidade do trabalho dos autores, sendo certo que cada qual representou conforme seus hábitos, origens e vícios que vão desde conservatorismo de Célia e Luís António até televisionismo de pacotilha de Alexandre Vieira.

Quanto a Artur Semedo, pode dizer-se que das vergastadas com que tão a sério (inra!) o mimoseou Octávio Borges, só se perderam as que caíram no chão. Só foi pena não ter respondido na mesma moeda. Octávio merecia. E ficavam quites.

Félix Ferreira trabalhou na corda bamba do teatro de palco transportado para os estúdios. Raramente procurou com a câmara o jogo da verdade — e quando o

(Continua na pág. seguinte)

NORMA, S. A. R. L.

MUDANÇA DE SEDE

PARA ATENDER À GRANDE EXPANSÃO DAS NOSSAS ACTIVIDADES, TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS SÃO TRANSFERIDOS PARA A AV. 5 DE OUTUBRO, 122, A PARTIR DO DIA 1 DE FEVEREIRO.

TELEFONES: 767604 -08 (PPC)
767711 — 767712
767713 — 767714

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; Canções do nosso tempo — A orquestra de...; Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maia; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 3.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares»; 21 e 05: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 2.º Acto da Ópera «Tristão e Isolda» (Wagner); 18: Musica do Século XX — Obras de Honegger; 19: Danças espanholas n.os 1 e 2 (Sarasate) — Malaguenha — Habanera, Violino, Aarah Rosand, piano, Michel Walevski; 19 e 10: Folclore Português — (Musica da Ilha de Santa Maria e da Ilha Terceira (Açores) recolhida por Artur Santos; 19 e 25: A pianista Ingrid Haebler — Sonata op. 78 em sol maior «Fantasia» (Schubert); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental — Abertura «La Bella Greca» (Cimarosa). Orquestra Cento Solfi, dirigida por Ettore Gracis; 20 e 30: Parte de um concerto pelo coro da Universidade da Carolina do Sul, dirigido pelo professor Arpad Darnazs e realizado na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa; 21 e 04: A Orquestra de Câmara da Radiodifusão do Sarre; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de violino e piano, por Simão Braibiate e Olga Prats; 22 e 10 Um nome a não esquecer: Sinel de Cordes, pelo dr. João Ameal; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Pograma MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica de tecla; 23 e 30: Intercâmbio musical — Parte de um concerto pelos coros e Orquestra Filarmónica da Radiodifusão holandesa, sob a direcção de Hiroyuki Iwaki; 0 e 05: Quarteto em Sol Maior, para viola dedilhada, flauta, viola de arco e violoncelo (Schubert); 0 e 28: Musica do Canadá — Variações e toccata (Robert Turner). Conjunto de Câmara da Orquestra Sinfónica de Winnipeg, sob a direcção de Victor Feldbrill; 1: Fecho.

Missão estereofónica — Às 21: Tempo de ritmo; Musica portuguesa; Vamos ouvir Richard Harris e Nina Simone; Orquestras ligeiras; 22: Canções de Granados pelo soprano Monserrat Caballé; Dois improvisos de Schubert, pelo pianista Jörg Demus; Concerto para violoncelo e orquestra n.º 2, em Ré Maior, de Haydn, pela Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por «sir» John Barbirolli; 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Temas da Universidade; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em órbita (continuação); 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dto a dio; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30: Carrossel-8; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema-18; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A filarmónica Fraude; 21 e 45: Vozes do Brasil; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 11169 kc/s. — Às 18: Canções românticas; 18 e 15: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina, da Basílica dos Mártires em Lisboa; 20 e 55: Meditando; 23: A 28.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

«ESPERTEZA SALOIA»

É surpreendente o êxito obtido no Maria Vitória pela revista «Esperteza Saloia».

À frente da companhia estão os populares artistas Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal, com as atracções Helena Tavares e «The Melodies» e ainda os artistas Vítor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola, além de um gentil friso de jovens actrizes e de um grande «ballet» internacional.

Todas as noites o público ri, durante toda a revista, e aplaude todos os quadros, sendo muito difícil salientar algum no agrado ou na categoria.

Hoje, ás 20 e 45 e 23 horas, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, mais uma vez, a já famosa revista.

Domingo, também em «matinée», ás 16 horas.

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 30: Escolas Primárias e Cantinas; 20 e 55: «Case» com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Série Policial; 23: Eurovisão — TV Jazz; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Fecho.

II Programa — Às 21 e 50: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «Koroshi»; 23 e 30: Fecho.

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, *S. A. R. L.*

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%. GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA. DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS. À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas 3 casas de banho, cozinha, garágem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.

Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge: Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baia)

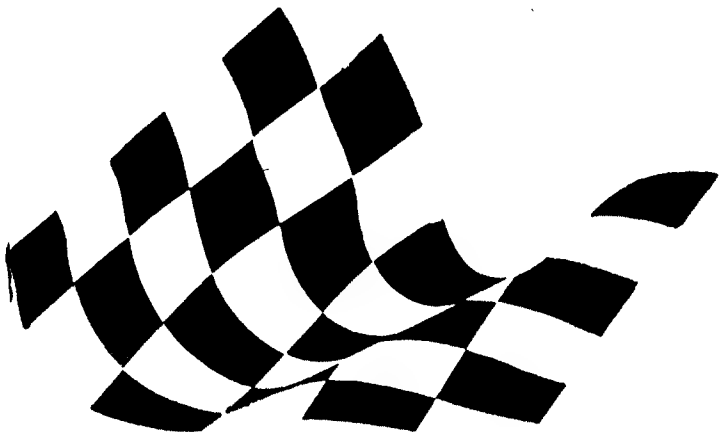
TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA - Praça Marquês de Pombal, n. 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

GRANDE RALI NOCTURNO

os campeões preferem



SACOR

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º — J. E. Carpinteiro Alfaiate — "SAAB"
2.º — Américo Nunes — "PORSCHE"
3.º — Jorge Nascimento — "BMW"

CIDLA Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

tentou, na figura de bruxa, fê-lo com infelicidade pasmosa: o rosto besuntado e inexpressivo de Lygia Teles meteu a câmara num beco sem saída.

TV INFANTIL

Tivemos, nesta rubrica, mais uma história ilustrada, história da autoria de António Torrado, com os desenhos de Romeu Costa. João Perry leu o conto.

O poeta António Torrado escreveu uma história quase linear. A lentidão de João Perry ajudou os telespectadores a seguir, a saborear a aventura do carneirinho que engoliu um grilo na horta do senhor Tomé. O interesse do contarelo, já que, intencionalmente, António Torrado aboliu toda a preocupação do «suspense», residia na alegria, na frescura do próprio acto de contar, residia no encanto, no poder das palavras.

Infelizmente, trata-se de uma história destinada a ser lida e não a ser ouvida. *Escrever* e *dizer* não obedecem ás mesmas leis, ou, pelo menos, tem-se convencionado que não obedecem. Podemos escrever: «Tracemos um círculo mais pequeno dentro do anterior», mas dificilmente imaginamos esta frase nos domínios da oralidade. Muito menos será natural dizer: «Façamos ainda um círculo mais pequeno concêntrico com os anteriores», embora a leitura nos permita demorar, suspender, voltar atrás, pensar quais são os círculos anteriores, etc., etc.

Há vários exemplos semelhantes na história de António Torrado. Exemplos de antioralidade que o autor não repetiria se tivesse de inventar uma história para dizer e não uma história para ler.

Isto aponta a necessidade de se consultar os autores cujos trabalhos se pretenda apresentar na Rádio ou na Televisão. A adaptação é indispensável, tal qual como sucede quando se transpõe uma obra ao teatro ou ao cinema.

Assim mesmo, a história do carneiro que deixa de dizer mé-mé para dizer ori-ori, só porque engoliu na relva o grilo que a habitava, foi boa de seguir e de viver. O espírito, a crítica, a graça — estavam lá! Embora João Perry não se encontrasse nos seus dias e a colaboração com Romeu Costa tivesse sido acidentada.

MÁRIO CASTRIM

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Sob a presidência do prof. Moses Anzalak, realizou-se esta tarde, uma sessão da classe de Letras da Academia das Ciências durante a qual o prof. dr. Pedro Soares Martinez apresentou uma comunicação sobre «O pensamento islâmico e a expansão socialista».

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO

Interdito o Estádio da Luz

O BENFICA UTILIZARÁ O ESTÁDIO NACIONAL

• TORRES (6 jogos) e MALTA DA SILVA (5) suspensos pela Federação

Da tão ansiosamente aguardada reunião de ontem do Conselho de Disciplina da F. P. F., saiu, para começar, isto:

— interdição temporária do estádio da Luz, até decisão dependente de um inquérito que, entretanto, se manda instaurar;
— prioridade para esse inquérito, relativamente aos que estão em curso;
— a actuação do jogador do Belenenses Rodrigues é um dos pontos que o inquiridor deverá esclarecer;
— castigados os dois jogadores do Benfica que foram expulsos no decorrer do acidentado jogo: Torres com 6 jogos de suspensão e Malta da Silva com 5.

(A castigo deste ultimo excede largamente as previsões, e o Benfica, pela voz do seu presidente, já veio a publico afirmar a sua estranheza.)

Entretanto, enquanto não puder utilizar o seu estádio, a equipa do Benfica jogará no Estádio Nacional os jogos que lhe cumpre disputar «em casa».

O eng.º Chaves Rosa, novo presidente da direcção do Belenenses

Tomam posse (esta noite) os corpos gerentes do Belenenses

Na sede da Associação Comercial de Lisboa realiza-se esta noite, com início às 21 e 30 horas, o acto de posse dos novos dirigentes do Belenenses. O clube do Restelo volta assim à normalidade administrativa, depois de um período em que esteve confiado a uma Junta Directiva que teve dinâmica e profícua acção.

São os seguintes os dirigentes agora eleitos:

Assembleia Geral — presidente, juiz desembargador dr. Fernando Olavo Gouveia da Veiga; vice-presidente, Acácio Rosa; secretários, Pompeu de Oliveira Rocha e José Morais.

Direcção — presidente, eng. José Alvaro Ubach Chaves Rosa; vice-presidentes, dr. Alvaro Gonçalves Pereira, Hermâni Pinheiro e dr. Jorge Ribeiro Aragão. *Directores* — Egídio Fernandes Serpa, dr. Emídio Silveira Manteigas, Jaime Monteiro João Dionísio da Silva, José Agostinho Carolas, José António Coelho da Fonseca, José António Paiva e Orlando A. Mello.

Conselho Fiscal — presidente, dr. José Coelho da Fonseca, vogais, Manuel Leiria Neto e dr. Nelson Mendes de Almeida Nunes.

«A BOLA»

Com um numero especial, bem significativo da sua difusão e desenvolvimento, comemora hoje o seu 25.º aniversário o triesemanário «A Bola», que ocupa lugar destacado na nossa informação desportiva.

Nas pessoas do seu director, dr. Vicente de Melo; editor, José Gonçalves Bandeira; e chefe da redacção, Vitor Santos, felicitamos vivamente quantos trabalham em «A Bola».

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Campeonato Feminino

O Benfica venceu o Vitória de Setúbal por 31-30, em jogo a contar para o Campeonato Metropolitano Feminino.

JUDO

O torneio da Amadora

Seguido com muito interesse, realizou-se no pavilhão gimnodesportivo da A. A. da Amadora um Torneio Triangular de judo integrado nas comemorações do 28.º aniversário daquela colectividade.

Resultados: o Judo Clube venceu o Sintrense por 2-1, na meia final e a Académica da Amadora, na final, por 4-1 — sagrando-se vencedor do torneio.

VOLEIBOL

Vitória dos juniores do Benfica

O Benfica venceu o Lisboa Ginásio por 3-1, em jogo a contar para o Campeonato de Lisboa de Juniores, com 9-15, 15-8 e 15-13. No último «set» foi espectacular a recuperação dos «encarnados», que chegaram a ter desvantagem de 1-11 e 3-13.

Vieram assim (pelo mar e pelo ar) os novos carros «Fórmula Ford»

NOVIDADE NO AUTOMOBILISMO

Chegaram a Lisboa os primeiros «Fórmula Ford»

Foi ontem, á tarde. No cais do Jardim do Tabaco, os guindastes tiraram de dentro de um barco inglês dois carros de formas muito diferentes dos que rolam nas estradas e nos levam todos os dias ao emprego. Dois «carros de fórmula». De «Fórmula Ford».

Que ontem nasceu para os nossos meios automobilísticos. Para correrem no primeiro Campeonato Nacional da categoria, que dentro de menos de dois meses começa.

Pode dizer-se que, ontem á tarde, a «Fórmula Ford» — que no estrangeiro e, principalmente, na Grã-Bretanha, goza de extrema popularidade — «nasceu» para Portugal.

Depois de já ter sido anunciado o primeiro Campeonato Nacional desta categoria, chegou-se, ontem á tarde, á fase de concretização, com o desembarque dos dois primeiros carros desta fórmula — dois «Merilyn - Ford» — que são pertença do jovem Santos Mendonça (um entusiasta da competição automóvel que, no ano findo, foi uma considerável revelação na Fórmula V) e do cotado preparador Mário de Jesus.

A estas duas primeiras unidades juntar-se-ão mais uns 6 a 10 «Lotus 61» (importados pelo «Team Palma») e uns 3 ou 4 «Titan», «Alexis» ou outra marca, que vão ser adquiridos pelo «Team Escape» de Joaquim Filipe Nogueira. Talvez o numero destes carros não fique por aqui e pensamos que — á semelhança do que aconteceu com os «Vês» — o Norte não se quererá alhear do assunto...

O que é o «Fórmula Ford»

Os «carros de fórmula» são automóveis exclusivamente de corrida, construídos sob um determinado padrão ou «fórmula». No caso da «Fórmula Ford», esse padrão obriga genéricamente a que o carro tenha como base da sua mecânica os componentes do «Ford Cortina», com um motor de 1600 c.c.

Os carros, embora possam apresentar carroçarias diferentes, são, básicamente, idênticos, permitindo assim que, em igualdade de circunstâncias, os pilotos mais cotados possam sobressair. É evidente que a busca de soluções e o apuro de afinação — dentro dos parâmetros definadores da categoria — são factores que podem conduzir ao acréscimo de uns quantos «cavalos» de potência que farão com que uns carros andem mais que outros...

Para medida do leitor, podemos informar que os motores dos «Fórmula Ford» debitam potências entre 100 e 105 cv (DIN) e que impulsionam os carros a velocidades de 200 km/h (vizinhas das dos «Fórmula 3»).

Tal como com os «Fórmula V», «Fórmula França», «Fórmula 850», etc., o «Fórmula Ford» tem como finalidade ultima possibilitar, graças a um preço relativamente baixo (130 a 140 contos), a prática do desporto automóvel «de velocidade» por um grande numero de pilotos, permitindo assim, mais fácilmente, a descoberta de novos valores. Jovens, como acontece no estrangeiro. Mesmo «consagrados» noutras categorias, como acontece cá...

NAS DUAS PRÓXIMAS ÉPOCAS DE FUTEBOL

SELECÇÕES PORTUGUESAS NO CAMPEONATO DA EUROPA E NO TORNEIO DE «ESPERANÇAS»

Entre outras deliberações, a direcção da Federação Portuguesa de Futebol acaba de confirmar a sua decisão de se inscrever para duas importantes provas do futebol internacional, nas temporadas de 1970-71 e 71-72. Trata-se do Campeonato da Europa (Taça «Henry Delaunay») para selecções «A» e do Torneio da U. E. F. A. para equipas de «Esperanças».

Ao mesmo tempo, a Federação comunica que dirigiu convite ao dr. David Sequerra para continuar no cargo de seleccionador nacional de juniores, e que «aguarda melhor oportunidade para resolver o caso das selecções nacionais de seniores».

Mais informa a Federação que inscreveu o treinador Peres Bandeira no Curso de Treinadores Nacionais de Juniores, a realizar na Escócia, de 11 a 14 de Maio.

Os incidentes de Leiria

O CASA PIA A. C. CRITICA O RELATÓRIO DO ÁRBITRO

Na mesma reunião em que tomou decisões acerca dos incidentes da Luz, o Conselho de Disciplina da F. P. F., debruçou-se também sobre o não menos lamentável «caso» de Leiria. Assim, com base no relatório do árbitro, foram suspensos preventivamente os jogadores casapianos Rogério, Raimundo e Raul Gonçalves, enquanto se mandava instaurar um inquérito aos acontecimentos, pois, ao que parece, do relatório do árbitro nem consta a invasão do campo.

•

Por tudo isto, a assembleia geral do Casa Pia A. C., ontem á noite reunida, em princípio para apreciação do relatório e contas da gerência, acabou por se interessar apenas pelo «caso de Leiria». Através dos dirigentes Soares Louro e António Santos, os sócios foram informados do que se passára e bem assim das diligências da direcção para um completo apuramento da verdade e das responsabilidades.

O Casa Pia A. C. confirmou já a sua declaração de protesto do jogo e dirigiu ao Conselho Disciplinar uma exposição em que se acusa o árbitro de graves omissões, no seu relatório.

Entretanto, o União de Leiria tornou publico um comunicado em que fez também o seu relato dos acontecimentos, endossando responsabilidades aos jogadores do Casa Pia. Nos dois ultimos pontos do comunicado, dizem os dirigentes leirienses:

Lamenta esta Direcção o sucedido, dispensando-se de quaisquer outros comentários, na medida em que, quer desportiva, quer criminalmente, o caso se encontra afecto ás entidades respectivas, a quem compete o respectivo julgamento.

Deseja, todavia, em desafronta do publico leiriense, dizer apenas que seria altamente desejável que em todas as terras onde se pratica futebol, ele fosse tão correcto e ordeiro como o é em Leiria. Que o digam os árbitros que por aqui têm passado...

NOTÍCIAS DO CICLISMO

■ A formação da equipa da «Kas» para este ano será apresentada aos órgãos de Informação numa cerimónia a realizar no próximo dia 7 de Fevereiro em Barcelona. Nessa mesma data os corredores seguirão para estágio numa localidade levantina, uns a fim de se prepararem para a «Volta a Andaluzia», outros para a «Volta ao Levante».

■ A corrida por etapas Paris-Nice, uma das clássicas do ciclismo francês disputa-se de 9 a 16 de Março com partida de Dourdan, depois de uma etapa-prólogo na pista de Vincennes. Esta primeira etapa será disputada no sistema de perseguição e os três primeiros de cada equipa de oito corredores terão bonificações de três, dois e um segundo, respectivamente. Para designar o corredor que deverá envergar a camisola amarela no dia seguinte, os componentes da equipa vencedora defrontam-se entre si também numa corrida de perseguição de um quilómetro.

■ Os dirigentes do ciclismo colombiano estão envidando todos os esforços na concretização de um vasto programa de trabalho, com o propósito de enviar este ano á Europa uma equipa potente. Os seus objectivos são os Campeonatos Mundiais e a «Volta á França do Futuro».

■ Retirado Anquetil da cena ciclista francesa, Raymond Poulidor acalenta novas esperanças a despeito da presença de Merckx. O corredor francês falando dos seus projectos para a prseente temporada, declarou: «O meu principal objectivo é a «Volta á França», na qual apenas consegui ser segundo»

■ Ao comemorar este ano as suas «Bodas de Prata», a «Volta á Espanha» terá um considerável aumento no valor dos prémios. Por outro lado, serão criadas três novas classificações que os organizadores tencionam anunciar brevemente.

BILHAR

Campeonato de Lisboa

Para o Campeonato de Lisboa, de partida livre (4.ª categoria), verificaram-se os seguintes encontros e resultados: Macedo Carvalho - Manuel Herdeiro, 100-47; João de Deus-Fernando Navarro, 100-39; Fernando Navarro-coronel Morais Pinto, 100-58; Henrique Louro - Manuel da Silva, 100-86; Manuel Rodrigues- João de Deus, 100-80.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ESTÁ A JOGAR-SE EM PARIS

Cartada importante para os juniores portugueses

PARIS, 29 — O jogo que esta tarde, com início ás 15 horas, opõe no Parque dos Príncipes, as selecções de juniores de Portugal e da França, para o Torneio Internacional da U. E. F. A., está a suscitar certo interesse, especialmente no que respeita aos portugueses aqui radicados.

No grupo em que entra Portugal, figuram, além da França, a Espanha. É dos grupos mais difíceis. Os espanhóis não têm dado, por aí além, boa conta de si, mas os franceses dispõem de conjunto atléticamente bem constituído. Talvez os mais tecnicistas sejam os portugueses.

Os outros jogos do grupo: em 21 de Fevereiro, Portugal-França, em Lisboa, Setubal ou Barreiro; em 5 de Fevereiro, Portugal-Espanha, em Lisboa (Estádio de Alvalade) e em 5 de Março, Espanha-Portugal, em Cádis.

No embate de hoje, as equipas, sob a arbitragem do belga Loreux, deverão alinhar:

FRANÇA — Bertran; Poissien, Neubert, Gordon e Roulot; Beker, Carrié e Arribas; Mankonski, Santini e Sarramagna.

PORTUGAL — Matos; Fernando, Laranjeira (cap.), Carlos Cardoso (ou Vítor Alves) e Lino; Cano Brito, Ludgero e Eurico; César, Nando e João Cardoso (ou Correia Dias).

Nos suplentes: Silva Morais, Duarte e Germano.

O seleccionador nacional, dr. David Sequerra, crê que o mais sério óbice para a equipa lusitana será o maior índice atlético dos adversários, a quem viu fazer já boas exibições, uma delas contra a Suécia, que venceram por 5-0. No entanto, cinco dos titulares não poderão jogar hoje, o que não deixará de constituir boa nova para os portugueses. O treinador dos franceses é Jackie Braun, que tem realizado bom trabalho. Aliás, os franceses, até no aspecto material, estão a dedicar mais interesse á massa dos praticantes juvenis, com vista ao futuro. Os seniores decaíram imenso, de há anos para cá..

Ontem, ás 10 e 30, os portugueses fizeram um galope de treino no Estádio Jean Bouin, vizinho do Parque dos Príncipes, onde, por sinal, estão empregados vários compatriotas nossos.

O seleccionador nacional, depois dos últimos jogos-treinos contra equipas seniores, ficou um pouco decepcionado com a equipa portuguesa. No entanto, confia na obtenção de bom resultado.

De maneira geral, pensa-se que a defesa dos portugueses é o melhor sector da equipa, o do meio-campo, suficiente, e o da avançada, francamente modesto.

Mas tudo se poderá modificar de um momento para o outro. Poderá até acontecer que os jovens lusos se sintam inspirados. Possuem melhores dotes técnicos, tácticamente estão bem apetrechados, mas — replita-se — constituirá para eles embaraço de tomo — o mesmo se verifica entre os seniores... — o excelente porte atlético dos adversários.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

A nova selecção nacional de juniores

TAÇA «ISAAC SEQUERRA» (RESERVAS)

VITÓRIA DO BELENENSES SOBRE O SPORTING (2-0)

Pois foi assim: os «azuis» não estiveram com meias medidas. Jogo começado e eles aí vão direitos á baliza dos «verdes». Assim que se encontravam a distancia razoável toca a atirar.

Não é que se tratasse de um ataque franco, absoluto, em massa. Era, isso sim, uma série de contra-ataques rapidíssimos que colocavam em perigo a defesa sportinguista, desprevenída por vezes.

Por todos os motivos não admirou que os belenenses abrissem a contagem aos 14 minutos: Armando falhou um pontapé e Estêvão, oportuno, aproveitou a deixa para rematar forte e feio.

Ao ver que estava no caminho certo, o Belenenses não se afastou dele. E, prático e agressivo, o «onze» da casa fez-se ao aumento da vantagem. Não o conseguiu pouco depois por Carvalho haver executado uma defesa enorme a um excelente «tiro» de Canário. Mas alcançou o seu objectivo ainda antes do intervalo, aos 36 minutos, num lance em que Godinho foi muito lesto a desmarcar-se e centrar a chutar.

Valha a verdade que, se no aspecto territorial o equilíbrio se notava, os belenenses mostravam-se infinitamente mais incisivos práticos que os antagonistas. O Sporting, mais repousado, não acompanhou o ritmo do adversário e esse defeito, junto aos erros cometidos pela defesa, complicou-lhe as coisas.

O segundo tempo não teve semelhanças com o anterior. O Belenenses, agarrado ciosamente ao avanço conquistado, preferiu não arriscar, fechando-se no seu meio-campo. E o Sporting entregou-se então a um trabalho atacante tão insistente quão improfícuo.

Ante um compartimento defensivo reforçado, os homens de Alvalade não acharam maneira de entrar na grande área. É certo que os visitantes procuraram infiltrar-se pelos corredores laterais, como ensinam os cânones. Todavia, os elementos que actuavam nos flancos perdiam em luta com os seus marcadores por excesso de *driblings* ou falta de expontaneidade nos «centros». A demora da bola nas «pontas» ocasionavam sempre o reagrupamento da coesa defensiva dos donos do campo.

Deste modo, os sportinguistas não deparavam nem com sítio nem com tempo para atirar ás balizas de Ferro.

O curioso aconteceu quase no termo do desafio: o Sporting, desencantado de tanto atacar sem criar oportunidades, baixou de rendimento e o Belenenses, denotando bom preparo físico, recebeu a deixa e voltou a avançar, do que já desistira anteriormente. Fê-lo novamente com sagacidade e cobiça e o terceiro ponto esteve quase a surgir.

Seria, contudo, demasiado uma vantagem mais ampla. Como ficou está melhor.

No Belenenses, toda a defesa justifica um aplauso, com realce para Freitas. Estêvão, Canário e Godinho também estiveram em bom plano.

No Sporting, Carvalho, ilibado de culpas, e Dani, situaram-se acima dos companheiros.

Arbitragem de Martins Almeida perfeitamente aceitável. Um senão: não atender á lei da vantagem.

●

Equipas:

Belenenses — Ferro; Assis, Lomelino, Freitas e Murça; Luciano e Virgílio (Quinito); Gomes, Estêvão, Canário e Godinho.

Sporting — Carvalho; Bastos, Armando, Barão e Manaca; Dani e Chico; Ernesto, Manuel Duarte (Celestino), J. Morais e Oliveira Duarte (Orlando).

FRANCISCO CAMILO

Uma vitória do Sporting de Braga

Em jogo final do campeonato de reservas promovido pela Associação de Futebol de Braga, defrontaram-se, em Vila Nova de Famalicão, as equipas do Sp. de Braga e do Vitória de Guimarães. O triunfo pertenceu aos bracarenses por 1-0.

todo o tempo é tempo de férias

Fins de semana ou férias no Algarve utilizando as tabelas especiais da TORRALTA em vigor até Junho

Aparthotel Torre «C»

Alojamento e pequeno almoço (1 pessoa)	75$00
Alojamento e meia pensão (1 pessoa)	120$00
Alojamento e pensão completa (1 pessoa)	150$00

Torres «A» e «B»
(Só alojamento)

Apartamentos individuais	55$00
Apartamentos para 2 pessoas	110$00
Apartamentos para 4 pessoas	170$00
Apartamentos para 6 pessoas	240$00
Apartamentos para 8 pessoas	320$00
Refeições turísticas	50$00

TODAS AS TAXAS INCLUIDAS

Reservas (telefs.) Lisboa 5 17 48 - Portimão 3211

TORRALTA
PRAIA DE ALVOR

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

★ Os acontecimentos da Luz, vistos do Porto
★ Sporting de vento em popa
★ O excepcional comportamento do F. C. Porto no Brasil

Um número de grande actualidade

F. RAMADA
AÇOS E INDÚSTRIAS, S. A. R. L.

Comunica a todos os seus estimados clientes, que efectua em Ovar a sua reunião geral de vendas, de 29 a 31 de Janeiro.

Por essa razão, as suas dependências de Lisboa e Porto funcionam, nesses dias, com um número reduzido de pessoal, pedindo antecipadamente desculpa de qualquer falta que possa vir a verificar-se.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — O CASO «LADY CHAPLIN» — C O N D E S

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 21.30
SENSACIONAL ESTREIA
Ken Clark e **Daniela Bianchi** cortam-lhe a respiração em
O CASO LADY CHAPLIN

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis **Jr.** e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de 1970, em cinemascope e technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um caso desconhecido da última guerra!
OPERAÇÃO ROSAS VERMELHAS
c/ **James Dali, Anna Maria, Pierangeli**

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Um filme gigante em 2.ª semana
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

QUINZENA DE CINEMA INGLÊS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O DESPERTAR DO AMOR de John Guilhermin, com Patrícia Gozzi, Melvin Douglas, etc.
Próxima Quinzena: **COMÉDIA POPULAR PORTUGUESA**

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
Um arrebatador «western» de acção e violência
Cinemascope e Eastmancolor
DJANGO
com **Franco Nero** e **Loredana**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) As 21 horas
OS LOUCOS DO AMOR
A INVASÃO DA TERRA

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR
c/ **Sidney Poitier**
Katharine Hepburn

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Oscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 3.ª SEMANA
Ingrid Bergman e **Walter Matthau**
A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma o par mais sensacional do momento
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

POLITEAMA
(M 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15 (P. r.) e ás 21.30
Um filme de excepcional nível com realismo dramático
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
A MORTE DE UM PISTOLEIRO
com **Richard Widmark** e **Lena Horne**

HOJE, ÀS 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A DELIRANTE FARSA EXPLOSIVA COM NOVOS CÓMICOS FAMOSOS
4 BRUTOS NO OESTE
com **«OS QUATRO BRUTOS»**
(célebre atracção da TV), **Emma Penella** e **Darry Cowl**
A história de quatro cangalheiros em bolandas com um cadáver e um tesouro num caixão...
(Dialiscope) (Eastmancolor)

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Um movimentado «western»
O FILHO DE SHANE
com **Mike Marshall** e **Michele Girardon**
Eastmancolor

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
CAMINHOS DA VIOLÊNCIA
3 CHAPÉUS PARA LISA

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 7.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Technicolor - Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
2.ª SEMANA
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais** e **Roger Hanin**

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 4.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Technicolor
A LOUCA DE CHAILLOT
com **Danny Kaye** e **Giulieta Massina**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna e provocante sobre o amor e o sexo.
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ **Susan George** e **Victor Henry**

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
MAIGRET E O ESPIÃO
O DUELO NA ILHA

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Uma aventura no topo do Mundo!
Rock Hudson, Ernest Borgnine e **Jim Brown** em
MISSÃO NO ÁRTICO
Uma maravilha no «écran»-gigante — 70 mm

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de Bob Fosse em cinemascope e technicolor:
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme seleccionado para inaugurar o Festival de Cannes de 1969.

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO A ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

CÍRCULO CULTURAL DE SETÚBAL

Encontra-se patente ao público, na sede do Círculo Cultural de Setúbal, uma exposição de fotografias seleccionadas pelo seu autor, José Andrade Fontes.

No dia 1 de Fevereiro, às 21 e 30 realiza-se, no mesmo local, uma sessão de projecções de diapositivos e colóquio.

OUTROS ESPECTÁCULOS

C I R C O

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

T E A T R O S

VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).

C I N E M A S

OLIMPIA — Às 21: «O monge da máscara negra (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Os indiferentes» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O comandante Robinson Crusoé» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Sou eu a Natália» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Diamantes ao pequeno almoço» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «As espingardas do Far-West» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «A noiva eterna» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «As Girls» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Uma provinciana na corte do rei Sol» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Até encontrei ciganos felizes» (17 anos)
S. L. BENFICA — Às 21: «Tumulo de Faraó» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Mistério da Ilha da Madeira» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Os caminhos da violência» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O homem de Kiev» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Zorro o rebelde» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos).
CASCAIS—S. JOSÉ—Às 21 e 30: «Comando suicida» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O Vale do Mistério» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «O voo fatal» e «O templo do Elefante branco» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «L. S. D., droga alucinante» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21: «Com jeito vai andando» (17 anos)
SINTRA — CINE - TEATRO — Às 21 e 15: «Musica no Coração» (12 anos).

«ANTEPASSADOS VENDEM-SE» CONTINUA NO CARTAZ

A peça «Antepassados, Vendem-se» continua a ser o cartaz do Teatro Experimental de Cascais. Obra de um autor teatral que se afirmara já com «O Ausente» e «O Braço da Justiça», a peça «Antepassados, Vendem-se» tem encenação de Carlos Avilez. No desempenho, destacam-se Fernanda Coimbra, Vítor Ribeiro, Zita Duarte, Mário Viegas, João Vasco, Santos Manuel, Luís Lelo, António Anjos e António Marques, para não citar todos os elementos que dão brilho á representação.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B
AJUDA — **Lopes Ribeiro**, R do Cruzeiro, 1117 (633288) ✲ **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (687777).
ALCÂNTARA — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (712070) ✲ **Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (712808) ✲ **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-A/B ao Pote d'Água (710184)
AREEIRO — **Vera Cruz**, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (á Av S João de Deus) (724941) ✲ **Onilda**, Av João XXI, 13-A (726848) ✲ **Gasparinho**, Rua Dr Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av Sacad. Cabral) (770776). ✲ **Cosmos**, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ **Sagres**, Aven. Luís Bivar, 69-71 (47218) ✲ **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nobel**, R. Actor Vale, 58 (junto á Fonte Monumental, lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — **Lobo**, R Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (841212)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—**Zira**, P. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romana**, Rua B, 7, á R Marquês de Olinda (383800)
BAIXA—**Estácio**, Pr. D Pedro IV, 60-63 (327067 - 324224) ✲ **Marão**, Rua da Assunção, 17-19 (321289)
BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 - E (702532) ✲ **Sousa**, Est de Benfica, 429-431 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfirio** R. Franc Metrass 59 (663449).
CAMPO GRANDE — **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R General Taborda, 17 (680304) ✲ **Ivone, Ld.ª**, Rua Silva Carvalho, 232-C (650760).
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE DE REDONDO—**Jaime José da Costa**, R. Conde de Redondo, 68-72 (543424).
ESTEFÂNIA — **Universal**, R Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — **Paivas & Parente**, R. de Santo António á Estrela, 96-98 (665196) ✲ **Martins** — Calç. da Estrela, 167 (660828).
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara**, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251114234).
GRAÇA — **Arnoli**, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✲ **Marão**, L. da Graça, 68 (860700).
INTENDENTE — **Intendente**, L. Int. Pina Manique, 50 (47838).
LUMIAR — **Alameda**, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé**, Est do Desvio, Lote 112-C (790704).
MADRAGOA E SANTOS — **Fontoura de Carvalho**, Rua de Santos-o-Velho, 12 (662075).
OLIVAIS — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (386112) ✲ **São Paulo**, R. 2, Lote 823, à Estrada de Moscavide — Olivais - Sul (310711) ✲ **Higiene**, R Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, Lote 43, Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — **Ocidental**, R D Jerónimo Osório, 1 P M, 3 (610256)
PICHELEIRA — **Mariuz**, Calç da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
RATO — **Soares**, Av Alvares Cabral, 1 (684282)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficência, 91 (773728)
RESTELO — **Tanara**, R Rodrigo Reinel, 3-A (611814) (á Encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — **Central**, R de S. Paulo, 108 (3120389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz**, R. D Domingos Jardo, 28-A (à Av D. Afonso III) (843439 ✲ **Martins, Ldª.**, Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)

● Linha de Cascais
ALGÉS — **Combatentes** — Av. Comb. G Guerra, 166 (Telefone 213958)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** Rua Costa Pinto 86 (Telefone 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Grincho** — Av da Republica, 87-A (Tel 2471204)
ESTORIL — **S. João** — S João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — **Lopes** — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — **Misericórdia** — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 2801441); **Cascais** — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caxas (Tel 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA—**Mela**—P. D. João I— Lote 196 — Bairro Janeiro (T. 932756); **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** — P. da Igreja, 22-A (Tel 937740); **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 — Reboleira (Tel. 938424).
DAMAIA — **Confiança** — Est Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — **André** — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** — Av Miguel Bombarda, 133-DX (T. 951841).
CACÉM — **Central** — Rua Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — **Química** — **Est.** Mem Martins, 285 (T. 29100121).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)
SINTRA — **Misericórdia** — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — **Colares** — **Abreja** (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100).
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis 30 (Telefone 224020)
ALMADA — **Galeno** — Rua Capitão Leitão, 85-B (Tel 2760565).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est Nacional 74 Telefone 224302)
BARREIRO — **Higiénica** — Rua D Manuel I, 178 (Tel 2273017)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso** — P 5 de Outubro, 1 (Tel 270254)
MOITA — **Silva Rocha** — P do Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — **Diogo** — R Almirante, 42 (Tel 230032)
SESIMBRA — **Lopes** — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — **Rosado Pinto** — P do Bocage (Tel 224484); **Nova** — A. General Gomes Freire (Tel (22052)
SEIXAL — **Godinho** — L do Igreja, 5 (Tel 2218580.

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
AGUA GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados 382069
BOMBEIROS — Sapadores 222222 Voluntários, 538524
POLICIA e G N. R — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítimo, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763450.
TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 5 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82.44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

«SÓ PERDI POR UM VOTO»

— DISSE A HOSPEDEIRA DA TAP QUE NO URUGUAI GANHOU O TÍTULO DE «PRIMEIRA PRINCESA DO AR»

Maria Susana à sua chegada ao aeroporto

Chama-se Maria Susana Couto, tem 23 anos, é assistente de bordo da TAP e chegou, esta manhã, sorridente, ao Aeroporto de Lisboa, vinda de Punta del Este (Uruguai), onde alcançou o título de «Primeira Princesa do Ar» Foi por pouco que não ganhou o título de «Rainha», também do «Ar»: um voto de diferença — o suficiente para a assistente da Alitalia, Angela Azzinnari, poder ostentar a «coroa» por um ano.

Susana Couto confessa:

— Que raiva! 78 votos para ela; 77 para mim!

Mais tarde, porém, afirma ela, de todas as representantes das 10 companhias de aviação inscritas no concurso, anualmente promovido pelo Country Grill Club daquela cidade uruguaia, de colaboração com o organismo local de turismo, foi Angela a única de quem se tornou amiga

Aliás, a assistente portuguesa ganhou o título de «Miss Simpatia», dado pelos jornalistas uruguaios A sua chegada não faltaram familiares, e os representantes dos órgãos da Informação tiveram de abrir alas para que a mãe de Maria Susana a pudesse beijar. Uma pergunta envolvendo um nome masculino Quererá dizer alguma coisa?

As perguntas começaram: as respostas surgiram sempre através do sorriso um tanto sofisticado da «Princesa».

— O primeiro prémio era no valor de 4000 dólares; o meu, o segundo, foi de 1000.

A simpatia valeu-lhe um relógio Vai continuar na TAP, companhia onde está há dois anos, prosseguindo nas viagens de médio e longo curso

O certame durou de 21 a 24 do corrente e o resto do tempo foi preenchido em visitas, nomeadamente a redacções de jornais Susana não conhecia, ainda, os locais que visitou, e por lá encontrou bastantes portugueses

Pormenores do concurso: desfile com o novo uniforme da TAP e desfile em trajo de noite, envrgando um modelo da casa Cristian Dior:

— Castanho e dourado, com bordados — explica.

«Cocktails» e jantares não faltaram, mas bailes e «boites», nada! Maria Susana espera descansar algum tempo antes de retomar as suas funções e confessa essa esperança voltada para outras duas «Princesas do Ar», mas «segundas princesas», note-se — Paulina de Castro, representante da companhia em 1968, e Eduarda Setil, a do ano transacto

Desde que o concurso existe, aliás, a beleza portuguesa tem sempre sido distinguida — e desta vez a «coroação» não ocorreu por um voto. O juri — segundo nos asseguraram — usa de grande imparcialidade

— Quem o constitui?

— Gente da Imprensa, conhecedores de beleza... — afirma Maria Susana

Mostra-se, a todos os títulos, contente com a distinção, as flores, os «flashes» o êxito. Pena é que não ache os jornalistas portugueses tão simpáticos como os uruguaios:

— Às 8 da manhã, parecem-me todos uns horrores — diz-nos, sempre com o seu eterno sorriso de «princesa»

Bem, por nós, só nos restou afirmar que quem concorreu a selecções de beleza fora ela. Sim, porque isto de homens, lá diz o povo, querem-se feios, e ás mulheres nem sempre basta serem bonitas...

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro, o vento fraco ou moderado do quadrante Sul e chovia ou chuviscava a norte do rio Mondego Nas regiões do Sul, o céu estava pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia do Rocha, 16° 7; mínima: Penhas do Saude, —1°

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 12°; Penhas Douradas, 0,4; Coimbra, 11°; Portalegre, 7°; Lisboa, 13°; Faro, 10°, Funchal, 12°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosferà: 13°; na água do mar: 18°,2

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado a encoberto, passando a períodos de muito nublado; períodos de chuva, passando a regime de aguaceiros, a partir da madrugada, em especial nas regiões do Norte e Centro; vento fraco a moderado do quadrante Oeste.

Amanhã
Nascer ás 8 e 45
Ocaso ás 18 e 55

Amanhã Dia 6 Dia 13 Dia 21

MARÉS:
PREIA-MAR: **Hoje** — 8 e 8 (3,5 m); 20 e 45 (3,4 m) **Dia 30** — 9 e 06 (3,4 m), 21 e 37 (3,3 m) **Dia 31** — 10 e 08 (3,3 m); 22 e 47 (3,3 m); BAIXA-MAR: **Hoje** — 1 e 45 (1,3 m); 14 e 15 (1,3 m); **Dia 30** — 2 e 40 (1,5 m); 15 e 10 (1,5 m) **Dia 31** — 3 e 38 (1,6 m); 16 e 18 (1,6 m)

Esquadra da N.A.T.O.

Chegou hoje ao Tejo a fragata alemã «Aujsburg» que vem juntar-se aos outros componentes da Força Naval da N. A. T. O., fundeados no nosso porto, desde o dia 20.

Já debaixo do novo comando, a esquadra largará, a 2 de Fevereiro, rumo á Madeira, para operações conjuntas que ocorrerão no trajecto.

Estas operações devem preceder um longo programa de manobras da N. A. T. O. que inclui visitas a portos de países membros desta organização.

UM ENSAIO DO PEUGEOT 304

NO motor QUE

SAIU HOJE

REPORTAGEM DO RALLYE DE MONTE CARLO
• O 1.º ARTIGO DA SÉRIE, «GUIAR E GUIAR BEM», (Baptista dos Santos) •
• A «TEMPORADA» DA ARGENTINA (Phillipe Toussaint) •

NOTÍCIAS • ENTREVISTAS E COMENTÁRIOS, AS HABITUAIS SECÇÕES E AINDA

UM SUPLEMENTO ESPECIAL DEDICADO AO III RALLYE TARGA

PREÇO 2$50

I CONVÉNIO UTILMÓVEL
NO HOTEL DE TURISMO DA ERICEIRA

DURANTE o passado fim de semana, realizou-se no Hotel de Turismo da Ericeira o I Convénio — 1970 da Utilmóvel, organização especializada em equipamentos para a industria hoteleira e modernização de estabelecimentos, compreendendo um sector de estudos e projectos para montagem de supermercados e similares.

Procedendo directamente de todos os pontos do País, como um símbolo vivo de desenvolvimento que a Utilmóvel já atingiu no Mercado nacional, vieram á Ericeira cerca de uma centena de colaboradores da organização.

Durante dois dias examinaram-se, em conjunto, com compreensão e franca camaradagem, os resultados obtidos do trabalho de todos durante o exercício de 1969. Os principais responsáveis tiveram ocasião de expor e discutir as linhas que orientam o programa de 1970, e todos participaram numa análise construtiva dos seus objectivos.

Num conjunto de sessões que durou de sexta-feira até ao princípio da tarde de domingo, alternaram-se palestras, reuniões de formação sobre assuntos técnicos, comerciais e administrativos, projecções de filmes sobre técnica de vendas e sobre realizações da empresa.

No final, o sr. António Fernandes, sócio gerente da Utilmóvel, entre outras coisas disse: «Será normal pensar que, após estes dois dias, ficámos mais unidos por laços de amizade, nos ficámos a conhecer melhor, nos enraizámos profundamente nos problemas da nossa empresa, ficámos mais cônscios da responsabilidade que dentro dela nos cabe, ficámos unidos numa verdadeira equipa».

E terminou agradecendo a todos a colaboração até agora recebida e o entusiasmo da sua participação.

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 597 • 29 DE JANEIRO DE 1970

Sobre «FADO» de José Régio

Desenho de Júlio para a 1.ª edição de «Fado» (1941)

por Maria Aliete Galhoz

PARECE-NOS que *Fado* significa uma directriz desde logo o título. (1) As linhas mestras que obrigam a vida, segundo um conceito até certo ponto fatalista, e em que Fado é igual a presença difusa do Destino. (2) Uma diversificação em *fados* que percorrem toda uma galeria de figuras-símbolos, imediatamente sintomáticas — as vidas e certas suas condições quase fatais e onde a própria evidência temperamental (muito próxima a uma caracterologia) toma parte irreprimível nos impulsos de comportamento. (3) As linhas externas desses fados e que conduzem as vidas por uma pressão (compulsiva) socio-económica levando, em seu efeito, a uma demarcação e segregação humanas organizadas em estratos finalmente inumanos. (4) A existência de esquemas formais muito acentuados que revelam a aceitação procurada de modelos de composição — disposição estrófica, valores rimáticos, metro, ritmo e, ainda, campo linguístico.

Parece-nos também haver em *Fado* a procura de um vulgar, de um comum, de um comezinho, para núcleos temáticos da exploração (ou da explosão) poética da maioria dos textos. É um recurso quase constante a imitação ou até a paródia do já conhecido, do já feito, do parecido, mas a urdidura grotesca ou «leve» da superfície mais fácil das palavras e dos ritmos é acompanhada de uma profundidade terrìvelmente séria. A impressão de uma leitura embaladora e facilitada, por se objectivarem quase cinematogràficamente o real dos seus temas, e por correrem melódicamente a repartição das suas frases, é enganosa. José Régio mantém do princípio ao fim um outro «plano» de sentido, diferente e maior, enigmático e atormentado, ainda quando pareça tudo ter revelado.

Os poemas de *Fado* podem repartir-se em dois grupos e essa repartição é também significativa — os que são assumidos com voz pessoal e os que são propostos numa voz em terceira pessoa. Os assumidos na primeira pessoa gramatical são aparentemente só confessionais, declamatórios de recordações e sentimentos, põem a nu um estado que se pode chamar de misticismo poético — mas contém sinais de comunicação procurada e não atingida (ou atingida aquém ou além do plano em que foi procurada), a busca dum encontro com outrém, com outro, com *todos*, quer na dualização quase cénica do amor cuja impossibilidade no presente resgata o calvário que o amor trás em si mesmo, quer no dramatismo da impossível saudade, presença-ausência mais uma vez. Os que adoptam a terceira pessoa exprimem uma visão pessoal, ainda que não preocupada de singularidade, carregando-se de símbolos humanos vários, alargam-se para lá dos seus casos. São exemplos que sob a importância logo notada de um realismo narrativo, duma opulenta e impressionante pormenorização e dum alongamento descritivo (quase um humorismo que é sempre de uma violência negra, contestadora ao mesmo tempo que sofrendo-se a si própria) testemunham duma vontade de verdade, duma verdade total que como exemplos negam. Marcados de moralização em certo plano, apesar do seu teor de descrença, e duma longínqua e suspensa esperança que normalmente é revelada em final, página em branco que se segue e não foi escrita, a última palavra sendo sempre incomunicável, suspensa também. Para cá disso, entre o amor e a dúvida, entre a presença e a recusa, assim faz José Régio com *Fado* a crónica do real como uma memória visual acentuadíssima de formalismo, vincada até ao grotesco dos traços e que seria impiedosa se não fosse cruel para poder merecer, recusando todo

Cont. na pág. 2

De Fantomas a Modesty Blaise

por José Vaz Pereira

O CINEMA ENVELHECE. Mais ràpidamente do que julgamos. Para Ado Kyrou o cinema é invulnerável. Está acima do cansaço, da usura, da fraqueza, da monotonia da existência de todos os dias. Nas salas escuras, devido a uma técnica agora banal, investigando o mundo interior das pessoas, o cinema transfigura a realidade, recria a própria vida, ultrapassa-se. Os sonhos tornam-se reais. O fantástico pode ter uma dimensão concreta.

Uma vez proclamada esta imortalidade, Kyrou passa a definir e a defender os seus pontos de vista. Sem transigir. Mas há uma bela frescura na sua irredutibilidade. Acredita em Carné e em Prévert com o entusiasmo de um aluno do liceu que lê *Les Paroles* pela primeira vez. O realismo poético, de que hoje tanta (iamos a escrever toda) gente troça, é para Kyrou o momento supremo. Claro que vieram obras e realizadores e filmes que desalojaram a mensagem afinal-de-amarquismo-pequeno-burguês dos «heróicos *metteurs-en-scéne* dos anos trinta». Para Kyrou, contudo, a importância desses cineastas recém-vindos é «relativa». E, passando à Itália, Giuseppe de Santis é um génio e Rossellini um nojo. Por outras palavras, evidentemente, mas a ideia anda à volta disso.

Que leva um homem inteligente e apaixonado, em plena evolução artística do cinema, a defender tão ardentemente uma época que esteve longe de ser um El-Dorado? Bastaria Jean Gabin desertar ou Marlene mostrar as pernas para se gritar «Sublime!»? Ou seria a própria juventude do escritor que se confundia com o romantismo exacerbado desses filmes?

AMOUR-EROTISME & CINÉMA
de Ado Kyrou
Edição de Eric Losfeld
307 págs. (muito ilustrado)
Paris, 1966

Talvez se encontre resposta no facto desse movimento coincidir com o início do interesse de Kyrou. A partir daí, vê pràticamente tudo. É um devorador. Mas as suas escolhas estão feitas, os seus valores têm uma hierarquia. Nada o fará demover do ódio ou do amor. Não haverá meio termo.

O primeiro beijo da história do Cinema (1895/96)

Mas essa teimosia merecerá um rótulo de exotismo? Em Lisboa-50, os críticos erguer-se-iam como um só homem se alguém ousasse atacar Luchino Visconti, o grande Visconti. E levaria pancada o primeiro céptico que tivesse o atrevimento de afirmar que o genial Aldrich seria, dali a alguns anos, «mais um» na engrenagem do cinema... capitalista americano. Que admiração, pois, se um homem que «descobrira» as imagens se aliasse ao realismo poético, cuja força persistiu para lá da própria ocupação da França pelas tropas nazis? (Vejam-se as implicações últimas de *Les Visiteurs du Soir*, de Marcel Carné, uma bofetada num opressor sinistro).

Trata-se de aderir à sugestão de uma mitologia e outros também o fizeram com mais distanciamento. Leia-se o que José-Augusto França escreveu sobre Gabin. Trata-se ainda de tomar partido numa altura em que a neutralidade significaria demissão.

Betty Boop: Poo-poo-pi-dool

UMA VIRAGEM NO GOSTO UNIVERSAL

Kyrou, no entanto, parece não ter previsto a evolução do cinema.

Escrito no ano de 1957, mas completamente revisto em 1966 (portanto bem perto da renovação fílmica, da crise de Hollywood, do apogeu e

Cont. na pág. 2

Sobre «Fado» de Régio

«Eu canto, porque desisto / De quem o meu canto me exprima! / Quem me ouvira mais do que to / De que o meu can- e rima?...» — JOSÉ RÉGIO

Continuação da pág. 1

o amolecimento, uma piedade mais digna, pois, que quase insuportável, e cáustica onde necessário, descascada de toda a falsa comiseração. Há em *Fado* uma galeria de marginais como sinais reveladores, uma vertigem de atracção e repulsa, de repugnancia e comparticipação, que levam a um comentário negativo acerca do homem socialmente encarado, uma revolta traduzida em imprecação contra a condição do homem como hipótese de miséria e de mal; como há um não-conformismo a esta visão pessimista e descrente; como há ainda o jogo de luz e sombra de uma determinante religiosa que é mais interrogação que justificação.

A tessitura de *Fado* não se apreende com um único desvendamento, antes nos leva a uma reflexão que se distribui em vários planos. O livro é uma construção orgânica que segue um fio de obediência ao título e que glosa os lugares-comuns possíveis a esse título, já o constatámos. Essa fidelidade a um certo vulgar temático e formal, e donde parece ter sido retirada, propositadamente, a marca duma criação mais original, é fàcilmente visível na estrutura dos poemas seguindo as regras de versejar que uma tradição ou o próprio género mantêm e obrigam. O livro tem, em maioria, as linhas temáticas e a distribuição versificatória de uma literatura de cordel de teor narrativo-comentarista, partindo dos casos para uma generalização, e terminando com uma lição de juízo, epílogo quase maravilhoso, ou fraterno pessimismo compadecido. É uma escolha premeditada e o humorismo de que o autor também se serve vem carregado de um sarcasmo violento e penoso. As letras são cuidadosamente fluentes, em maioria melódicas, pois *Fado* é igualmente um leque de ritmos, ora cantantes, ora recitativos, mas obedecendo a um teor musical e de registros harmónicos. Quanto aos sentidos, *Fado* não prescinde, como nenhuma obra de José Régio prescinde (salvo, talvez, parte de *O Filho do Homem* com o «Cancioneiro de João Bensaúde») de um poder histriónico em que a intenção e a poética do autor são atiradas para um tablado como mais uma máscara-verdade a juntar a outros dramas — ao drama-vida —; sublinhadíssima nos seus tenteamentos de comunicação, sempre irresolvida, e por isso sempre em instância dramática, mesmo na sua gravidade religiosa que tem muito que ver com uma real comparticipação agónica. Daí o simbolismo solene a que vão dar os seus sinais em primeiro lugar tão evidentes.

Algumas composições seguem de perto o modelo dos fados de uma literatura avulsa vendida pelas feiras, outras são de travejamento mais complexo mas apoiado sempre em semelhanças; ora jogo entrecruzado de vozes, como nas quadras das desgarradas, ora fado de trovas coimbrãs, de musicalidade aguda e impecável entretecendo um paralelismo de dois ou três temas com sentidos internos próprios e constituindo sequências poéticas particulares, embora interligadas. Até à peça de fôlego pleno e de modelação bem simples — apoiada na reminiscência da construção das lengas-lengas infantis — que é a «Toada de Portalegre». Na «Toada de Portalegre» a inspiração é travejada por um sábio manejo das possibilidades do retorno frásico, condensação e fuga temática torrenciais, de uma brilhante riqueza semântica, e conduzindo afinal à sobriedade de sentido, uma vez que todo o poema converge para um transe emotivo dominado e limpido. Igualmente «Fado-Canção» nos lança correntiamente para uma leitura melódica, a que não falta uma marcação frásica acentuada, e é um texto cuja lição é antes de rigor, pois o seu sentido verdadeiro não é só o dito mas o que lhe está por detrás, mais uma vez irrevelado e severo.

A tentativa de uma análise crítica do campo temático e do campo vocabular de *Fado* leva à confirmação de uma mundividência regiana também aqui, com sua constante tensão dramático-agónica, e à constatação de um travejamento da sua potência criadora que não recua perante nenhum realismo, nenhum grotesco, nenhuma vulgaridade temática — relance que vai do humor de escárnio, apaixonadamente compassivo, no fim de contas, até à emoção lírica mais decantada (tão depurada que se torna simplicidade corrente outra vez), e ao contraponto religioso grave e inquietante.

Não será temeridade dizer que *Fado* é um livro de poesia maior, adesão, embora, à experiência e validade de uma poética popular, a voz dos cantadores do espanto e do maravilhoso da vida, e senhores quase sempre — como José Régio a tem — de uma visão religiosa *livre* que é realismo e projecção quase mística, interpelação e deslumbramento, calvário catársico ou embalo compadecido para o ouvinte participante. Maestria, grandeza e humildade final dos grandes criadores em quem a inspiração pode servir sem medo o regresso da inocência poética, como no «Romance de Vila do Conde» que tem um sorriso em si e a cantata monorrímica da saudade das coisas, tão pura:

«Até Senhora da Guia
Me deixava ir devagar,
Até Senhora da Guia,
Que entra já dentro do mar
Como uma pomba que as [ondas
Receassem de levar;
Talvez como um gaivota
Colhida num vendaval...
Ou rosa branca, trazida
Quem sabe de que lugar,
Que embaraçando nas pe- [dras,
Ficasse ali, sem murchar,
O pé metido no rio,
A flor já nágua do mar».

4 de Janeiro-1970.

MARIA ALIETE GALHOZ

De Fantomas a Modesty Blaise

Continuação da pág. 1

do prestígio do filme de autor na Europa e da escalada erótica nas telas) o livro dá a impressão de ser submergido pelos acontecimentos. Além disso, tornou-se púdico, as *teen-agers* que compram furiosamente o disco *Je t'aime. moi non plus* achá-lo-iam monótono, antigo regime, paternalista.

Afirma que Autant-Lara (transformado num rotineiro desactualizado) «ainda nos pode reservar surpresas». E que, pelo contrário, *Angústia* (*La Peau Douce*) poderia ter sido realizada por Jacques de Baroncelli ou Jean Delannoy. Godard, que em 1966 já rodara pelo menos seis filmes, é praticamente ignorado e o par Seberg-Belmondo de *À bout de souffle* apontado como exemplo «do que não se deve mostrar ao povo».

Kyrou: «E B. B. não é o meu tipo»

Kyrou parece não ter também compreendido, ao contrário de um crítico-sociológo como Edgar Morin, o fenómeno da mulher-criança definido por Brigitte Bardot. Para ele, mais do que mulher-criança, ela é a ingénua perversa. «E B. B. não é o meu tipo.» Claro que, depois desta afirmação, Kyrou não é homem para perder muita tinta e muitas palavras com uma mulher que não seja do seu tipo, embora reconhecendo que Mademoiselle Bardot representa «uma viragem no gosto universal».

CONVERSANDO COM ALIDA VALLI

Apesar desta dureza, deste facciosismo arrogante *Amour - Erotisme & Cinéma* vale a pena. Uma visão geral do que tem sido a portentosa história da arte das imagens é-nos fornecida em páginas escritas com um entusiasmo e com um fogo que não exclui a elegância. Kyrou viu tudo, lembra-se de tudo, conhece tudo E, ás vezes, fica-se a pensar se não valerá mais este cerrado parcialismo, esta apaixonada injustiça do que uma obra «imparcial», pairando tão acima das coisas, que esteja de bem com Deus e com o Diabo. Kyrou ruge os seus ódios. E proclama os seus amores: Murnau, o princípio de tudo; Feuillade, o primeiro dos modernos; o explosivo «cocktail» Marlene/Von Sternberg; Marilyn Monroe contra as mães americanas; Luis Buñuel; Santis afirmando que a revolução se tem de fazer com o amor e filmando uma Silvanna Mangano bem em carne inteiramente diferente da Silvanna filmada por Visconti no seu episódio de *A Magia da Mulher*; os amantes dos filmes escritos por Prévert que fazem Kyrou «sair do cinema, com lágrimas nos olhos, de punhos cerrados, orgulhoso de poder amar, forte por poder odiar e combater os que destroem o amor»; Betty Boop, a deliciosa imitação em desenho animado de Clara Bow, absolutamente destinada a ser a sr.ª Popeye se a censura e Walt Disney não se tivessem intrometido e impusessem ao bravo marinheiro a árida Oliva Palito; as glórias do musical, um supergénero de cinema; Drácula e Frankenstein; o panteísmo e a alegria de viver de Jean Renoir; a provocação canalha de Rita Hayworth em *Gilda*, «considerada como símbolo de Hollywood: perfeição técnica, a ameaça de King-Kong, o gorila; gigante; Cid Charisse, com as pernas mais belas da história do cinema, etc.

Kyrou não acredita na imparcialidade do juízo estético. Poderá ser o grande defeito do livro mas acaba por ser a sua maior virtude. As preferências não são ocultas, nem sequer discretas. As antipatias e os ódios estalam á luz do dia, com a crueldade de paixões meridionais em praças inundadas pelo sol. Como bom surrealista, ele não pede certamente que analisem o seu trabalho como quem pondera dados e numeros estatísticos. Se Sadoul, mais arregimentado mas menos polémico que Kyrou, cometeu injustiças de historiador na sua obra, por que razão um homem «que não conhece Alida Valli... mas que conversa com ela da sua poltrona no cinema» não há-de atropelar e fazer sangue? Tudo menos o estudo «equilibrado». Para Kyrou, a palavra imparcialidade passa pela palavra colaboração.

«Poo-poo-pi-doo!»

Curioso notar que o incendiário se transforma, aqui e ali, no moralista. *Difamação* de Hitchcock, apesar de bem realizado, representa «a maior abjecção em que pode tombar um filme». E Kyrou espanta-se pelo publico não se indignar perante o facto duma mulher se prostituir, aceitando casar com um crápula, não por amor mas pelo FBI.

Acreditamos, para lá de certos pontos controversos, que há necessidade desta explosão e desta furia. Elas só podem contribuir para desmantelar um conformismo que já tantos estragos fez no cinema e que ameaça também reinar entre os que escrevem sobre cinema. Um Kyrou e um Morin, um James Agee não se repelem, aliás, nem se excluem: são complementares e, cada um por seu lado, caminham para uma verdade final maior do que eles próprios.

Um archote na noite, pois, pela loucura saudável de Ado Kyrou. «Poo-poo-pi-doo!» (o grito de guerra de Betty Boop é «o mais imprudente apelo ao amor que ele conhece».

Exagero? Talvez. Mas com um certo sabor. Um sabor longo, tal o cinema, que vai de Fantomas a Modest Blaise.

JOSÉ VAZ PEREIRA

A CONTRA-REVOLUÇÃO AFRICANA

SAINT PAULIEN

Tradução de MAURICIO DE MORAIS

UMA SENSACIONAL NOVIDADE LITERÁRIA

O problema da negritude não só em África, mas também nos Estados Unidos e em França, analisado de maneira objectiva e imparcial por um cotado jornalista e escritor francês.

Quaisquer que sejam as suas convicções, nenhum homem bem intencionado pode deixar de ler este dramático depoimento sem se sentir profundamente abalado e impressionado.

Um volume de 307 páginas, ilustrado com fotografias ..... Esc. 65$00

EDIÇÃO DA

Portucalense Editora

À VENDA NAS LIVRARIAS

CONSIDERA-SE UM HOMEM COM IMAGINAÇÃO?

TEM FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA?

REDIGE DE UMA FORMA CLARA, FLUENTE, DIRECTA?

INTERESSA-O UMA PROFISSÃO JOVEM, EVOLUÍDA, NA QUAL TERÁ DE CRIAR PARA A IMPRENSA, A RÁDIO, A TELEVISÃO E O CINEMA?

SOMOS UMA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE NECESSITAMOS DE UM COPYWRITER DAMOS PREFERÊNCIA A INDIVÍDUOS COM O SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO. RESPONDA A ESTE JORNAL, AO N.º 419 EXPONDO, DE UMA FORMA SINTÉTICA, O SEU «CURRICULUM» E OS MOTIVOS DA SUA CANDIDATURA.

JOGO E PERCEPÇÃO

por Rocha de Sousa

AS CONDIÇÕES de trabalho propostas por António Ferraz e Paizana são pràticamente inéditas no nosso meio e revelam uma disciplina apreciável. Durante a sua exposição na Galeria Quadrante, olhada por alguns com uma certa displicência, tivemos oportunidade de falar com um dos autores e de verificar que o trabalho apresentado continua a corresponder, nos seus aspectos gerais, a uma conjugação de esforços e a um programa de reflexão cativante pelo método que pressupõe e pela coerência com que se desenvolve. *A nossa preocupação não reside no brilho exterior dos materiais, mas numa efectiva possibilidade de estudo.* Esta afirmação confirma-se na obra apresentada, verifica-se no «diário» que a acompanha, e põe de facto o problema da transitoriedade da experimentação, do seu movimento no tempo, da sua resposta a exigências de conhecimento. Para além de uma fidelidade à permanência dos materiais nobres ou definitivos, a principal característica do trabalho experimental de Ferraz e Paizana mede-se no exercício que explica um processo de entendimento dos fenómenos da percepção e das realidades do espaço. O resultado que se traduz numa leitura dinâmica e criativa é mais importante do que a sedimentação da obra num lugar perene, imobilizada no tempo. Essa obra tem de ser a tradução do próprio tempo, exigindo na sua apreciação um compromisso de leitura que se mede cronológicamente: os objectos, quer do ponto de vista passivo quer do ponto de vista dinâmico, são eles próprios acção mensurável ou acção potencial, exaltando ou contestando os dados da percepção, iludindo as aparências, propondo uma intervenção cujo carácter lúdico suscita determinados comportamentos criativos por porte do observador.

O itinerário desta experiência pode de certo modo apreciar-se numa nota introdutória que António Ferraz escreveu no seu trabalho teórico:

A abstracção valeu como reflexão. Engendrou equações que trouxeram a possibilidade de uma nova linguagem. Por ela começamos a entender-mo-nos dum modo diferente perante uma obra plástica. A verdade do que está no quadro — o que este é — adiciona-se á verdade vivida exteriormente a ela. Não pretende substituir-se-lhe, convidando a uma atitude contemplativa dum falso deleite estético. Um elementarismo de linguagem impõe-se-nos neste momento. Só nos é possível um progresso efectivo através de simplificações e de uma recolha dos elementos básicos.

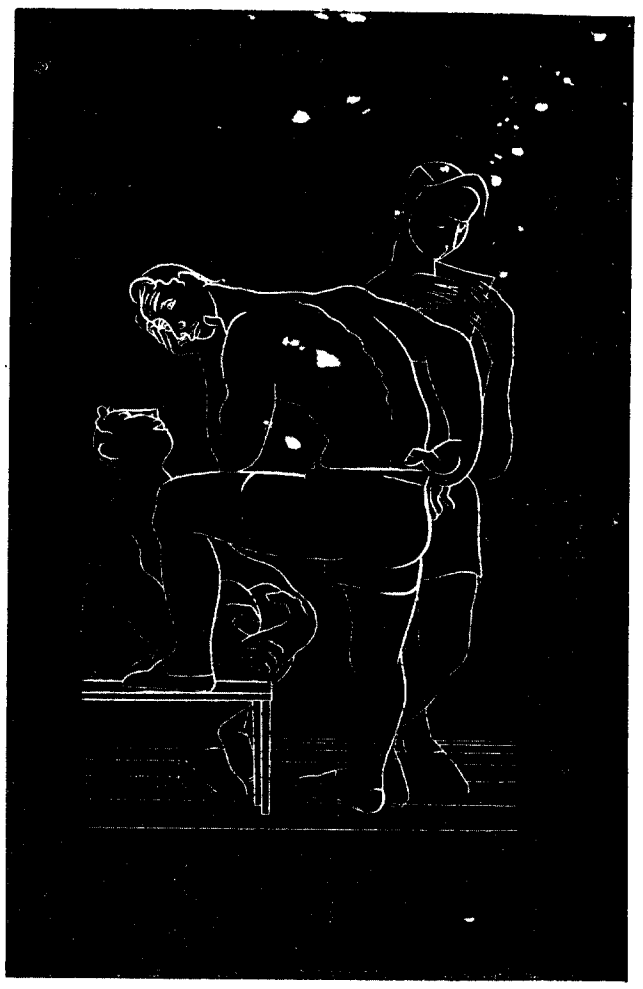
AS VERIFICAÇÕES NECESSÁRIAS

As notas de António Ferraz contêm a espinha dorsal de uma doutrina de trabalho, são em si mesmas um esboço para um trabalho de equipa. Olhando o autor na sua tímida justificação da obra proposta compreendemos que a juventude do seu compromisso não exclui a seriedade e a comovente convicção de que é preciso arrumar as ideias abdicando dos excessos, do brilhantismo gratuito, do espectáculo demagógico. *Faço os meus apontamentos nestas folhas, coleccionо tudo o que é susceptivel de reflexão. Não se trata apenas de arrumar as coisas que vou ponderar, é também uma forma de ter a minha cabeça arrumada.* Nos nossos dias, o artista dificilmente pode abdicar deste trabalho coordenador, da sua técnica de pensar, estudando os fenómenos para além do seu aproveitamento poético. A existência do inexplicável numa obra de arte não deve impossibilitar o artista de estabelecer uma atitude vigilante, e quase de carácter científico, em relação aos problemas de ordem estética que a sua experiência possa sugerir.

António Ferraz e António Paizana, que partiram do reconhecimento dessa circunstância, fizeram algumas verificações iniciais que os conduziram a uma indagação progressiva e devidamente balizada. Interessados pelo objecto pela análise da forma e do espaço, pela exploração do factor tempo e pela realidade do movimento, tiveram de programar um trabalho de pesquisa através de elementos que na sua relação sumária, resumissem a possibilidade de separar os resultados e a possibilidade de estes serem estudados no tempo próprio.

Nos trabalhos que pretendemos actualmente executar, o espaço físico do objecto projecta-se para fora da dimensão física deste. A breve trecho, o espaço e o tempo são conjugados nesta reflexão. *O espaço terá de existir necessàriamente como o tempo; este faz funcionar o objecto, mas sempre em relação a esse espaço. Porque, se o espaço é o sitio onde se encontra algo ou onde é possível colocar algo, se-*

Cont. na pág. 6



Almada: gravura em acrílico (1963)

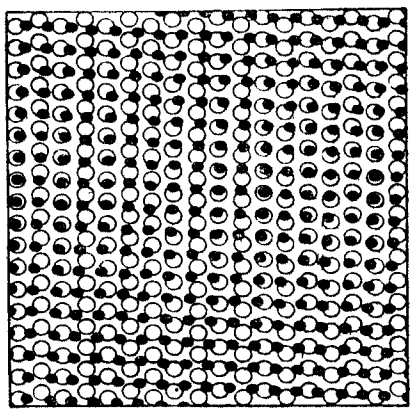
Gravura Portuguesa Contemporânea

O «Centro Cultural Português de Paris», da Fundação Calouste Gulbenkian, editou recentemente o catálogo da «Exposição de Gravura Portuguesa Contemporânea», inaugurada em Novembro de 1969 na capital francesa. Esta exposição, testemunho de um dos aspectos mais vivos da renovação da arte moderna em Portugal, foi demonstração clara de que a gravura, como meio de expressão, constitui uma verdadeira escrita e, nesse sentido, permite aos artistas utilizar técnicas que conferem novas direcções à sua inspiração.

O catálogo, com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão e nota sobre a Sociedade de Gravadores Portugueses, de Armando Vieira Santos, apresenta uma capa com gravura de João Hogan, incluindo a reprodução de 84 gravuras dos artistas portugueses, entre os quais figuram Almada Negreiros, Santiago Areal, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Fernando Calhau, Manuel Cargaleiro, Lourdes de Castro, Bartolomeu Cid, Fernando Conduto, Navarro Hogan, José Júlio, João Abel Manta, Sá Nogueira, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Júlio Pomar, Victor Pomar, Júlio Resende, Nikias Skapinakis, etc. O catálogo, que foi organizado pelo pintor Paulo Ferreira, que se encarregou também do arranjo global da Exposição, contém ainda notas biográficas sobre todos os artistas representados.

ARTISTAS DE HOJE

António Ferraz



EM 1959 entra para o grupo de iniciadores do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, sob a orientação de Waldemar da Costa. Expõe pela primeira vez em 1960, com o grupo do C. A. P. no Museu Machado de Castro. Expõe nesse mesmo ano no Salão da Queima das Fitas (menções honrosas em pintura e escultura). Volta a expor em Vila Franca de Xira e em Lisboa, no Instituto Superior Técnico.

1961: exposição em Coimbra, de poesia ilustrada. 1963: primeira exposição individual no Museu Machado de Castro, Coimbra. VI Salão de Arte Moderna da S. N. B. A., Lisboa. 1965: expõe na Galeria Borges, em Aveiro. Participa no Salão de Artes Plásticas da Queima das Fitas, obtendo o 1.º Prémio de Pintura. 1966: exposição «14 pintores», em Coimbra.

Visita em 1967 a exposição Picasso e do movimento Dada. Estabelece aí os primeiros contactos reais com a arte cinética, que virá a integrar parte das preocupações da sua obra futura. 1967: volta a expor em Lisboa com Paizana e em Cascais. 1968: exposição de equipa em Coimbra com Paizana, apresentando objectos. Exposição com A. Paizana em Lisboa, na S. N. B. A. Participa no concurso da Sociedade Guérin (artes plásticas), obtendo o 3.º Prémio. 1969: expõe com Paizana em Mação e participa na exposição promovida pelo Banco Português do Atlântico. Integra-se igualmente num grupo que expõe na Galeria Quadrante.

1970: exposição de equipa com A. Paizana, na Galeria Quadrante.

A parte mais significativa da obra de António Ferraz, autor que pertence (pelo aparecimento e pela tendência) à geração mais recente, começa pràticamente por volta de 1967 e traduz-se no plano de uma indagação conduzida em torno do «objecto», numa verificação do espaço, do tempo, do movimento, e das condições reais em que a percepção se altera e se enriquece. O carácter metódico da sua pesquisa faz-se sobretudo numa proposta de trabalho em equipa, que realiza com António Paizana. Os seus objectos têm a propriedade de se constituir instrumentos que inscrevem uma função didáctica, no jogo que desencadeiam junto do espectador, comprometendo-o numa acção verificadora e criativa.

GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, SÁ NOGUEIRA E CONDUTO,** numa exposição de aplicação de tecidos, vitrais e «objectos», segundo uma linha que se dirige de um modo particular a novas tendências de consumo.
GALERIA *JUDITE DACRUZ* *Rua do Alecrim*	**JOÃO VIEIRA,** pintura e objectos, numa tentativa de renovação empreendida pelo autor em torno dos problemas habitualmente postos pela sua pintura.
GALERIA *DE ARTE MODERNA* *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**NOÉMIO RAMOS,** um jovem autor com pintura que se inscreve numa linha neofigurativa, procurando penetrar irònicamente na realidade envolvente, aí se comprometendo.
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO FERRAZ e PAIZANA,** numa exposição em que o trabalho de equipa aparece enunciado e em que a criação de objectos dinâmicamente articula os problemas do espaço e da percepção.
GALERIA 111 *Campo Grande*	**JASMIM,** com obras recentes. **EDUARDO NERY,** numa exposição em que a sua obra volta a esclarecer-se e a esclarecer-nos, retomando irònicamente a falibilidade do olhar e a necessidade de reinformar a visão.

In memoriam — Ofélia

«We know what we are, but know not what we may be» — palavras de Ofélia em *Hamlet*.

SABEMOS O QUE SOMOS. O tiro ou a espada que o matou ouviu-se agora. Já chegaram os vinte mil combatentes, sobem ou não a escadaria, entram por um deserto de mármore e ordenam o cortejo dos esquifes. Onde a consciência, árdua e só, se consome, onde os corpos perdem os seus gestos de uma vida, nesse espaço vago entra o exército ocupante, vibram as lanças, as urnas são levadas ao pequeno cemitério local. A ocupação fez-se. Antes, ele tivera na mão uma adaga ou uma espada, no duelo (alguém destilara veneno como se fosse um ofício; procurara no bosque a dormideira, na prensa manual escorrera o óleo da semente, acendera o fogo, verificara a transparência da retorta, deixara os fumos exalarem-se, perfizera o tempo necessário à destilação lenta, pesara a densidade do líquido pastoso, chegara ao ponto perfeito da aderência deste à bainha da arma) no duelo, trocara a sua espada por essa, a do anterior alquimista, e ia ouvindo a mãe *ele está gordo, cansa-se neste jogo de armas* que vinha até junto de si enxugar-lhe de suor a fronte e os sobrolhos. Antes, negara mesmo as razões de um crime, porque a extrema razão de um crime é a negação absoluta. Ouviu a mãe gritar *um rato*, assim são os gritos (os de uma mãe), sacudir-se a cortina pesada, nem sequer rente ao solo, sacudir-se alto como se a agitasse um insecto enorme dos bailados não dessa corte mas da do rei-sol (de França) e o arremesso da outra espada à cortina fez esguichar o sangue do cadáver de um velho. Por isso arrastara o corpo depois com a ponta do pé, vendo como o temor de uma pequena besta roedora que era uma emoção potente e trocava a harmonia da consciência pela angústia, como de todo esse imenso movimento de terror, da voz de uma mãe perante o seu filho, não se pusera a descoberto a criatura mínima fugidia — esse rato — mas o homem. E sabemos que o exército chegado subjugou a população, já enviou os seus arautos aos adros e os fez bramir as mesmas palavras dos editais, já ordenou instrução nocturna: vão a arrastar-se pelas valas, abaixam as cabeças entre os fogos reais, espoletam as granadas, revestem a gan-

ga de pó seco ou lamas. Ocupou os quartéis da cidade, à hierarquia anterior substituiu a sua, tributou a população com o dízimo da guerra e logo prepara a sua marcha, o bornal com o pão e os atavios (botões, fivelas, caquis, cinturões e insígnias de posto) para o avanço desde aquela cidade ou país ocupado até outros hectares de terra de fronteira que, vistos do ponto de partida das tropas, são improdutivos, de má terra xistosa. Gritam palavras de alerta, premem o jacto das metralhadoras, e olhando a noite ininteligível com esses fogos sonoros hegel que os viu disse que sentiríamos terror do visível e do finito assim como do infinito e do absoluto.

Fiama Hasse Pais Brandão

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

CONTOS EXEMPLARES

3.ª EDIÇÃO

Prefácio de D. ANTÓNIO FERREIRA GOMES
BISPO DO PORTO

Que estes **Contos Exemplares** de Sophia sejam recebidos e compreendidos como aquilo que são: pórtico sobre o "Aberto", não apenas no sentido rilkeano, mas, para além desse, no sentido joânico da Luz que se abriu para todo o homem que vem a este mundo!
(Do Prefácio)

PORTUGÁLIA EDITORA

Sua Majestade, o Crítico Oficial

O TEOR C DA CRÍTICA I EM 19

por E. M. de Mel

ESTE ARTIGO não é mais um dos costumados e tardios balanços do fim do ano.

Este artigo é apenas um artigo em que se propõe um tipo de actividade que talvez não seja muito comum entre nós: a reflexão crítica sobre a crítica realizada num dado espaço de tempo e em determinados lugares. Assim, torna-se óbvio que algumas «regras douradas» da nossa chamada «vida cultural» terão de ser deliberadamente quebradas, em favor da objectividade e da integridade da informação. Portanto, neste artigo

1) vai-se falar de gente viva, referindo os nomes simples e directamente;

2) não se farão alusões elípticas nem se darão alfinetadas em ninguém nem haverá sequer insultos sofisticados;

3) falar-se-á de um problema bem definido: artigos de crítica publicados nos suplementos dos jornais diários de Lisboa, durante o ano de 1969;

4) não se procurará uma posição dogmática, intransigente e definitiva. Antes se pretende focar problemas e equacioná-los em aberto.

— Mas porquê apenas suplementos de jornais diários?

Porque os jornais diários têm uma maior cobertura de leitores que quaisquer outras publicações.

Porque em Portugal não há revistas literárias mas sim publicações periódicas, que têm secções de crítica literária, destinadas a satisfazer as necessidades redundantes de minorias não significativas se comparadas com o público amplo que lê e usa os jornais diários

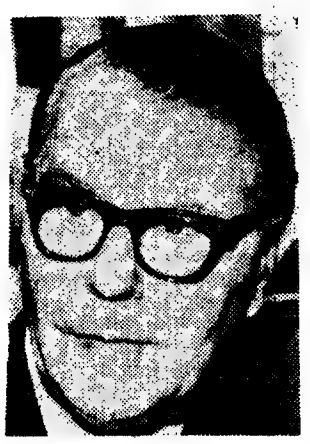
A AGONIA DAS CÁTEDRAS

Seguindo de perto a actividade dos Suplementos Literários dos jornais diários de Lisboa em 1969, dois factos se foram evidenciando e acabaram por se impor como significativos:

1) A publicação de numerosos artigos de alta qualidade não integrados numa actividade crítica institucionalizada, antes procurando uma diversidade e manifestando uma heterodoxia de nomes e pontos de vista invulgarmente válidos.

2) O enfraquecimento da crítica literária periódica, executada por indivíduos omniscientes ou por simples tiranos ou títeres.

De facto, desde há muito que essas cátedras de pseudo-sabedoria se vinham desprestigiando por sua inépcia para perceber o que de há anos para cá se vem processando na literatura criadora mundial e particularmente na Portuguesa.



I. G. Simões: impressionismo intuitivo

Esta incapacidade para perceber o que os criadores fazem é por definição de natureza anticrítica pois para se exercer uma acção crítica é necessário saber perceber e saber formular o que se lê, e mais ainda, perceber e formular o que se passa no mundo em que se escreve e em que se lê, isto é: no nosso mundo de hoje.

Ora a fórmula «crítico ex-cátedra», que vai gradualmente desaparecendo dos nossos jornais, não é de facto adequada ao mundo em que se vive, pois a facilidade de informação e a progressiva democratização da cultura e da actividade criadora entre as camadas mais jovens faz com que um público cada vez melhor informado e em vias de ampla abertura, já não esteja para aturar as xaropadas críticas dos Srs. Drs., até muitas vezes pela simples razão de que está melhor informado, ou apenas melhor preparado vivencialmente que o crítico (por não ter posições teóricas, nem preconceitos a defender) para apreciar e entender as obras novas dos novos autores.

Isto torna-se particularmente notório no que se refere à Poesia, pois dessas cátedras só resta a de J. G. Simões. Eduardo do Prado Coelho, saindo de Portugal, interrompeu o esforço quase desesperado que vinha fazendo na sua coluna do «Diário de Lisboa» para sentir e compreender a Poesia actual dentro de coordenadas e pressupostos, que embora fechados eram bem mais actualizados e claros que os de J. G. Simões! Alexandre Pinheiro Torres muito recentemente apareceu no mesmo jornal (crítica de ficção) retomando uma actividade interrompida há anos. Mas irá Alexandre Pinheiro Torres desta vez continuar a oferecer ao público a antiga dureza dogmática e a doutrinária incompreensão do fenómeno criador que que lhe eram peculiares?

A POESIA TEM PÚBLICO

No entanto a Poesia tem cada vez maior público e um público mais atento e sabedor, quer em livro quer em leituras de poemas ou até em disco (meio que só agora começa entre nós).

Mas se a crítica está agonizante por corresponder a uma época que já não é a nossa, isto não quer dizer, como já foi notado, que não haja crítica nos jornais de Lisboa. Antes pelo contrário, em 1969 publicou-se muito boa crítica e muito má crítica, mas ambas de uma espécie diferente. É que hoje sabemos que interessa mais falar de problemas do que de indivíduos, interessa mais entender o fenómeno criador dentro de uma estrutura, que considerar a obra individual em seu carácter único e privilegiado.

INFORMAÇÃO PRECISA-SE

E o público o que necessita é ser informado. Informado objectivamente das obras criadoras que vão saindo e da actividade criadora dos escritores — operários da linguagem.

A esta primeira mas importante tarefa de **informação da actividade** segue-se inevitàvelmente a necessidade da **informação problemática** das obras. Mas a informação problemática não é a indoutrinação mais ou menos fechada feita pelo indivíduo crítico. Deverá ser antes a pesquisa feita pelo escritor-crítico sobre a problemática contida nas obras em estudo. E se o escritor crítico não pode nem deve despersonalizar-se e abdicar do seu específico coeficiente de percepção e de liberdade, é certo que as obras em estudo também têm a sua existência real e a sua proble-

Chianca de Garcia: a melhor crítica do ano!

mática específica, que exige ser também respeitada.

É que o público precisa principalmente ser informado sobre esses problemas, questões, hipóteses soluções, que as obras trazem em si, e propõem ou levantam, no seio da estrutura que ele público constitui.

Ora justamente o que se observou durante 1969 foi o aparecimento de

Gra

CRÍTICO LITERÁRIA 1969

Melo e Castro

numerosos artigos assinados pelos mais diversos nomes, todos bem especificamente caracterizados, tratando de obras e de problemas culturais, cada um no seu tom próprio, mas que no conjunto constitui um enorme teor informativo e formativo comunicado ao público.

Este princípio de quase especialização aberta em que pràticamente cada autor fala do que sabe, gosta e julga, como homem, ser importante para todo o público, é certamente uma das piores críticas literárias do mundo!

DEPOIS DE J. G. SIMÕES— O DILÚVIO

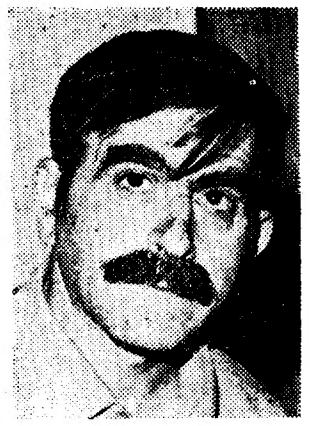
Entre os muitos artigos publicados alguns constituem exemplo flagrante de uma estrutura cultural á procura de definição, ensaiando as posições críticas que melhor se lhe ajustam, buscando a informação no momento exacto, ou debatendo-se com fantasmas ainda recentes, ou pesquisando arrojadamente os valores de poetas ainda vivos ou inquirindo àcerca da situação e acção da Poesia, ou elucidando qual deverá ser a posição do escritor numa sociedade dinâmica, ou redefinindo noções estéticas em termos vivenciais e actuais, etc.

Quanto aos artigos sobre a metodologia crítica três são significativos e definem todo um campo de hipóteses e posições interactivas:

«Do partidarismo na apreciação de Poesia» («Capital» 2.[illegible]-69) de João Rui de Sousa, «A Beleza, a Intuição e o Juizo do Tempo em função da Velha e da Nova Crítica» («Diário de Lisboa» 16-1-69) de J. G. Simões. — «Crítica e Ciência» («Diário Popular» 3-4-69) de Jorge de Sena.

Assim, J. G. Simões retoma uma vez mais a sua posição de impressionismo intuitivo mas paradoxalmente não evolutivo, pois parece só ser capaz de intuir aquilo que já desde há muito sabe e até já começa a tresler, pois na resposta ao «novo crítico» usa de um tom autoritário, «põe os pontos nos ii», etc., etc., e refere que do alto da sua «tribuna de crítica» no «Diário de Notícias» ele já disse a verdade sobre a literatura toda, etc.

Neste triste artigo de J. G. Simões, ressalta principalmente uma vontade de ter razão e de impor essa razão coco absoluta, que invalida o que de certo porventura se tiver dito. E, principalmente, teremos que notar que aquilo já não é crítica e de nada serve a ninguém: é apenas verborreia inútil.



A. José Saraiva: aprofundamento de problemas

Mas o problema da posição da crítica perante a obra de arte é bem definido por João Rui de Sousa quando escreve:

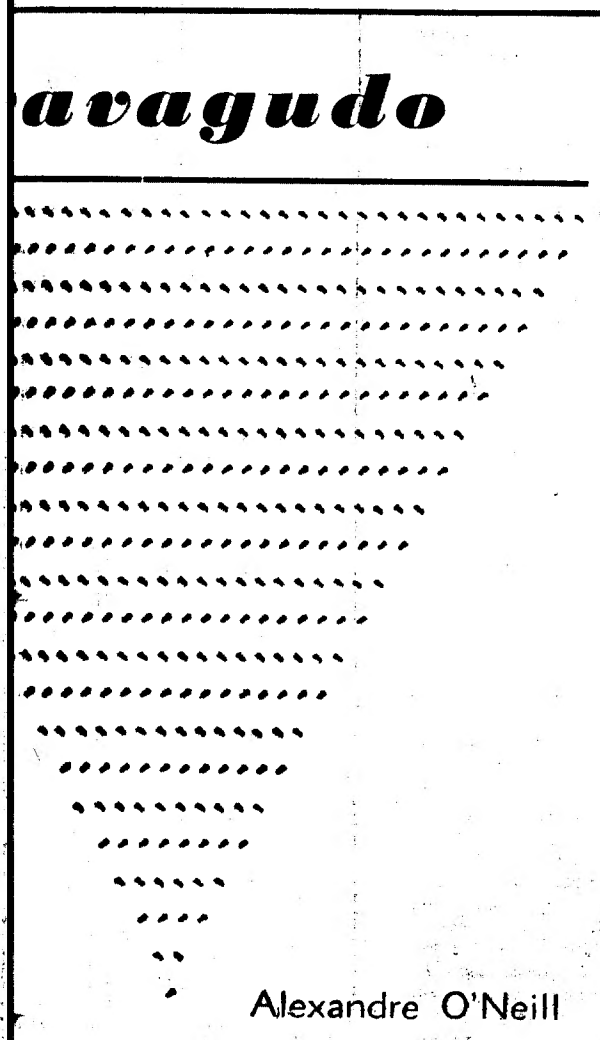
«O acto inaugural que é a criação do poema invalida, normalmente, os prejuízos que sobre poesia se possam, em cada época, inventariar. Difícil será sempre a tarefa dos que, pretendendo falar de poetas ou de poesia, não estejam preparados para todas as surpresas, para enfrentar as transfigurações de um verbo sempre em movimento, sempre moldável às novas verdades que procura exprimir, para aceitar imprevisíveis roturas na solidez de ideias consagradas ou para, muito simplesmente, adoptar uma atitude de humilde expectativa sempre que toma corpo a negação, por extrema que seja, de concepções bem enraizadas. A verdade é que, como a um relance histórico, podemos observar, como o nosso próprio presente nos sugere, que não pode haver paragem num domínio (o da poesia, o da arte em geral) que se alimenta, precisamente, dos impulsos da descoberta, da vocação inventiva.»

e numa tentativa ainda de maior rigor, Jorge de Sena no citado artigo «Crítica e Ciência» esclarece:

«Antes de mais, é preciso declarar infelizmente ainda uma coisa óbvia. Quando falo de cientificização da crítica, ou em crítica científica, por oposição a crítica impressionista, isto não significa, de modo algum, algo de semelhante às ilusões científicas da crítica positivista do século XIX. Já tive ocasião de ler que a «crítica científica» de hoje, que como muitos outros proponho e considero a única válida, não seria afinal senão essa coisa velha e que dera o que tinha a dar. Os críticos positivistas novecentistas, ao falarem em ciência, e ao pretenderem aplicar critérios «científicos» à crítica, não estavam interessados em literatura enquanto tal. Usavam simplesmente de uma projecção de termos da ciência (que apenas conheciam superficialmente, dentro do vício da divulgação, que era o deles em tudo, como ainda é dos seus descendentes) atirados para o campo literário, e, de caminho, imitavam metodologias das ciências ao tratarem de literatura, sem que a quantificação das pesquisas e das observações fizesse parte das preocupações deles. Ora é precisamente nisto que uma preocupação científica

Cont. na pág. 6

avagudo



Alexandre O'Neill

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Dois regressos: Moraes e Macedo

Com o regresso de Helder Macedo coincidiu o da colecção Círculo de Poesia da Moraes. Saúdem-se ambos, que são significativos. O da Moraes porque não estamos muito ricos de séries poéticas para dispensar o seu Círculo — nele foram publicadas obras de Jorge de Sena, Pedro Tamen, José Terra, Cristovam Pavia, Vitorino Nemésio, João Maia, António Ramos Rosa, João Rui de de Sousa, José Blanc de Portugal, José Cutileiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Alberta Meneres, Alexandre O'Neill, Ruy Belo, Vasco Miranda, Fernando Echevarria, Fernando Lemos, Nuno de Sampayo, Carlos Eurico da Costa, Salette Tavares e Ana Hatherly, e ainda dos brasileiros Murillo Mendes, Wilson Rocha e Odylo Costa, Filho, além de duas antologias («da Novíssima Poesia Portuguesa», organizada por Maria Alberta Meneres e E. M. de Melo e Castro, com duas edições, e «da Nova Poesia Brasileira», escolhida por Fernando Ferreira de Loanda). Quanto ao regresso de Helder Macedo, recorde-se que assinava desde 1957 apenas dois livros, «Vesperal» e «Das fronteiras», mantendo-se silencioso há quase oito anos. O seu terceiro volume, «Poesia (1957-1968)», fora anunciado em Setembro pelo Suplemento Literário D. L., que nessa altura entrevistou Helder Macedo. Da entrevista extraímos este passo sobre a poética do jovem autor de 34 anos: «Procuro (...) em cada poema instituir um todo orgânico que construa uma hipótese estruturada sobre o que desconheço.»

Helder Macedo: 8 anos de silêncio

Mais novidades

Há outras novidades nas livrarias. Ainda com a chancela da Moraes, «Para entender o estruturalismo», de J.-B. Fages, tradução de Miguel Castro Henriques. A Europa-América lançou numa nova colecção (N'Goma) o volume «Mangas verdes», do moçambicano Rui Knopfli. Dos lados da Dom Quixote vieram as 2.[as] edições de «Um português em Cuba», de Alexandre Cabral (6200 exemplares no mercado), e de «A Revolução de 1836», de Vítor de Sá (idem), estando anunciados, além da 3.ª edição do **best-seller** «Por onde vai a economia portuguesa», de Francisco Pereira de Moura (vendidos já 8200 exemplares, estão mais 5000 em impressão), «A arrogância do poder», de William Fulbright, «Desenvolvimento económico ou estagnação?», de Armando Castro, «A Mitologia», de Edith Hamilton, e os «Poemas escolhidos» de Samuiel Beckett, traduzidos por Armando da Silva Carvalho (francês) e Jorge Rosa (inglês).

«Conteste S. F. F.»

«Conteste s. f. f.», pede a nova equipa de «O Tempo e o Modo» no recente n.º 75 da revista. Nomes em índice: Luís Filipe Sabino, João Martins Pereira, Armando de Abreu, Vítor Matias Ferreira, Fernando Baptista, Luís Matoso (que chama ao livro de Alexandre Cabral sobre Cuba «um livro com coisas a mais»), Henrique Jorge Sabino, Jorge Almeida Fernandes, Afonso de Albuquerque, Amadeu Lopes Sabino e António Ramos Rosa, este com seis poemas originais.

As viagens de Greene

Mais um romance na bibliografia do ex-agente secreto Graham Greene: «Travels with my Aunt» («Viagens com a minha tia»). Lançado pela casa Bodley Head, de Londres, ao preço de 30 xelins, está a ser ràpidamente traduzido em França pela Robert Laffont. A tia (Augusta) parece ser uma personagem fabulosa, ao que diz Bernard Cassen num dos últimos suplementos literários do «Le Monde».

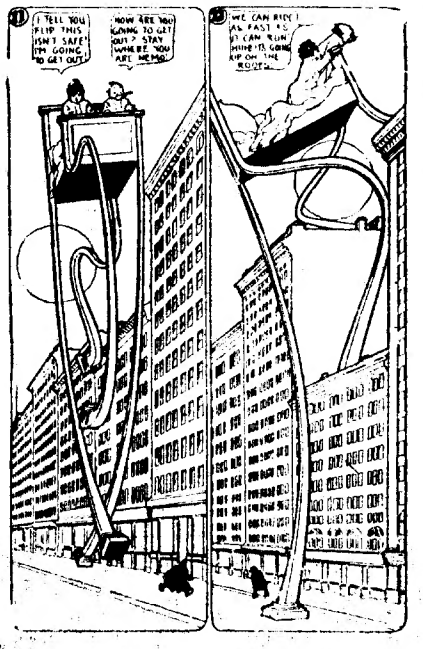
Peret por inteiro

Éric Losfeld, editor que um tanto na linha de J. J. Pauvert se tem caracterizado pela «recuperação» do surrealismo e da banda desenhada, abalançou-se à publicação das obras completas de Benjamin Péret. O primeiro volume, já dado á estampa, inclui um prefácio de André Breton e várias ilustrações de André Masson, Arp, Man Ray, Tanguy e Max Ernst — todos companheiros de aventura desse «Impossível» Benjamin (segundo a designação de Paul Eluard) que, «como revolucionário era o contrário de um político e como poeta o contrário de um literato» (G. Munis).

Graças à Losfeld, Péret ganhará assim (após alguns anos de quase anonimato) a audiência que a sua intervenção poética largamente justifica.

«Little Nemo» & outros

De França vem a novidade da tradução de «Little Nemo in Slumberland», célebre banda desenhtada de Winsor McCay que o «New York Herald» publicou entre 1904 e 1911. É um velho clássico do género e como tal se faz pagar nos escaparates gauleses: 83 francos. Outros lançamentos do princípio do ano são «Le rossignol se tait à l'aube», de Elsa Triolet, «Un jour viendra», de André Dhôtel, e «Tout homme est une guerre civille», de Jean Larléguy. Adivinha: destes três livros qual vai ser traduzido para português?



A crítica literária em 1969

Cont. da pág. central

existe, por oposição à literatice que de «ciência» se alimente como de qualquer outra coisa.

Crítica científica, hoje, é uma exigência metodológica de cálculo e de verificação das observações de modo a que as afirmações resultem disso e nisso se apoiem, libertando-as assim da contingência inverificável das opiniões divergentes. Trata-se, pois, fundamentalmente, não de assimilar o estudo da literatura ao da física, da biologia, ou o que quer que seja, como era para os novecentistas positivistas, mas de aplicar à literatura as mesmas verificações quantitativas ou factuais que são aplicáveis a qualquer tipo do conhecimento. Hoje, a matematização não é um escândalo em muitos ramos das ciências humanas, como a biologia ou a sociologia. Porque há-de sê-lo em literatura?»

Mas se estes três artigos no seu conjunto contribuem para definir posições teóricas fundamentais, outros, não menos importantes entraram afoitamente na crítica prática, arriscando a pele na pesquisa e elucidação dos problemas propostos pelas obras, ou autores vivos que mais interesse lhes despertaram. Citem-se os seguintes artigos: «A vivência experimental» por Liberto Cruz («Diário de Lisboa» 16-1-69); «António Ramos Rosa ou o excesso do real» por Eduardo Lourenço («Diário de Lisboa» 11-12-69); «Incerteza e angústia da condição humana em Casais Monteiro» por A. Ramos Rosa («Diário Popular» 11-12-69).

Sobre problemas de carácter geral refiram-se os artigos de Natália Correia no «Diário de Notícias», principalmente «Uma lição brasileira sobre a actualidade da poesia barroca» (em 17-4-69).

FORA! FORA O BARROCO!

Ainda no «Diário de Notícias», António Salvado, em 18-12-69, publica «Dobre e mardobre, acrósticas, o coudel-mor e labirintos concretos», artigo que se salienta pela evidente falta de preparação do autor sobre o assunto que se propôs tratar e lhe foi sugerido por um livro de 1743 que encontrou «por casualidade». Se me refiro a este artigo é apenas porque ele me pareceu ser um exemplo perfeito do diletantismo e oportunismo crítico que ainda existe entre nós. Se António Salvado quiser discutir em profundidade a poesia Barroca e a poesia de Vanguarda actual, estou inteiramente ao seu dispor, pois é um assunto em que me encontro particular e determinadamente (não casualmente) empenhado.

Merece ainda referência especial, pela inteligência e actualização da informação o artigo «Uma canção de D. Dinis» de Helder Macedo («Diário de Lisboa»).

Sobre autores estrangeiros são de assinalar os 4 artigos de João Palma Ferreira:

«James Joyce — Uma vida» («Diário de Notícias»), talvez os de maior conteúdo informativo publicados em 1969.

Mas já o mesmo não acontece com o artigo do mesmo autor «A execução sumária» («Diário de Lisboa» 16-10-69), em que pela incompreensão manifestada acerca da obra e vida de Dylan Thomas, quem afinal poderá ser executado é o próprio Palma Ferreira, quando autor de artigos como este!

Vergílio Ferreira: incomum reflexão filosófica

UM ADÃO PLANETÁRIO

De carácter filosófico e pela oportunidade no aprofundamento de problemas específicos da posição do homem e do escritor em 1969, citarei dois artigos de António José Saraiva, ambos no «Diário de Lisboa»: «O novo Adão» (em 19-6-69) e «Empenhamento ou alistamento do escritor» (em 4-12-69), este último verdadeiramente incisivo quanto elucidação da perene liberdade de criar.

Também o artigo de Vergílio Ferreira, «Na hora técnica», publicado no «Diário Popular» em 27-11-69, se insere num tipo de reflexão filosófica que não é nada comum aparecer nos nossos suplementos literários (aliás trata-se do capítulo de um livro de ensaios).

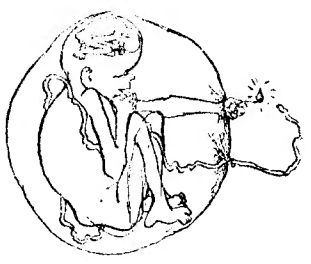
Por outro lado o meu próprio artigo «O homem planetário» («Diário de Lisboa» 24-7-69) me parece fugir às regras da informação, por vezes nefelibata e atrasada, que até há pouco era usual nestes suplementos, e contra a qual várias equipas jovens combateram, por vezes bravamente, durante 1969.

O FULANO E O DIÁLOGO

Regressando, para terminar, a artigos mais especificamente sobre a crítica de poesia desejo citar dois artigos de Gastão Cruz: «A querela dos ultrapassados» («Diário de Lisboa» 9-10-69) em que acerta no alvo com invulgar vigor, e outro particularmente infeliz chamado «Situação da poesia portuguesa» («Diário de Lisboa», 17-4-69) em que, talvez com boas intenções, comete um erro grave de interpretação de uma frase de António Sérgio: «desfulanizar as questões».

É que, segundo creio, o sentido sergiano da frase «desfulanizar as questões» não é o de imprecisamente indicar as questões «deixando ao leitor a tarefa de identificar o poeta ou poetas a que me refiro» como diz Gastão Cruz no artigo citado.

De facto, essa tarefa detectivesca da identifi-



cação do «fulano» parece-se mais com um exercício charadístico que com a ascensão aos planos abstractos da límpida discussão de ideias e da crítica aberta, e bem informada, que eram os ideais sergianos, e que acredito estarem na mente de Gastão Cruz.

Mas infelizmente não foi isso que saiu no referido artigo, em que uma intenção de classificação didáctica (necessária) foi traída talvez pelo não saber dialogar, típico das últimas décadas da nossa cultura.

Que para dialogar é necessário haver homens de lado a lado, e é necessário saber o nome desses homens para que as ideias abstractas que eles encarnam, individualizam e defendem sejam vivencialmente válidos para os grupos de homens a quem eles se dirigem ou por quem falam. É que uma das tarefas da crítica é, segundo creio, destrinçar, analisar e, finalmente, optar — tarefas bem concretas que implicam uma individualização do material a analisar (a obra de poetas neste caso), uma escolha específica de métodos, uma clara definição dos objectivos a atingir.

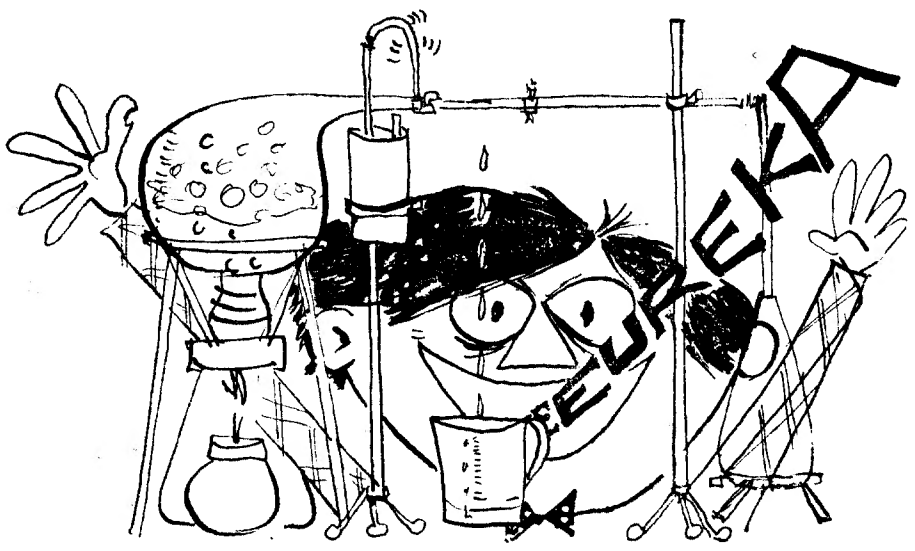
As posições filosóficas abstractas são subjacentes à actividade do crítico, mas não são a actividade do crítico. Elas só voltam a estar em causa na síntese final que resultará dessa actividade. Mas no nível do exercício crítico em que todos nos encontramos, porque estamos vivos, e somos criadores, e activos (segundo creio), é preciso fulanizar, personalizar a questão da crítica em Portugal. Então poder-se-á mais nitidamente entender a poesia, e para que ela serve.

A MELHOR CRÍTICA DO ANO

E como justamente também uma das funções da crítica jornalística é informar, objectiva e inteligentemente, não posso deixar de referir (para terminar) a «Carta do Brasil» de Chianca de Garcia, publicada no «Diário de Lisboa» em 28 de Dezembro, intitulada: «Leitora: nestas festas de Ano Novo compre livros dos novos poetas de Portugal» (sobre a 4.ª série das Líricas Portuguesas) — É que é sem dúvida a melhor crítica de poesia publicada em 1969.

E. M. DE MELO E CASTRO

II CONCURSO
PHILIPS
PARA JOVENS CIENTISTAS E INVENTORES



Se tem mais de 12 anos e menos de 21, ponha à prova a sua capacidade inventiva e espírito científico participando no II Concurso Nacional Philips.

Envie-nos trabalhos originais e inéditos sobre Física, Química, Matemática, Biologia ou Engenharia e poderá ganhar uma viagem à Holanda, com permanência de sete dias, e um prémio no valor de 12.000$00.

Peça o regulamento completo deste Concurso à
PHILIPS PORTUGUESA, s.a.r.l.
Apartado 1331, Lisboa 1

Jogo e percepção

Continuação da pág. 3

ja em movimento, seja estático, esse espaço leva-nos muito mais longe que o de uma pintura tradicional.

A DINÂMICA DO OBJECTO

A última exposição de Ferraz e Paizana confirma o itinerário neles já pressentido em anteriores afirmações. A coerência é mantida, no fundo, à custa de certas renuncias essenciais porque os autores fogem ao objecto consumível no sentido de uma integração luxuosa no quotidiano e fazem dele, pelo contrário, elemento central de uma didáctica. É por isso que se desinteressam dos materiais ricos e utilizam tão sómente aqueles que permitem o estudo dos problemas na medida de uma eficácia satisfatória. Esta atitude comporta, em paralelo, uma espécie de desmistificação do acabamento que leva ao consumo e exalta a necessidade de reflexão, dando-lhe toda a prioridade.

Os objectos em referência resolvem-se, de uma maneira geral, numa forma simples de contorno geométrico. Eles são, quase sempre, instrumentos daquela reflexão e convidam o espectador a descobrir-lhes a função, quando esta não está suplementarmente explícita. O espectador tem assim de se comprometer na sua utilização, sem o que não poderá usufruir das possibilidades encerradas em cada instrumento. Fala-se aqui de circulação no espaço e de manuseamento das formas, bem como de observação de certas associações de imagens que as construções expostas implicam. Esta intervenção é necessàriamente criadora e retira ao espectador a tendência para uma contemplação passiva, mostrando-lhe por confirmações primárias como o seu campo perceptional pode ser constantemente alterado e enriquecido, como a sua visão depende de certos ajustamentos provisórios e como a realidade não é senão o somatório dessas experiências separadas ou sobrepostas.

Localizando o homem no centro todo o resto é dado como irradiação deste. Assim também a ele condenamos, pois o transformamos também numa abstracção. E condenámo-lo também na sua capacidade de criação, pois que ele se acaba por dissolver numa falsa totalidade, em que o seu papel é o da contemplação do que dele, do seu «psicosubjectivismo» se irradia. Só na medida em que a obra de arte é outra coisa que não ele e com ele, só na medida em que a obra de arte está fora mesmo do autor e dialécticamente em relação a ele, só nessa medida é que se poderá falar de criação humana.

ROCHA DE SOUSA

Hello, Kelly

Continuação da pág. 8

principalmente, intacta quando a «revolução» do *musical* de que os seus três filmes com Donen se tornavam emblema postulava um projecto básico não consentâneo com ela e, se nunca abertamente expresso, sempre presente e *realizado* ao nível das obras: libertar o *musical* do seu carácter tradicionalmente escapista, transmutá-lo em algo que, não lhe negando a vertente lúdica, o tornasse apto a exprimir o que quisesse, lhe tornasse acessível qualquer forte empenho temático.

EM NÍTIDO RETROCESSO

Em *Hello Dolly*, Kelly terá esquecido isto (não seria já Donen o inspirador, neste sentido?) e mais não faz do que retomar — e talvez aperfeiçoar — as experiências do *musical* que efectuava até 55, ano em que — por razões inerentes à conjuntura hollywoodiana — elas tiveram que cessar abruptamente, ainda em aberto e capazes dos mais fecundos desenvolvimentos. Ao serviço da temática atrás enunciada, em nítido retrocesso em relação à das suas anteriores grandes obras, segundo os voos da sua ingenuidade. O problema é este.

Admite-se que tal ingenuidade se possa arvorar em peculiar categoria artística (certo cinema americano de antes da guerra é mesmo seu aberto tributário). Mas sublinha-se que ela é, particularmente hoje em dia, no seu anacronismo, terrivelmente limitativa em termos de criação: conduzindo, no caso de Kelly, a uma espécie de discurso que, além de se abeirar perigosamente da banalidade e do sentimentalismo deteriorado (cf. o final de *Hello Dolly*), evidencia brutalmente até que ponto o arsenal expressivo entesourado pelas mais válidas experiências do *musical* americano (do qual Kelly permanece manobrador exímio) não é levado ao extremo das suas possibilidades. No momento em que no-las deixa entrever.

A FRUSTRAÇÃO, MOMENTO A MOMENTO

Assim, todo *Hello Dolly* acaba por ser flagrante testemunho das enormes possibilidades expressivas de uma das mais estimulantes modalidades cinematográficas. Ao mesmo tempo que as frustra (e nos frustra), momento a momento, por via de um discurso que, se as implica e exige (o conteúdo de *Hello Dolly* é intraduzível em termos que não sejam os do *musical*), apenas as esgota numa ínfima parte.

Barbra, a Dolly Levy

Não se trata, pois, tanto de criticar *Hello Dolly* pelo que é: cândida e modesta elegia de uns «bons velhos tempos», irritante ou agradável mas possuindo um indubitável vigor interno e uma certa carga poética. Trata-se de sublinhar porque é que o filme, apesar do seu grande brilhantismo, está longe de constituir um desenvolvimento coerente dos grandes *musicals* dos anos 50, uma etapa regressiva na evolução da modalidade. Porque é que em suma, por si só, não anuncia o fim da crise.

O SISTEMA EM CAUSA

Seria no entanto, errado assacar as culpas de semelhante retrocesso a Kelly ou à sua ingenuidade *sui generis*. *Hello, Dolly* só é filme «com um autor» na medida em que, até por via dessa ingenuidade, transcende o resultado previsível do gigantesco empreendimento de 20th Century Fox, se colocado nas mãos de um realizador hoje rotineiro e não ingénuo (o Robert Wise de *Música no Coração*): é a própria mecânica da fabricação deste tipo de espectáculos aquilo que mais tem contribuído, pelo seu aspecto repressivo, para a sua estragnação, é o sistema que está em causa.

Até porque — não tenhamos dúvidas — a ingenuidade de Kelly, sincera pelo sistema terá sido fomentada e... abusada. Em termos de particulares conveniências, não as do realizador nem as do *musical* nem as do público.

MANUEL MACHADO DA LUZ

---

(1) cf *Talking in the Sun*, entrevista com Stanley Donen, conduzida por Colo e Bertrand Tavernier (*Positif* n.º 111, Dezembro de 69) O realizador ataca com violência as suas obras musicais na base de que são excessivamente sentimentais e pouco realistas.

SAIBA O QUE É UM TITULO DE OCUPAÇÃO

1 - Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento para rendimento ou férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2** - Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobilados e equipados. **3** - Sempre que não pretenda utilizar o alojamento TORRALTA obriga-se a pagar-lhe **8 a 12%** sobre o valor da venda, que poderá receber mensal ou anualmente. **4** - TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quizer vender. **5** - Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6** - Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação em relação às importâncias pagas. **7** - Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.

Peça informações a TORRALTA - Av. duque de Loulé, 66-A Lisboa - Telefones 51748 / 54479 / 555681

De «Serenata à Chuva» a «Hello Dolly», de intérprete a realizador, Gene Kelly marca o rumo (involuntário?) do «retrocesso» do filme musical. Mas é o sistema que está em causa...

HELLO, KELLY

por Manuel Machado da Luz

O ÚLTIMO grande período do *musical* americano haviam sido os primeiros anos 50, com Vincente Minnelli, George Cukor (abordando a modalidade já em período de crise) e, principalmente, a dupla Stanley Donen-Gene Kelly, responsável por três obras incomparáveis: *Um Dia em Nova York*, *Serenata à Chuva* e *Dançando nas Nuvens*. Depois, um silêncio povoado de subprodutos fiel e toscamente adaptando os êxitos da Broadway, cortado apenas pelo retumbante êxito de *West Side Story*.

Mas o *musical* é hoje, de novo, campeão de bilheteira. Outra vez lhe são atribuídos importantes orçamentos, outra vez se lhe abre a possibilidade da experimentação estilística (cf. o aliás falhado *Vale do Arco-Iris*) e de uma abertura a assuntos idóneos que acompanhe, mesmo que timidamente, a «revolução» temática que, com o varrer dos últimos vestígios do Código Hays, o melhor cinema de Hollywood tem vindo a processar.

Significa isto o fim da crise? As produções recentes que, numa verdadeira inflação, nos têm sido dadas a ver não suscitam grande entusiasmo e não parece que transcendam ou sequer assimilem as experiências de um glorioso e recente passado. As excepções contam-se pelos dedos e não são muito concludentes: *My Fair Lady* (Cukor), *Este é o meu Mundo* (Sidney), *Roma era assim* (primeiro *musical* americano de Lester) e pouco mais.

Stanley Donen, tendo abandonado o *musical* depois de, durante alguns anos, persistir sòzinho numa via de intransigência que deu alguns frutos interessantes mas inferiores ao seu anterior trabalho (*Cinderela em Paris*, *Brincadeiras do Diabo*), sonha com uma versão de *Hair* (o que diz muito da fundamental seriedade das suas ambições), a qual, no entanto, parece ir ser rodada por... Agnès Varda (!)

Gene Kelly regressa com *Hello Dolly*, tentativa de refúgio no que talvez seja o único passado nacional ainda susceptível de ser mitificado sem evidentes entorses de consciência.

UMA «IDADE DE OURO»

Hello Dolly é, de facto, e antes de qualquer outra coisa, a elegia de uma época e um lugar já distantes e elevados a «idade de ouro» da América; é a elegia, nos fins do séc. XIX, de um grande centro urbano (Nova York), ainda rodeado de verdes campos e ainda com a sua burguesia em fase ascendente, sem estratificações económicas e sociais totalmente consolidadas, contendo os restos de uma dinâmica de oportunidades abertas a todos a mascarar uma realidade já não (ou nunca) tão risonha (que o digam John dos Passos ou Theodore Dreiser); é, agregado a isto, sem atritos, um compêndio de temas clássicos da grande época do *musical* americano, do elogio do amor e da alegria física no ambiente das grandes «festas» do apelo (através de Dolly Levy, a protagonista) a uma vida em verdadeira comunhão com os outros. É, em suma, o suprassumo do escapismo.

Barbra-Dolly com Louis

ESCAPISMO E INGENUIDADE

Mas não entendamos a expressão num sentido estritamente pejorativo. Algo salva *Hello Dolly* de ser um mero espectáculo de evasão e lhe confere, inclusivamente, uma real densidade poética: o talento enorme de um Gene Kelly, reencontrado após longo eclipse na mediocridade, uma sua capacidade de entusiasmo e optimismo que seria tremendamente suspeita, tresandaria a má consciência por todos os poros, se não fosse o fruto daquilo a que, à falta de melhor, podemos denominar de ingenuidade: uma profunda e *sui generis* ingenuidade que não se pode confundir com o conceito em uso nas artes plásticas e só parece poder florescer no ambiente fechado das palmeiras e piscinas de Hollywood e no ambiente superfantasmagórico do *show-business*, em ambientes em que as experiências vivenciais são truncadas de base.

O fenómeno é paradoxal. No cinema de hoje, utilizam-se as aparências dessa ingenuidade como partido estético (cf. Jacques Demy), mas a sua presença real esvai-se tanto por obra dos módulos de criação adentro de uma indústria, como de uma evolução histórica e cultural cada vez mais acelerada (tanto mais que Hollywood já não consegue fechar-se sobre si própria nesse «esplêndido isolamento» que foi seu apanágio). E, no entanto, Gene Kelly mantém-na intacta. No momento em que os produtores do seu filme o promovem sabe-se lá com que segundas intenções no campo dos estupefacientes; no momento em que a própria modalidade do *musical* — de que é indiscutido especialista — a abandona e anuncia um empenho temático à beira da polémica (cf. *Roma era assim* e, mesmo, *O Vale do Arco-Íris*); no momento em que Stanley Donen, originalmente tão próximo dele, a crítica prática e teòricamente (1) se embrenha no desencanto e na amargura (cf. *Caminho para Dois* e, principalmente, ao que parece, o recentíssimo *The Staircase*) e desejaria realizar a adaptação da menos ingénua das comédias musicais (a citada *Hair*). Mantém-na,

Cont. na pág. 7

NOVIDADES LITERÁRIAS

CONTOS EXEMPLARES — Sophia de Mello Breyner Andresen
Com prefácio de **D. António Ferreira Gomes** (BISPO DO PORTO), a 3.ª edição de uma obra já clássica na nossa literatura contemporânea.
Colecção CONTEMPORÂNEA — 45$00.

TEMPO DE ORFEU — Alfredo Guisado
Prefácio de **Urbano Tavares Rodrigues**
É com orgulho que apresentamos este volume de **Alfredo Guisado**, poeta de **ORPHEU**, que mereceu a **Sá-Carneiro** as seguintes palavras: «Não imagina como me orgulho de as suas poesias se incluírem na mesma escola que as minhas e as do Fernando Pessoa».
Colecção POETAS DE HOJE — 50$00.

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL DOS SÉCULOS XII A XV — Armando Castro
Publicado agora o IX volume desta obra (prevista para 13 tomos), um monumento único de investigação e erudição na nossa Cultura.
Colecção PORTUGÁLIA — 85$00.

AS CRÓNICAS DE FERNÃO LOPES — 2.ª edição
Seleccionadas e transpostas em português moderno por António José Saraiva.
ANTOLOGIAS UNIVERSAIS — 55$00.

A CIOCIARA — Alberto Moravia — 3.ª edição
Um dos melhores romances documentais deste século: a busca da paz num meio de luto e destruição.
Colecção CONTEMPORÂNEA — 60$00.

ROBINSON CRUSOÉ — Daniel Delfoe — 2.ª ed.
O mais célebre romance do genial escritor inglês.
BIBLIOTECA DOS RAPAZES — 40$00.

MARGARIDA DESFOLHADA e MARGARIDA VOLTARÁ A FLORIR — Berthe Bernage
Reeditados dois dos mais apreciados romances de Berthe Bernage, que tanta audiência encontram no público leitor feminino.
BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — **Marg. Desfolhada**, 3.ª ed. — 30$00; **Marg. Voltará a Florir**, 3.ª ed. — 35$00.

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	DL	JVP	LA	MML	VST
Hello, Dolly (Gene Kelly)	2	1	—	2	—	4	3	1
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	3	3	0	3	3	3	3	3
Três Quartos em Nova York (Marcel Carné)	—	—	0	—	—	0	0	0
A Flor do Cacto (Gene Saks)	—	—	—	—	0	0	0	0
A Primeira Noite (Mike Nichols)	—	0	—	1	1	2	0	1
Sweet Charity (Bob Fosse)	—	—	—	—	2	4	3	3
A Morte de Um Pistoleiro (Allen Smithee)	—	1	—	2	—	3	2	2
A Louca de Chaillot (Brian Forbes)	—	—	—	—	—	0	2	0
O Ouro de Mackenna (J. Lee Thompson)	—	—	—	—	0	0	—	0
Missão no Ártico (John Sturges)	—	—	—	—	—	0	—	0
Meias Pretas (Christopher Moharan)	—	2	—	—	3	3	2	3
Os Homens de Las Vegas (Antonio Isasi)	—	—	—	—	—	2	1	—
Na Pista dos Diamantes (Don Chaffey)	—	—	—	—	—	1	—	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AdC (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); ArC (**Armando Caeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); JVP (**José Vaz Pereira**, Seara Nova e D. L.); LA (D. L. e Programa «P/B/X»); MML (**Manuel Machado da Luz**, Seara Nova e D. L.) e VST (**Vítor Silva Tavares**, D. L.).